



A LINGUAGEM COMO ATIVIDADE CONSTITUTIVA NOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZADO NAS ORGANIZAÇÕES

Luís Fernando Soares Zuin
(Organizador)



Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Luís Fernando Soares Zuin (Organizador)

A linguagem como atividade constitutiva nos processos de ensino-aprendizado nas organizações. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 161p.

ISBN: 978-65-86101-42-3

1. Estudos de linguagem. 2. Linguagem como atividade constitutiva. 3. Processos de ensino-aprendizagem. 4. Autores. I. Título.

CDD – 410

Capa: Rogério Ferreira Sgoti

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Melo (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil);



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2020

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos.

Mikhail Bakhtin

É experiência aquilo que "nos passa", ou nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.

Jorge Larrosa

para Poliana e Ana Flor

PREFÁCIO

Os onze capítulos que compõem esta obra foram desenvolvidos no contexto da disciplina de pós-graduação vivenciada no segundo semestre de 2019, no Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos (PPGCTS-UFSCar) intitulada *A linguagem como atividade constitutiva nos processos de ensino-aprendizado nas organizações*, também título desta obra. Tomados no seu conjunto, estes capítulos delineiam e consolidam a natureza intrinsecamente interdisciplinar do campo da CTS, cobrindo temáticas que abrangem desde a educação infantil, incubadoras tecnológicas de cooperativas populares, o uso de tecnologias de informação e comunicação no meio rural, gestão do conhecimento, saúde indígena, mangá, jornalismo radiofônico e as aventuras da escritora e conferencista espanhola Belén de Sárraga, entre outros assuntos que compõem o Brasil neste início de século.

A maioria dos capítulos são – explícita ou implicitamente – pautados teoricamente em reflexões das teorias que envolvem a produção de sentidos e significados em trabalhos desenvolvidos pelo filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin, assim como as importantíssimas contribuições conceituais e metodológicas dialógicas deixadas por Paulo Freire. Assim sendo, os autores instrumentalizam-nos para ver como a linguagem não é um mero “canal” para comunicar A para B, mas como ela verdadeiramente constitui processos, tanto de poder, de rotinas, e, claro, os processos de ensino-aprendizado num espectro amplo de tipos de organização, sejam estas formais, governamentais, sejam informais ou de movimentos sociais. Predomina, nos olhares inovadores desses jovens pesquisadores em processo de formação no campo da CTS, a sensibilidade para construir – delicada e reflexivamente – seus objetos e sujeitos de pesquisa a partir da multiplicidade conceitual do campo da comunicação na intersecção com o campo CTS.

Convém destacar aqui que o tema da constituição material da linguagem e sua construção social, representada em discurso, é um que também é central aos estudos sociais da ciência e tecnologia (ESCT), por sua vez situados no âmago do campo CTS, pois nesses, reconhecemos que os discursos da ciência num dado momento histórico refletem uma ou várias visões de mundo de seus autores (os pesquisadores, cientistas) e da(s) sociedade(s) em que vivem. Esses discursos científicos, portanto, somente

podem ser analisados levando em consideração seu contexto histórico-social e suas condições de produção.

Cabe aqui ressaltar o mérito e visão do Prof. Dr. Luís Fernando Soares Zuin em ter criado e ministrado a supracitada disciplina optativa para o PPGCTS-UFSCar. Uma criação muito feliz e enriquecedora para o Programa, para o qual esperamos haver no futuro novas ofertas desta disciplina, produzindo, também, análises igualmente ricas como estas da presente obra.

Enfim, você leitor (a), encontrará neste livro escrito em prosa elegante, clara e nada pretenciosa, os resultados de estudos construídos e fincados temática, teórica e socialmente no campo Ciência, Tecnologia e Sociedade, resultados esses que reforçam a pluralidade e multidisciplinaridade desse campo fascinante.

São Carlos, março de 2020

Profa. Dra. Ariadne Chloe Furnival

Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Ciência Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos (PPGCTS-UFSCar).

MINICURRÍCULOS DOS AUTORES

Amarilio Ferreira Jr.

Professor Titular do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Realizou doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e estágio de pós-doutorado em História da Educação no Institute of Education da University of London (Bolsa FAPESP). É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq e credenciado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar (mestrado e doutorado), com ênfase em História, Filosofia e Sociologia da Educação. No âmbito da pesquisa tem produzido nas seguintes temáticas de História da Educação Brasileira: educação jesuítica colonial, políticas educacionais da ditadura militar e movimento sindical dos professores da escola pública. O professor-pesquisador defende a universidade pública, laica, gratuita e de qualidade.

Carolina Darcie

Carolina Darcie, socióloga formada pela Unicamp, servidora pública da Secretaria de Agricultura e Abastecimento há 10 anos e mestranda da UFSCar na área de Ciência, Tecnologia e Sociedade. Trabalha no planejamento de políticas públicas na área de extensão e comunicação rural.

Felipe Adriano Alves de Oliveira

Graduado e licenciado em História. Atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPGCTS) pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atuou profissionalmente no Ensino Médio. Tem interesse de pesquisa e trabalhos sobre: História Moderna e Contemporânea, História Cultural, Ensino, Comunicação Pública da Ciência, Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia, e Cultura Popular.

Jéssica Palácio Arraes

Mestranda em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela UFSCar com auxílio de bolsa Capes. Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Araraquara (Uniara). Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq durante um ano.

José Lotúmolo Junior

Produtor agrícola nas áreas de leite e café na região de São Carlos. Foi um dos idealizadores do Museu Maçônico da Loja Maçônica “Eterno Segredo” em São Carlos (1997) e co-autor, juntamente com o Prof. Mário Tolentino, do livro “O Centenário de um ideal; A história da Loja Maçônica “Eterno Segredo” (2000), Graduado em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade Federal de São Carlos (2018), mestrando do Programa Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos.

Luciane Ribeiro do Valle

Jornalista formada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Puc-Campinas), Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade na Universidade Federal de São Carlos (PPG-CTS/UFSCar).

Luzia Sigoli Fernandes Costa

Graduação em Biblioteconomia pela Escola de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos (1979), Mestrado em Programa de Pós-Graduação Engenharia de Produção pela Universidade Federal de São Carlos (2001) e Doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2008). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de São Carlos e Credenciada no Programa de Pós-Graduação em Ciência Tecnologia e Sociedade (2010). Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Fontes e Disseminação da Informação. Informação Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Patrimônio histórico e desenvolvimento regional; Produção, Memória e Preservação do Conhecimento; Gestão integrada e metodologias de inventário de bens culturais e Turismo e sustentabilidade.

Luís Fernando Soares Zuin

Docente do Dep. de Engenharia de Biosistemas da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo (FZEA-USP) pertencente a área das ciências sociais aplicadas. Graduado em Zootecnia pela Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Mestrado em Medicina Veterinária na Universidade Federal de Minas Gerais e Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal São Carlos. Atua como orientador no Programa de Pós-graduação em Gestão e Inovação na Indústria Animal (PPGIIA-FZEA-USP) e também no Programa de Pós-

graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPGCTS-UFSCar). Possui projetos de pesquisa relacionados ao desenvolvimento de uma metodologia de comunicação voltada para a capacitação nos territórios rurais e urbanos, buscando auxiliar o processo de tomada de decisão para internalização de novas tecnologias nos mais variados processos produtivos. Líder do "Núcleo de estudos em ambientes virtuais de ensino e aprendizado nos territórios rurais - NEAVE rural". Também foi coordenador e autor do livro "Agronegócios: gestão, inovação e sustentabilidade", obra foi finalista do 58º Prêmio Jabuti na área de "Economia, Administração, Negócios, Turismo, Hotelaria e Lazer", no ano de 2016.

Natalia Rodrigues de Almeida

Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade Federal de São Carlos (2014), mestranda do Programa Ciência, Tecnologia e Sociedade (2019) e bolsista CAPES (2019-2021).

Poliana Bruno Zuin

Doutora e Mestre em Educação - PPGE - pela Universidade Federal de São Carlos, área de concentração em Metodologia de Ensino na linha de Processos de Ensino e Aprendizagem. Possui graduação em Pedagogia também por essa instituição - UFSCar. Realizou Pós-Doutorado no Departamento de Linguística onde foi professora voluntária. Coordena o Grupo de Pesquisa e Estudos: Práticas de Letramentos e Ensino e Aprendizado da Língua Materna. Atuou junto ao projeto durante o estágio pós-doutoral "A Tradução e os Novos Letramentos - Pacto Nacional para a Alfabetização na Idade Certa" com ênfase no uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na educação para o letramento digital?- UFSCar, participa como pesquisadora dos grupos de estudos "LEETRA", "Linguagem e Interação: o ensino à distância" e "Linguagem: teorias e práticas" do Departamento de Teoria e Prática da UFSCar. É docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar - PPGL e da Unidade de Atendimento à Criança da UFSCar, no regime EBTT de dedicação exclusiva. Possui experiência na área de Educação, com ênfase em processos de ensino-aprendizagem da língua materna. Atua nos seguintes temas: processos de ensino-aprendizagem, formação de professores nas modalidades presencial e à distância, alfabetização, letramento, formação de extensionistas rurais e práticas dialógicas.

Rogério Ferreira Sgoti

Aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPGCTS) da UFSCar. Graduação em Tecnologia em Processamento de Dados (UNESP/Faculdade de Tecnologia, Ourinhos-SP, 1998). Especialista em Desenvolvimento de Software para a Web (FEMA, Assis-SP, 2001). Especialista em Educação e Tecnologias (UFSCar, 2018). Docente na Faculdade de Tecnologia de Botucatu (FATEC).

Silvia Helena Flamini

A autora é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPGCTS) e também bacharela em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) - Brasil. Participa atualmente do grupo de pesquisa "Economia Solidária e Cooperativismo Popular" e atuou no "Programa Permanente de Gestão e Gerenciamento Compartilhado de Resíduos Sólidos e Coleta Seletiva Solidária" da mesma instituição.

Teodoro Borelli Bratfisch

Publicitário especializado em marketing, bacharel em comunicação social com habilitação em publicidade e propaganda, pós-graduado em gestão e planejamento de eventos, fundador da Associação de Bueno de Andrada para Cultura e Turismo Rural (ABATur) em Araraquara (SP), conselheiro da Associação Brasileira dos Municípios de Interesse Cultural e Turístico (AMITur), membro da Associação Paulista de Turismo Rural (ABRATURR-SP) e da Câmara Setorial de Turismo Rural da Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo.

Valdemir Miotello

Possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Imaculada Conceição [Seminário Maior de Viamão] (1974), mestrado (1996) e doutorado (2001) em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1996). É Professor Associado IV (aposentado) da Universidade Federal de São Carlos, lotado no Departamento de Letras. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Estudos Bakhtinianos. É líder do Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso - GEGe/UFSCar

SUMÁRIO

SURFANDO EM ONDAS RADIOFÔNICAS: um resgate, nada isento, sobre a construção de uma paixão	13
Luciane Ribeiro do Valle	
ILUSTRAÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA: ficção-científica, produção de sentidos e tecnociência em	26
Akira	
Felipe Adriano Alves de Oliveira Luís Fernando Soares Zuin	
DESAFIOS DO ENSINO DE CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NUMA PERSPECTIVA DIALÓGICA E EMANCIPATÓRIA	46
Jéssica Palácio Arraes Valdemir Miotello	
O USO DE TICS NO MEIO RURAL E A EXCLUSÃO SOCIAL DOS AGRICULTORES: limites e possibilidades de uma extensão rural 4.0	60
Carolina Darcie Luís Fernando Soares Zuin	
A NARRATIVA DE BELÉN DE SÁRRAGA: livre-pensamento e experiências de vida	72
José Lotúmolo Junior Luzia Sigoli Fernandes Costa	
A SAÚDE INDÍGENA E A INTERAÇÃO MÉDICO-PACIENTE	99
Natalia Rodrigues de Almeida	
GESTÃO DO CONHECIMENTO NA PESQUISA CIENTÍFICA: uma perspectiva dialógica e experiencial	109
Rogério Ferreira Sgoti Luís Fernando Soares Zuin	

O IMPACTO SOCIOAMBIENTAL DE UMA INCUBADORA TECNOLÓGICA DE COOPERATIVAS POPULARES: estudo de caso da Universidade Federal de São Carlos-SP Silvia Helena Flamini	128
VIVENCIAR EXPERIÊNCIAS: registros de saberes e fazeres em território rural Teodoro Borelli Bratfisch	140
O PROFESSOR COMO UM ARTESÃO Luís Fernando Soares Zuin Poliana Bruno Zuin	153
PRÁTICAS DIALÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma parceria professor e famílias Poliana Bruno Zuin Luís Fernando Soares Zuin Amarílio Ferreira Júnior	158

APRESENTAÇÃO

Este livro é o resultado da disciplina “CTS-065 - A linguagem como atividade constitutiva nos processos de ensino-aprendizado nas organizações” pertencente ao programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos (PPGCTS-UFSCar). Em um primeiro momento da disciplina estes capítulos foram desenvolvidos pelos alunos como um dos seus produtos exigidos. Depois de entregues passaram pela minha avaliação onde foi ofertado um conceito. Num segundo momento, com o meu incentivo e a critério dos alunos, os seus trabalhos foram oferecidos para serem reescritos com seus orientadores do programa. O leitor poderá verificar em alguns capítulos desta obra a concretização desta parceria.

O leitor também poderá observar a variedade de temas e seus cotejamentos com lugares, eventos e pessoas, que os capítulos deste livro abordam, evidenciando os vários olhares e posicionamentos dos autores, os quais contribuem significativamente com o desenvolvimento do nosso programa. Acredito que esta multiplicidade de olhares e valorações é que reside a nossa principal fortaleza, contribuindo não apenas para o desenvolvimento da academia, mas também para toda a comunidade que a coteja, em busca de uma sociedade mais justa e solidária.

Desejo a todas(os) uma boa leitura.

LF

SURFANDO EM ONDAS RADIOFÔNICAS

um resgate, nada isento, sobre a construção de uma paixão

Luciane Ribeiro do Valle¹

Perguntas e respostas. Pareceria fácil entrevistar. E, no entanto, não é. Estamos diante de um dos formatos que mais requer experiência para ser dominado. Com sábia malícia o jornalista chileno Jorge Timossi respondia a seus estudantes quando lhe perguntavam como fazer boas entrevistas: “Ter feito antes muitas entrevistas ruins”. Conclusão: praticar muito e avaliar o praticado, o que se costuma chamar de *experiência*. (VIGIL, 2003, p. 268).

Me formei no curso de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) em 1997. Século XX. O único trabalho que fiz em um computador foi o relatório final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pois os demais foram realizados na famosa máquina de escrever Olivetti. Aliás eu ainda guardo meu certificado do curso de datilografia do Senac – curso meio (totalmente) obrigatório na época. Isso explica a força que ainda emprego nos teclados dos computadores, pois as máquinas de escrever demandavam uma certa força. O lado bom também é que digito com todos os dedos, assim como eu datilografava.

Talvez eu não pertença a última, mas com certeza umas das últimas gerações de jovens que foram cursar jornalismo para “salvar o mundo”. Na época as formas mais almejadas para “salvar o mundo” eram trabalhar nos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo ou ser apresentador(a) do Jornal Nacional. Fazer denúncias e resolver as mazelas sociais do país estavam nas pautas preferidas e sonhadas. Acho também que com 17 anos em 1994 o certo mesmo era querer “salvar o mundo”. Na década de 80 eu acompanhei os vários planos econômicos² para – esses

¹Contato: lucianedovalle11@gmail.com

²“A era Sarney foi marcada por uma série de planos que não conseguiram conter o problema da inflação. As medidas, conhecidas como o Plano Cruzado, Cruzado II, Plano Bresser e Plano Verão, não obtiveram êxito para frear a inflação, que aumentava como uma bola de neve. Em um curto período que abrangeu a segunda metade da década de 80, a situação financeira se apresentava tão instável que a população brasileira teve no bolso moedas como o Cruzeiro, Cruzado e Cruzado Novo. Apesar de tais planos e alternativas para salvar a oscilante economia brasileira daquele período, a inflação e a desigualdade social ainda perduraram, fatos esses que ajudaram a década de 1980 a ser conhecida pejorativamente como a década perdida.” (Informação obtida em: <https://www.resumoescolar.com.br/historia-do-brasil/decada-perdida-1980/>)

sim – “salvarem o país”. Não votei em 1989, mas tenho um baita orgulho de falar que fui Cara Pintada³. Vivi o Plano Real⁴, antes fiz compras em Ufir⁵ e assisti pela televisão o Pedro Bial⁶ falando da queda do muro de Berlim⁷.

³ “Em 1989, os brasileiros puderam eleger o seu representante no cargo executivo mais alto de um país após 29 anos sem eleição direta. (...) Collor sagrou-se campeão no segundo turno com 42,75% dos votos. (...) em 15 de março de 1990, Collor anunciou um plano econômico. (...) o Plano Collor fracassou totalmente. (...) A recessão na economia gerou uma insatisfação popular que foi potencializada a partir de uma série de escândalos de corrupção envolvendo o governo Collor, como o “esquema Collor-PC” (...) Ciente da gravidade das acusações, Collor fez no dia 13 de agosto um discurso de improviso onde pediu que o povo saísse as ruas vestindo as cores da bandeira nacional em forma de manifestar apoio e ser contrário ao impeachment. Ao invés do verde e amarelo sugerido pelo presidente, alguns jornais circularam com uma tarja preta na primeira página e milhares de pessoas foram para as ruas demonstrar insatisfação com o presidente “Collorido”. (...) Esse movimento que foi fundamental para o processo de impeachment de Fernando Collor ficou conhecido como “Caras pintadas” pelo fato dos jovens pintarem o rosto com as cores da bandeira nacional em forma de protesto contra a falta de ética na política.” (Informação obtida em: <https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/caras-pintadas/>)

⁴ “Plano Real foi o programa brasileiro de estabilização econômica que promoveu o fim da inflação elevada no Brasil, situação que já durava aproximadamente trinta anos. (...) O Plano passou por três fases: O Programa de Ação Imediata, a criação da URV (Unidade Real de Valor) e a implementação da nova moeda, o Real. O PAI – Programa de Ação Imediata - foi um conjunto de medidas econômicas elaborado em julho de 1993, que “preparou a casa” para o lançamento do Plano Real um ano depois. (...) No dia 30 de junho de 1994, foi editada a Medida Provisória que implementou a nova moeda, o Real. Essa era a terceira fase do plano. Todo o programa tinha como base as políticas cambial e monetária. (...)” (Informação obtida em: <https://www.infoescola.com/economia/plano-real/>)

⁵ “UFIR é a sigla de Unidade Fiscal de Referência, um indexador usado como parâmetro de atualização do saldo devedor dos tributos e de valores relativos a multas e penalidades de qualquer natureza. A UFIR, criada em 1991, passou a vigorar em janeiro de 1992, época em que a inflação era muito elevada e o indexador corrigiria as parcelas a serem pagas. Até 1994 a atualização da UFIR era diária, para acompanhar a inflação. (...) Embora as leis que disciplinavam a UFIR restringissem o seu uso, o fato é que ela servia como unidade de conta para corrigir diversas outras obrigações, inclusive para correção das dívidas judiciais. A UFIR foi usada como medida de valor até o ano 2000, quando foi extinta através da medida provisória 1.973-67 de 26 de outubro de 2000.” (Informação obtida em: <https://www.significados.com.br/ufir/>)

⁶ “Pedro Bial (1958) é um jornalista, escritor e apresentador brasileiro. Estudou jornalismo na PUC-Pontifícia Universidade Católica. Nos anos 80, iniciou a sua carreira na TV Globo no programa “Jornal Hoje” e em seguida trabalhou no “Globo Repórter”. Foi apresentador do Rock in Rio II. Como jornalista, Pedro Bial fez importantes coberturas jornalísticas: a queda do muro de Berlim (1990) e a guerra do Golfo Pérsico (1991) enquanto era correspondente internacional da TV Globo.” (Informação obtida em: https://www.ebiografia.com/pedro_bial/)

⁷ “O Muro de Berlim foi um dos grandes símbolos da Guerra Fria e cercava Berlim Ocidental, isolando-a. O Muro foi construído em 1961 para conter o êxodo de pessoas que se mudavam para Berlim Ocidental. Foi construído em um dia. Separou as duas porções da cidade de Berlim, durante 29 anos. Na década de 1980, a Alemanha Oriental estava em grave crise econômica que gerava forte insatisfação na população. A falta de liberdade e o autoritarismo do governo da Alemanha Oriental também era um motivo de insatisfação. Inúmeros protestos aconteciam em Berlim Oriental e Leipzig, grandes cidades da Alemanha Oriental. A abertura das fronteiras da Hungria fez milhares de alemães irem para lá para atravessar a fronteira com a Alemanha Ocidental. A queda do Muro aconteceu após o porta-voz do governo da Alemanha Oriental anunciar a abertura das fronteiras do país. Milhares de pessoas reuniram-se ao redor do Muro no dia 9 de novembro de 1989 e, então, começaram a colocar o muro abaixo. Um ano depois da queda do Muro, a Alemanha reunificava-se e tornava-se uma só nação novamente, depois de quase 50 anos de separação.” (Informação obtida em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/queda-muro-berlim.htm>)

Por esses e por outros inúmeros motivos eu quis ser jornalista para “salvar o mundo”.

Bom, o resultado de tudo isso é que não salvei o mundo – aquele lá imaginado, estereotipado, mitificado – mas acho que continuo tentando, por outros caminhos. Resgato uma definição/explicação do jornalista Clóvis Rossi, no livro *O que é Jornalismo*⁸ que diz:

(...) uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra (...). (ROSSI, 1980, p.7).

O meu alvo, o caminho que eu escolhi, ou que me escolheu, foi a comunicação radiofônica. Minha memória afetiva familiar é permeada pelo rádio, pois meus pais sempre ouviram muito e ainda ouvem. Minha mãe era mais ligada nos programas dos comunicadores populares, tipo Eli Corrêa (inclusive foi meu objeto de estudo no mestrado) e meu pai ficava mais com o futebol, especialmente o Guarani Futebol Clube, do qual é torcedor. A minha carreira profissional também é/foi tecida pelo rádio. Desde o fato que sou professora universitária na área de rádio/áudio, o mestrado sobre um programa de rádio (do Eli Corrêa, como citado acima) e agora o doutorado⁹ com o rádio novamente como objeto de pesquisa.

Nessa comunicação radiofônica, uma das minhas atividades é apresentar programas de divulgação científica na Rádio Uniara¹⁰ FM, em Araraquara, interior de São Paulo. O formato dos programas é a entrevista, que além de ser uma técnica, é uma oportunidade de interação social, como diz Medina (2002) “A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais.” A descrição que Medina faz sobre o que é a entrevista vai ao encontro da perspectiva de Bakhtin (1999) quando aponta que a palavra é “o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana”. E sem dúvida podemos entender o uso da palavra, via entrevista radiofônica, como esse catalisador de demandas sociais,

⁸ É importante frisar que a leitura desse livro é (foi) quase unânime entre os estudantes de jornalismo.

⁹ Minha pesquisa é sobre divulgação científica no rádio.

¹⁰ “A Rádio Uniara FM, sintonizada em 100,1 MHz, é uma emissora educativa da Fundação Universitária de Rádio e Televisão de Araraquara, entidade mantida pela Universidade de Araraquara - Uniara. (...) Em termos de conteúdo de programação, a principal preocupação, desde a inauguração em 14 de março de 2001, tem sido a qualidade, uma vez que, por ser uma emissora educativa, não tem fins lucrativos e não deve se prender aos modismos ditados pela indústria da mídia (...).” (Informação obtida em: <https://www.uniara.com.br/radio-uniara/>)

culturais, econômicas, políticas e pessoais, objetivando a (des-re) construção de pontes, de trocas de saberes e significados. Vigil (2003) resume, com muita propriedade o que eu entendo por entrevista, pois:

sem entrevistas, perderíamos a espontaneidade da conversa, a força do testemunho vivo, cortaríamos as próprias raízes do conhecimento, que se alimentam de perguntas. (VIGIL, 2003. p.268).

São três programas: Universidade Aberta, BioTechNews e o Universidade Aberta Odontologia. O Universidade Aberta é um programa de entrevistas com a comunidade acadêmica tanto da Uniara quanto da cidade como um todo. As entrevistas são feitas também com entidades que promovam o bem-estar social e/ou áreas ligadas à saúde. Exemplos são Sesc, Sesi, Senac, Secretarias de Saúde, Educação, Cultura etc. É o primeiro programa que apresentei na rádio (2002) e é um dos primeiros programas que compõem a programação da emissora. Em 2017 estreamos o BioTechNews¹¹ que pertence, como projeto de extensão, ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Biotecnologia em Medicina Regenerativa e Química Medicinal. No programa entrevisto mestrandos, doutorandos, pesquisadores, professores e convidados do curso que estejam desenvolvendo pesquisa e/ou trabalhem com as temáticas do programa de pós. E, em 2018, também como projeto de extensão começamos o Universidade Aberta Odontologia que é ligado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Odontológicas. A abordagem é totalmente voltada para a área da odontologia.

É evidente que aquela garota que ia salvar o mundo continua presente em cada entrevista realizada. Digo isso porque busco colocar uma tinta própria, uma forma particular, um modo de fazer "by Lu". E eis que me encontro neste momento de dar um ordenamento para essa prática. Preciso falar do meu processo de trabalho na Rádio entrevistando cientistas, professores, enfim pessoas. Para além da metafísica, de uma suposta entidade, há um método, há quase uma receita. Essa receita funciona sempre? Ainda bem que não. No entanto tem um ingrediente que é renovado a cada nova mistura (entrevista), esse ingrediente é a experiência. Experiência se acumula, se troca. Preciso do outro, preciso do conteúdo, das subjetividades do meu par, caso não, não há troca, logo, não há experiência.

¹¹ Em outubro de 2019 o programa BioTechNews tornou-se também um podcast.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2019, p.25).

A experiência me diz que preciso deixar o entrevistado em condições de diálogo. Não é um questionamento maniqueísta. O ambiente – estúdio da rádio – às vezes intimida, às vezes distancia, dificulta o contato visual. Isso pode ser uma barreira para a empatia. É curioso porque apesar de ser uma gravação radiofônica, que implica, num primeiro momento, a não necessidade do contato visual, muitas vezes há uma dificuldade porque temos os microfones entre nós. Apesar de ser um instrumento, um objeto o fato de tê-los em frente aos nossos rostos às vezes é um obstáculo. Parece pouco, mas esses microfones causam um estranhamento muito peculiar, pois eles possuem um filtro que cobre o meu rosto e o rosto do entrevistado e fica meio esquisito no começo. Chega a ser engraçado porque o entrevistado fica fazendo uma ginástica, tipo um pêndulo, balançando o corpo de um lado para o outro para tentar me olhar. Esse relato não é um detalhe, é um aspecto muito relevante para o processo de interação que preciso para a realização da entrevista.

Refletindo sobre essas questões, aparentemente técnicas, preciso também me colocar num lugar de jornalista, de pesquisadora em frente ao seu objeto de estudo. Nesse sentido acredito que a professora Marília Amorim muito contribuiu para minha reflexão quando ela tece uma relação entre alteridade e um trabalho de pesquisa.

Todo trabalho de pesquisa seria uma tradução do que é estranho para algo de familiar. O estranhamento sendo a condição de princípio de todo o procedimento (...) muitas vezes, é necessário construí-lo. A imersão num determinado cotidiano pode nos cegar justamente por causa da sua familiaridade. Para que alguma coisa possa se tornar objeto de pesquisa, é preciso torná-la estranha de início para poder retraduzi-la no final: do familiar ao estranho e vice-versa, simultaneamente. (AMORIM, 2004, p. 26).

Isso posto, fazendo uma brincadeira de “lições para uma entrevista de divulgação científica”, a primeira seria: promover um ambiente acolhedor

para facilitar a comunicação (resolver a questão dos microfones é a primeira barreira a ultrapassar). Uma segunda lição é lembrar que se trata de um ser humano disposto a trocar experiências e merece respeito e atenção. Pode parecer um tanto ingênua essa perspectiva humanística, holística, mas definitivamente NÃO. As trocas se dão neste lugar. É esse lugar que me move, que me interessa.

O jornalista, o comunicador como agente cultural, ocupa um lugar privilegiado na sociedade – não pode se contentar em exercer a função administrativa dos sentidos já estabelecidos em qualquer instância de poder. Para renovar e criar uma narrativa rigorosa, sùtil e solidária, tanto os diversos produtores do saber científico quanto aquele que rege e articula a interpretação da contemporaneidade carecem de contato e do movimento: o corpo por inteiro abre a sensibilidade para a intuição criadora que, por sua vez, mobiliza a razão complexa para uma intervenção transformadora. E esse protagonismo humano a máquina ainda não superou. (MEDINA, 2008, p.109).

Mas e a entrevista propriamente dita, acontece quando? Como? Ela acontece depois que nos conhecemos. Eu preciso conhecer meu par, entender o motivo da estada dele ali naquele momento. Tudo bem, podemos entender que é um encontro temporário, afinal dura 30 minutos. No entanto, a discussão é sobre qualidade e não quantidade. Tem uma informação que dou para os entrevistados que ajuda muito nesse processo de integração comigo. A notícia é que a entrevista é gravada e não ao vivo. É impressionante como até a expressão facial muda. Há um relaxamento instantâneo o que facilita muito o meu trabalho.

A entrevista é séria, mas não é sisuda. Acredito em outros caminhos, menos ortodoxos, para a transmissão de informação. Não só acredito como entendo meu ofício como uma oportunidade de apresentar outras possibilidades para a troca de conhecimento, de informações.

(...) Para obter as informações ou opiniões do indivíduo com quem dialoga, o jornalista tem que superar barreiras como: os preconceitos e as opiniões próprias a respeito do objeto; a utilidade da informação para ele mesmo; as suas necessidades como ser humano no momento do contato com o entrevistado; os seus interesses pessoais; o argumento da autoridade da fonte; o senso comum; a experiência individual não testada; a bagagem cultural do indivíduo. (FERRARETO, 2000, p. 270-271).

A comunicação radiofônica por si só já demanda uma linguagem mais acessível e coloquial. Por mais que a internet seja uma mídia

irremediavelmente fundamental para o rádio, a escuta ainda é o estímulo prioritário – o rádio ainda existe para ser ouvido.

Essa questão de estar no rádio e não poder (querer) falar difícil é uma bússola da minha atividade. A comunicação precisa fluir e ser compreendida em sua totalidade. O ouvinte precisa pertencer aquele universo. Explico tudo isso porque durante a entrevista essa é minha principal preocupação: considerando a heterogeneidade da audiência estão todos entendendo o assunto discutido?

Ao contrário do que acontece com a ciência, o sucesso do jornalismo depende da clareza e da capacidade de se fazer entender por todos. Por isso prefere utilizar as facilidades criativas da narração, que incluem o uso de coisas como metáforas, analogias e explicações complementares – recursos de linguagem que o discurso da ciência rejeita. Existe, portanto, uma divergência discursiva a atrapalhar o diálogo: a ciência argumenta, num esquema retórico muito particular, marcado por elevado grau de especialização; o jornalismo narra, com as liberdades estilísticas que agregam ao texto, preservando-lhe a veracidade, a clareza e os encantos de “história contada”. Não é uma operação fácil, essa de transformar a argumentação científica em narração jornalística, ainda por cima tendo de preservar a qualidade da informação ou da revelação científica. E por ser difícil, o sucesso da operação depende dos dois lados: assim como se exige do jornalismo a capacidade de compreender e respeitar o discurso e as razões da ciência, também se espera que a ciência se capacite para lidar com a cultura e o processo do jornalismo¹².

Neste mesmo artigo o prof. Chaparro fala do rigor linguístico da ciência e de quanto os cientistas fogem das metáforas. Essa passagem para mim é bem curiosa porque faço uso recorrente de metáforas para me aproximar do ouvinte e do seu cotidiano. O professor fala também em “liberdades criativas dos esquemas narrativos” que o jornalista faz quando divulga ciência. Isso é muito interessante porque é exatamente esta a minha proposta durante as entrevistas. Busco mecanismos discursivos para promover esse diálogo micro entre mim e o entrevistado e o diálogo macro entre a produção científica e a sociedade.

O sociólogo francês Edgar Morin, no livro *A cabeça bem-feita*: repensar a reforma, reformar o pensamento, que trata dos desafios da complexidade, menciona a metáfora na literatura possuindo um valor

¹² Este texto pertence ao artigo Conflitos e Acordos entre Jornalismo e Ciência, de autoria do jornalista e professor Carlos Chaparro. Foi publicado em 2014 no blog www.oxisdaquestao.com.br de propriedade do professor citado. No entanto, neste momento o blog encontra-se sem acesso.

cognitivo que o espírito científico, nas palavras dele “rejeita com desprezo”. Seguindo essa linha de pensamento, o autor traça um potencial sobre a metáfora que vai ao encontro da minha proposta de abordagem nas entrevistas.

Ao levantar ondas analógicas, a metáfora supera a descontinuidade e o isolamento das coisas. Fornece, frequentemente, precisões que a língua puramente objetiva ou denotativa não pode fornecer. Assim, quando falamos da roupa, do corpo, do buquê, da perna de um vinho, compreendemos melhor sua qualidade do que por meio de referências físico-químicas. (MORIN, 2003, p.91-92).

E falar fácil às vezes é difícil. O se fazer entender usando somente a voz e nenhum recurso auxiliar, como a imagem, carece de uma compreensão anterior. No entanto essa compreensão anterior por vezes não existe, afinal de contas eu acabei de conhecer o pesquisador(a)/cientista – não faço ideia do assunto que vamos tratar.

Se tem um momento de frisson na entrevista a etapa é essa: quando descubro o tema. A pessoa vai explicando rapidamente do que trata a pesquisa e eu vou maquinando na cabeça por onde vou começar. É claro que normalmente eu parto do óbvio “o que é” ou do título do projeto e vou esmiuçando as partes do título para chegar no todo do trabalho. Na verdade, eu busco, digamos, uma palavra-chave que vai proporcionar o início do diálogo. Essa palavra-chave às vezes está bem clara na proposta de pesquisa outras vezes a própria explicação sobre o tema de trabalho do entrevistado é o começo da entrevista, ou como costume falar, da conversa.

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerada por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (...) É devido a esse papel excepcional de instrumento da consciência que a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for. (BAKHTIN, 1999, p. 36-7).

Aliás essa palavra chamada p-a-l-a-v-r-a me acompanha desde as aulas de radiojornalismo na faculdade. Meu professor dessa disciplina repetia toda aula para não esquecermos: rádio é palavra! Pelo visto eu não esqueci!

(...) as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das

palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. (...) O homem é um vivente, com a palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras. (...) Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (LARROSA, 2019, p.16-7).

É bom explicar também que não há edição de conteúdo, apenas estética, se precisar. Engasgos, tosses, pausas são editadas, a fala do entrevistado não. Essa também é outra informação passada aos entrevistados antes do início. Caso seja necessário realizar edição de conteúdo eu aviso com antecedência. Os princípios jornalísticos de comportamento ético balizam minha postura.

O único pedido que faço é que o entrevistado na ocasião de necessitar usar termos técnicos que busque em seguida dar um exemplo usando uma linguagem mais fácil. Essa é uma dificuldade bastante cotidiana nas gravações. Os pesquisadores normalmente comentam que talvez tenham dificuldade em explicar determinados procedimentos. Eu os tranquilizo avisando que vamos buscando aproximações. Quando ele não consegue eu chamo a responsabilidade para mim, afinal eu tenho esse compromisso de deixar a entrevista compreensível, não admito a exclusão do ouvinte. Uso, com muita frequência, um recurso mais ou menos assim: “me corrija se eu estiver errada, mas o que você está explicando é ...”. Já fui corrigida, mas, geralmente, funciona.

Não é tanto a pureza semiótica da palavra que nos interessa na relação em questão, mas sua ubiquidade social. Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre os indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apensar despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de

engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (BAKHTIN, 1999, p. 41).

Fico sempre pensando: se a conversa ficar num nível de difícil compreensão não é divulgação científica, é dificuldade científica – ao invés de promover a popularização da ciência eu vou promover o afastamento, o não interesse.

A forma como se fala atribui significado ao texto. Uma mesma frase pode expressar algo do ponto de vista do conteúdo das suas palavras em si ou, por exemplo, com um acento irônico, referir-se justamente ao contrário. As sutilezas e nuances vocais imprimem, assim, a um mesmo discurso significados diversos. (FERRARETTO, 2000, p.307).

Os desafios realmente são outros e muitos, a sociedade está freneticamente em constantes mudanças e, por consequência, os cientistas e a ciência também.

O compromisso do jornalista científico com a democratização do conhecimento coloca-o na posição de intérprete do mundo e como tal, historiador do cotidiano. O desenvolvimento de novos hábitos, novas atitudes, de uma nova cultura informativa depende da forma como divulga e interpreta o mundo da ciência e da tecnologia. (CALDAS, 2003, p.76).

Tem também uma parte que eu e meu ego gostamos bastante. É quando o(a) entrevistado(a) elogia minha pergunta. Confesso que é um momento particularmente muito bacana, pois fico feliz por achar que naquele comentário está contido uma parte do meu esforço em ser útil, em “salvar o mundo”. Claro que já não é mais aquele mundo lá da Universidade, mas é um mundo muito mais palpável e acessível.

A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está a outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra. (...) A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro. (...) Só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz da sua significação. (BAKHTIN, 1999, p. 132)

No já citado livro do sociólogo Edgard Morin ele apresenta uma diferenciação entre compreensão e explicação que dialoga, e muito, com o processo de significação “bakhtiniano”:

Vamos repetir aqui a diferença entre explicação e compreensão. Explicar é considerar o objeto de conhecimento apenas como um objeto e aplicar-lhe todos os meios objetivos de elucidação. De modo que há um conhecimento explicativo que é objetivo, isto é, que considera os objetos dos quais é preciso determinar as formas, as qualidades, as quantidades, e cujo comportamento conhecemos pela causalidade mecânica e determinista. A explicação, claro, é necessária à compreensão intelectual ou objetiva. Mas é insuficiente para a compreensão humana. Há um conhecimento que é compreensível e está fundado sobre a comunicação e a empatia – simpatia, mesmo – intersubjetivas. Assim, compreendo as lágrimas, o sorriso, o riso, o medo, a cólera, ao ver o ego alter como alter ego, por minha capacidade de experimentar os mesmos sentimentos que ele. A partir daí, compreender comporta um processo de identificação e de projeção de sujeito a sujeito. Se vejo uma criança em prantos, vou compreendê-la não pela medição do grau de salinidade de suas lágrimas, mas por identificá-la comigo e identificar-me com ela. A compreensão, sempre intersubjetiva, necessita de abertura e generosidade. (MORIN, 2003, p.93).

Nessa toada de sementeiras me coloco na perspectiva de buscar, de amplificar a prática científica tendo como preceito que o ouvinte vai receber aquela comunicação e a partir disso vai ressignificá-la e não obter aquele conteúdo como uma caixa vazia. Essa visão datada no início dos estudos a respeito de comunicação pública da ciência, que o público é ignorante e o cientista é o ente dotado de uma sabedoria suprema, há muito está ultrapassada e os comunicadores são peças fundamentais nessa engrenagem.

A ciência faz parte de nossa cultura, de nossa maneira de criar arte, de nossos medos e fantasias, de nossa prática e de nosso pensamento. (...) São necessárias, portanto, não mais “seringas” para inocular informações e noções, mas, sobretudo, bússolas de qualidade para a informação que já circula. Precisa-se não só de “explicadores” da ciência, mas também de críticos da contemporaneidade, para que a informação se torne autêntico conhecimento. Precisa-se de comunicadores que sejam catalisadores de debates e discussões democráticas, para que, cada vez mais, informação e conhecimento possam significar empoderamento, capacidade de agir, participar, decidir. (...) Eis, a nosso ver, a resposta central à pergunta “por que comunicar” e, ao mesmo tempo, o maior dos desafios para os comunicadores do século 21”. (CASTELFRANCHI, 2010, p.18).

Verifico ao longo dos 17 anos de trabalho com divulgação científica que comecei me entendendo como “explicadora da ciência” e, ao longo do tempo, fui compreendendo que essa posição não é suficiente na contemporaneidade.

Y ya en el terreno periodístico, el lenguaje, con sus múltiples posibilidades pero también con sus escollos, puede presentar el mayor de los desafíos. Recordemos que el periodismo científico implica mucho más que “traducir” la complejidad de la información científica. Obliga a un verdadero proceso de resignificación en el que deben tomarse en consideración varias dimensiones: el manejo de vocabulario y de términos técnicos (lo lexical); la articulación de las frases y lo que éstas realmente significan (sintáctica y semántica); así como la estructura y los objetivos del mensaje que producimos (la lógica del discurso). (OCA, 2010, p.33).

Quero crer que essa percepção se dá motivada por uma outra p-a-l-a-v-r-a que tenho usado com mais frequência ao longo da caminhada. Essa palavra é a experiência, pois como relata Larrosa (2019), viver deste modo é extrair essências:

A experiência seria o modo de habitar o mundo de um ser que existe, de um ser que tem outro ser, outra essência, além da sua própria existência corporal, finita, encarnada, no tempo e no espaço, com outros. E a existência, como a vida, não pode ser conceitualizada porque sempre escapa a qualquer determinação, porque é, nela mesma, um excesso, um transbordamento, porque é nela mesma possibilidade, criação, invenção, acontecimento. (LARROSA, 2019, p.43).

De certa ou toda forma esse negócio de transbordar experiências é fascinante. Consciente e inconscientemente acredito que faço isso durante as entrevistas que realizo. Afinal, Larrosa (2019) explica isso de forma, para mim, definitiva quando diz que “a experiência é sempre do singular, não do individual ou do particular, mas do singular. E o singular é precisamente aquilo que não pode haver ciência, mas sim paixão”.

O resultado é esse: momentos sempre singulares que envolvem paixão pelo que se faz, paixão em saborear cada significado de cada palavra emitida, paixão em ser e estar, paixão em compartilhar.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa, 2004.
- A RÁDIO. **Uniara**, 2019. Disponível em: <https://www.uniara.com.br/radio-uniara/>. Acesso em: 06 out.2019.
- CALDAS, Graça. Comunicação, educação e cidadania: o papel do jornalismo científico. *In*: GUIMARÃES, Eduardo (org.). **Produção e circulação do conhecimento**. Campinas: Pontes Editores, 2003.
- DÉCADA perdida 1980. **Resumo Escolar**, 2019. Disponível em: <https://www.resumoescolar.com.br/historia-do-brasil/decada-perdida-1980/>. Acesso em: 06out.2019.
- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio** - o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.
- FRAZÃO, Dilva. Pedro Bial. **eBiografia**, 2019. Disponível em: https://www.ebiografia.com/pedro_bial/. Acesso em: 06 out.2019.
- MEDINA, Cremilda Araujo. **Ciência e jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.
- MEDINA, Cremilda Araujo. **Entrevista** - o diálogo possível. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- MORIN, Edgard. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- PACIEVITCH, Thais. Plano real. **Infoescola**, 2019. Disponível em: <https://www.infoescola.com/economia/plano-real/>. Acesso em: 06out.2019.
- POUBEL, Mayra. Caras pintadas. **Infoescola**, 2019. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/caras-pintadas/>. Acesso em: 06 out.2019.
- ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- SIGNIFICADO de UFIR. O que é UFIR. **Significados**, 2016. Disponível em: <https://www.significados.com.br/ufir/>. Acesso em: 06 out.2019.
- SILVA, Daniel Neves. Queda do muro de Berlim. **Brasil Escola**, 2019. Disponível em: <https://www.brasilecola.uol.com.br/historiag/queda-muro-berlim.htm>. Acesso em: 06out.2019.
- VIGIL, Jose Ignacio Lopez. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2004.

ILUSTRAÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA

ficção-científica, produção de sentidos e tecnociência em Akira

Felipe Adriano Alves de Oliveira¹

Luís Fernando Soares Zuin

Um breve mergulho no mangá e um panorama contextual da segunda metade do século XX do Japão

Era uma manhã qualquer no arquipélago japonês, o sol estava acima do horizonte quando repentinamente um estranho brilho surge no meio de um centro urbano. Apesar de a forte luz se dissipar brevemente, o que estava para ocorrer segundos depois não era nada parecido com o sinônimo de vida proporcionado pela luz solar. Uma onda de choque se alastra por todo o território varrendo qualquer coisa que esteja em seu raio de ação pulverizando, em instantes qualquer matéria com um calor massivo devido à radiação. De uma cidade movimentada deu lugar para um cenário desértico, sem vida. Hiroshima e Nagasaki? Sim, pode também ser colocado sob a ótica desse mesmo fenômeno fatídico ocorrido em 1945, mas essa descrição faz referência a um fato ficcional que inicia a história de um mangá, o mangá Akira.

Akira é um mangá criado por Katsuhiro Otomo na década de 80, foi publicado em 1982 pela editora *Kodansha* sendo sua história dividida em 6 volumes. O mangá é disponibilizado também digitalmente. Devido ao sucesso de vendas e popularização Akira ganhou uma versão animada reproduzida em um filme lançado em 1988 tendo como principal roteirista o mangaká Katsuhiro Otomo. Tanto o mangá, quanto o filme foram publicados também no Brasil na década de 90.

A narrativa envolvendo a história de Akira se estabelece em um cenário futurista distópico, inicia-se introduzindo ao leitor sobre o desastre que ocorreu na cidade de Tókyo no dia 6 de dezembro de 1992 em que um novo tipo de bomba explodiu no principal centro de desenvolvimento urbano do país devido à Terceira Guerra Mundial.

Nas páginas seguintes há um salto temporal para 2030, 38 anos depois da explosão, e se concentra na cidade de Neo-Tókyo, cidade essa que se desenvolveu como um “satélite” da antiga cidade destruída onde centraliza a narrativa nos personagens principais da história. Os

¹Contato: felipeadriano13@gmail.com

personagens são: Tetsuo Shima e Shotaro Kaneda, os representantes de uma gangue de motoqueiros que no início da história se envolvem em brigas contra gangues rivais e confrontos com a polícia; Kai, integrante de uma organização antigovernamental que se denomina como resistência, essa organização se opõe ao governo vigente na história de Akira envolvidos com corrupção à custa das mazelas sociais; Coronel Shikijima, o representante do exército Japonês que, ao mesmo tempo, conduz um projeto científico para manipular os poderes de Akira; Masaru (27), Kiyoko (25), e Takashi (26), são as crianças que possuem poderes telecinéticos, manipulação da natureza, e telepatia, são representados por números por serem “cobaias” de um projeto científico; Akira (28), é o mais poderoso das três crianças citadas, é o principal responsável pela destruição de Tókyo e pelos interesses da Terceira Guerra pelo poder.

A obra dá início com a gangue de Kaneda visitando a antiga cidade de Tókyo, destruída pela explosão, na volta para Neo-Tókyo um acidente acontece envolvendo Tetsuo que, com sua moto, se choca com uma pessoa misteriosa no meio do caminho, essa pessoa era uma das crianças cobaias dos experimentos do projeto Akira, a criança de número 27, Masaru. Logo após o acidente ele desaparece repentinamente, dando lugar para a presença agitada dos militares liderados pelo Coronel Shikijima, que levam Tetsuo a força pra um dos helicópteros. É a partir desse fato que a história se desenvolve, pois Kaneda deseja resgatar seu amigo das mãos dos militares. Em meio a essa tentativa de resgate Kaneda conhece Kai, a integrante do movimento revolucionário, que resolve ajudá-lo a resgatar Tetsuo, mal sabem que Tetsuo está sendo usado como experimento científico e, devido a isso, ele desenvolve poderes semelhantes aos das crianças, isso acaba mexendo com o psicológico de Tetsuo que sucumbe ao poder excessivo, seu corpo posteriormente acaba não resistindo pois, devido aos implantes biônicos, ele perde o controle em um dado momento da história, transformando-o num tipo de monstro gigante com cabos que saem do seu corpo e se interligam, se espalhando por qualquer tipo de superfície.

O pano de fundo que rege as narrativas do mangá é permeado pelas manifestações e revoltas sociais, principalmente estudantis, e as constantes brigas entre gangues de motoqueiros, intervenções militares, corrupção política, e abuso do poder científico. Mas rumemos agora para um cenário real, para compreender o contexto japonês que centralizará a discussão envolvendo a obra citada.

Tóquio, anos 80, a cidade pólo do desenvolvimento industrial japonês encontrava alguns desafios frente ao seu desenvolvimento

econômico que havia se despontado durante os anos 60, dessa vez com a crise mundial devido ao petróleo dificuldades precisavam ser superadas internamente, mesmo se encontrando em uma bolha econômica de prosperidade. Ondas de movimentos sociais agitavam o cotidiano nipônico, a começar no final dos anos 60 quando os trabalhadores, partindo das minas de carvão de Miike entraram em confronto, que ocasionou algumas greves laborais em algumas cidades do país. Sindicatos ficaram encarregados de apaziguar a situação que retomou a normalidade posteriormente no início dos anos 70.

Outro problema era de ordem político-nacional, com a Guerra Fria em curso muitos japoneses sentiram que a paz estava sendo ameaçada, era questão de tempo para que fossem arrastados em um eventual conflito, pois soldados soviéticos e norte-americanos marcaram presença no território japonês. O fato do Japão ter sua força militar limitada pelos Estados Unidos no pós-Segunda Guerra, fez com que alguns nacionalistas japoneses iniciassem movimentos que valorizassem o seu país da censura estadunidense. Esse nacionalismo que ressurgia, muito incomodava o país ocidental, pois impediu que o presidente Eisenhower visitasse o país. Um dos expoentes dos movimentos políticos era os partidários da esquerda e que incentivou também a entrada da direita nas manifestações.

Diversos estudantes, principalmente das universidades, também entraram em ação usando a força, o que tornou rumos cada vez mais sérios. Alguns resultados conflitantes foram o assassinato do líder da esquerda Asanuma Inejiro por um membro da direita e, com a Guerra do Vietnã houve a criação do Exército Vermelho japonês, *Sekigun*. Com a violência nas ruas, e o confronto com forças policiais, algumas universidades encerraram suas atividades. Aliados a esse cenário alguns jovens questionavam a padronização imposta pelas políticas escolares e a pressão que lhes recaía sobre os ombros, esses jovens que se rebelavam eram tratados como “delinquentes”, e alguns deles acabaram formando gangues, *Bosozoku*, como resistência a esses padrões impostos. O problema muitas vezes girava em torno de associações de alguns membros com máfia *Yakuza*, e os comportamentos que os *Bosozoku* tinham causavam medo nas ruas de Tóquio onde andavam com sua motos em alta velocidade, e distúrbios sonoros durante as madrugada, sempre munidos com *Katanas*, facas e pedaços de madeira, alguns portando bandeiras com símbolo imperial, que era proibida.

Para acentuar ainda mais a situação, em 1973 com a crise do petróleo o Japão se viu ameaçado economicamente, pois dependia 90% da importação do petróleo pelo Oriente Médio. De acordo com Henshall (2014),

pela primeira vez o Japão viu sua economia se desestabilizando, o índice dos preços do mercado subiram 31% e o índice de consumo marcaram apenas 24%. Nesse contexto nada estável, o Ministério do Comércio e as indústrias se viram obrigados a agir para mudar a situação. Já em 1975 começou a sentir algumas melhorias com um crescimento de 4% que só aumentava a cada mês. Na década de 80, o Japão já era considerado a segunda maior economia mundial.

A prosperidade marcava as últimas décadas no país, tendo a ciência e a tecnologia como protagonistas parte desse milagre econômico. O incentivo à pesquisa tecnocientífica para o desenvolvimento, partiu logo após o término na Segunda Guerra. Para que o país tivesse uma base para se reerguer houve alocações de capital estrangeiro para as indústrias, ao mesmo tempo em que se direcionava toda a força para produção de tecnologias avançadas, e protecionismo das indústrias nacionais. De acordo com Santos (2014), foram criadas Associações de Pesquisa (*Research Association – RAs*), em que o Estado fornecia a metade de incentivos para a pesquisa e desenvolvimento (P&D). Nesse aspecto houve a criação de diversos laboratórios, centros de pesquisa, agências de fomento, e uma extensa rede de mobilidade acadêmica para que absorvesse inovações tecnológicas no exterior.

Outro fato que vale salientar foi a criação de centros de energia nuclear legalizados para fins pacíficos, aprovada pela Lei Básica de Energia Atômica. Se durante o fim da Segunda Guerra a energia atômica causou destruição e terror em solo japonês, agora estava aliada para o seu desenvolvimento, o único cuidado a ser redobrado seria da ocorrência de um novo desastre, visto que o arquipélago constantemente sofre por abalos sísmicos e tsunamis, a gestão e análise de risco tecnocientífico era prioridade. (HUKAI, 2013).

A investida do Japão sob os moldes ocidentais, de certa forma, garantiu o seu status entre os primeiros em índice de desenvolvimento humano e social sob a perspectiva capitalista, e por essa mesma razão é um dos países orientais mais receptivos ao câmbio cultural, mesmo conservando o seu modo tradicional como identidade. Para Luyten (2014) muitas manifestações artísticas, por exemplo, sofreram certo “hibridismo”, como é o caso dos mangás² e gêneros musicais, como o *enka*, que misturaram tanto características tradicionais quanto ocidentais em suas composições.

² Histórias em quadrinhos japonesas.

A questão estética e sonora é o que mais se destaca nas percepções desse processo de “ocidentalização”. Dentre tantas indústrias que se destacaram nas produções tecnológicas para a melhoria da economia, da política, e da sociedade japonesa, a que mais vai se destacar por ser um “cartão de visitas” do Japão para o mundo será o da Indústria Cultural.

Uma cultura industrializada

O termo “Indústria Cultural” foi utilizado pela Escola de Frankfurt para referenciar as produções voltadas ao entretenimento e comunicação de massa, portanto, pode se compreender que essa indústria é um sistema de produção sob os moldes do capitalismo, ou seja, modelo de mercado, que se propõe a fornecer produtos de consumo para toda população. (ADORNO, 2002). Esses produtos incluem: revistas, programas de TV, cinema, animações, literatura, músicas, games, e também a internet, pois ela oferece plataformas que veiculam esses produtos e oferecem comodidade aos consumidores.

É preciso destacar que ao se referir com termo “cultural”, faz-se referência à forma estruturada de convívio e significações sociais, portanto, mutável. A cultura não é estática, ela se diversifica em determinada sociedade, sua subjetividade traz consigo diversos elementos de apropriação. No caso da indústria cultural apesar dela mercantilizar seus produtos, ao serem disseminados na sociedade acaba por ganhar um novo significado, cuja expressão cunhada para se dirigir a esse fenômeno social, ou melhor, aos produtos que dela se destacam, é a da “Cultura Pop”. A diferença é que essa expressão está ligada às manifestações sociais que resultam das produções da indústria cultural, aos quais diferentes grupos sociais se identificam com determinadas obras, principalmente as dos cinemas, animações, games e músicas. Esses consumidores se assumem como fãs, estabelecendo uma relação de apreço. Em alguns casos podem até influenciar na produção de um determinado conteúdo, caso haja uma mobilização social. (LUYTEN, 2014; ORBAUGH, 2009).

Dentro do nicho da Cultura Pop, há outra diferenciação quando se volta para os produtos da indústria cultural japonesa, que é a da “Cultura Pop Japonesa”, tem os mesmos sentidos já mencionados, mas se concentra nas produções de origem nipônica, sendo os mangás, os animes (animações), games, os *tokosatsu* (séries de heróis, filmes, e músicas). De certa forma, a cultura pop japonesa angariou uma legião de fãs em várias partes do mundo, que voltaram seus olhares para o Japão, tanto que muitas

delas aprendem a língua, ou viajam para o Japão devido a esse processo nipo-cultural. (LUYTEN, 2014).

Vale destacar que o termo “pop” dessa cultura vem de popularização, diferente do termo popular, do sentido “cultura popular”, pois os vetores são diferentes, enquanto que a primeira é uma cultura originada para o povo, a segunda é uma cultura do povo. De acordo com Favero (1986), o movimento da cultura popular é promovido com a participação do povo que assume compromisso de representatividade, e são carregadas de valores e significados profundos, ela é horizontal, por isso não depende de uma construção “fabricada”, verticalizada, como é o caso da cultura pop.

O entretenimento é um dos objetivos fundamentais da indústria cultural, mas ela vai mais além do que simplesmente entreter, muitos desses conteúdos podem estar carregados de significações e produções de sentido sendo possível através da comunicação. Assim sendo, há um processo comunicacional que tem o potencial de informar o receptor/consumidor dessas “mensagens”, ou pode também alienar, vai depender do receptor/consumidor e do teor narrativo dessa produção. (MORIN, 1972).

A questão ficcional e o elemento *cyberpunk*

A Ficção-Científica é uma das temáticas que mais carrega esse tipo de mensagem em seu conteúdo, presente tanto na literatura, quanto em audiovisuais, pois ela é permeada por situações fantásticas, que se baseiam nas construções da realidade. De acordo com Piassi (2007), existem dois estilos principais dentro da ficção-científica que norteiam as narrativas, sendo a ficção “hard” e a ficção “soft”. A hard tem como base as práticas das ciências biológicas e exatas, ou seja, histórias que são compostas por temas da genética, robótica e tecnológicas. Já a soft, abordam conteúdos baseados em mobilizações sociais, causas filosóficas ou históricas.

O objeto de análise ao qual o texto se relaciona, no caso, o mangá Akira, se encaixa tanto no perfil hard, quanto no do soft, pois em sua constituição abarca uma distopia com relação à tecnologia, a ciência, e também com a sociedade imersa nesse cenário. Para entender o conceito de “distopia” tomamos por princípio o conceito de “utopia”. De acordo com Eco (1989) a utopia seria a projeção temporal de um imaginário ideal, onde tudo seria de acordo com o planejado, harmonioso, portanto, a distopia seria o inverso disso, seria uma projeção temporal, mas fadado a decadência, um futuro desarmônico e conflitante. Nesse sentido, diante da obra em

discussão, o gênero *cyberpunk* é o principal gênero que conduz a narrativa do mangá e o classifica nos estilos ficcionais citados.

Segundo Lemos (2004), o *cyberpunk* é um estilo narrativo da ficção-científica que faz menção a um futuro distópico dominado pela alta tecnologia (*high-tech*), mesmo tendo avançado em desenvolvimento científico e tecnológico não pôde superar as desigualdades e os problemas que permeiam a sociedade. As terminologias unificadas relacionam o *cyber* com os processos da biotecnologia, máquinas cibernéticas, tecnologias da informação e comunicação, e o poder abusivo da ciência por parte de um governo fortemente militarizado, enquanto que o *punk* se relaciona com o movimento punk inglês dos anos 70 que pregava a autonomia, “Do it yourself – Faça você mesmo” (tradução nossa), ou seja, no caso do gênero literário em questão a autonomia está associada a uma sociedade falsamente controlada fadada ao caos social.

Ao se referir às relações estabelecidas entre a máquina e o humano, sendo um fator que rege o sentido “cyber”, faz-se ligação com o termo ciborguismo, principalmente quando se relaciona com o “biônico”, tal como ocorrido com o personagem Tetsuo na obra. Para Haraway (2009), o ciborgue pode ser considerado como um processo de hibridismo entre um organismo e uma produção tecnológica, sintética, fazendo parte integrante desse corpo. No pós-modernismo isso tornou-se cada vez mais recorrente, todos nós fazemos parte desse processo híbrido, desde tomar uma cápsula medicamentosa até a utilização de próteses biônicas, somos todos ciborgues.

O pensamento em torno desse movimento humano-tecnológico é também chamado de *biohacking*, como a ideia da atuação da tecnologia atual com o corpo humano, tendo em vista uma melhor performance desse corpo. Outro conceito que permeia esse pensamento é o do “trans-humanismo”, ou seja, partindo do conceito do ciborguismo, o trans-humanismo seria a projeção do corpo vivo, natural, para um novo processo de significação, um corpo que domina a sua própria natureza, e que supera qualquer limitação para a realização de algo. Não se trata de valorização do corpo, mas de aperfeiçoamento, de desempenho. (KAWANISHI; NAGAI LOURENÇÃO, 2019).

A representação da experiência da mente por trás da obra

Katsuhiro Otomo nasceu no ano de 1954, na cidade japonesa de Miyagi. Desde criança já desenhava e, a partir disso, pretendia trabalhar futuramente com mangás. Foi então que ao finalizar o ensino médio decidiu

mudar-se para Tókyo em 1973 após receber uma proposta para trabalhar em um projeto de mangá. Vivendo em uma região conturbada da capital, nesse momento Otomo estava no centro das diversas manifestações que estavam ocorrendo na história do país. Em uma entrevista realizada pela Forbes em 2017, ele esclareceu que sua experiência, enquanto residia na capital, auxiliou para dar embasamento narrativo para produção do mangá Akira. Nesse momento consideráveis obras cinematográficas norte-americanas como, por exemplo, “2001: Uma Odisseia no Espaço”, também serviram para discorrer sobre a evolução da tecnociência e da sociedade humana. (BARDER, 2017; LUYTEN, 2018).

A questão dessa experiência envolvendo o mangaká induz para uma subjetividade marcada principalmente pelo sentimento, aquilo que lhe tocou no momento em que começou sua obra, aquilo que lhe passou. Quando aborda o conceito de experiência a ligação que se faz é com a realidade do indivíduo, uma realidade que está além da sua capacidade de controle, ela é primeiramente exterior para posteriormente ser individualizada, interiorizada. Para Larossa (2011), a experiência pode até ser exterior, mas o lugar dessa experiência sempre vai ser o “eu”, ou seja, o indivíduo. Dessa forma ela se manifestará nas palavras, nas ideias, nas representações, no saber, nas intenções, portanto, ela assume um movimento de ida e de volta, de ida, pois ela se passa no exterior, nos fatos nos acontecimentos, e depois na volta, pois retorna ao seu agente afetado pela exterioridade. Volóchinov (2017) coloca que, tudo que acontece envolvendo um indivíduo pode tornar-se material, com significações ligadas às suas expressões, e estando ligadas as suas expressões seu discurso ganha valor emocional.

O mangá Akira, nesse aspecto, é a materialização das experiências vividas por Katsuhiro Otomo, pois representa, e expressa fatores que dialogam com a realidade presenciada pelo autor. Esse diálogo, de acordo com Barros e Fiorin (2003), se constitui através da comunicação dialógica gerada pelo exercício da experimentação, e elementos constitutivos da intertextualidade. Com isso, a dinâmica se desdobra entre o enunciador e o enunciatário do texto, ou seja, o leitor, ou entre o enunciador e suas bases de relação textual em que sua obra irá se basear.

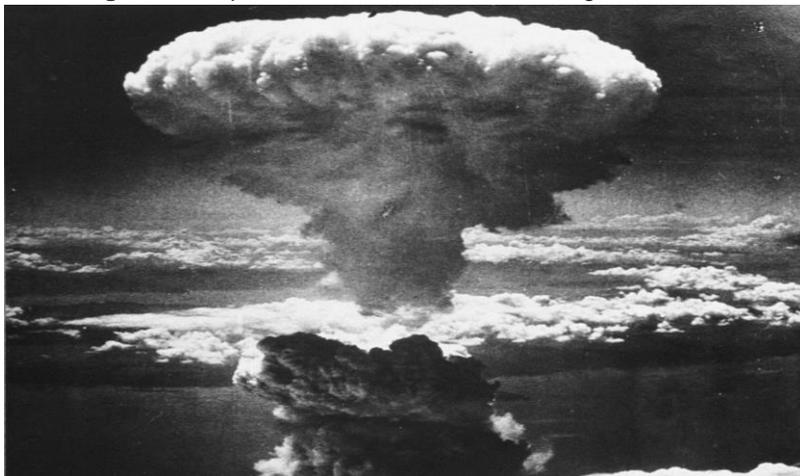
Dada a produção de sentido no texto, cabe ao leitor, ou enunciatário, fazer o uso da interpretação dos sistemas que envolvem os signos que a narrativa dessa obra pretende passar, para que assim os sentidos possam ser compreendidos. Assim, os cruzamentos e as interações referenciais – intertextualidade – são internalizados pelo leitor enquanto vozes do autor. Nesse processo é possível identificar duas

características principais da comunicação dialógica: a polifonia e a monofonia.

A polifonia caracteriza-se pela diversidade das vozes narrativas presente em uma narrativa histórica, os personagens que fazem parte dessa constituição têm autonomia em seus diálogos, cada um deles possui diferentes pontos de vista, ou posicionamentos ideológicos. Enquanto que na monofonia os personagens incorporam somente a voz do autor. Em Akira compõem-se as duas formas, em que o mangá em sua totalidade exprime elementos contextuais do Japão da década de 70 passando a experiência de Otomo de modo ficcional, portanto, monológico, e sua voz se pluraliza para os demais personagens do mangá que assumem diferentes posicionamentos discursivos, ou seja, polifônico.

Akira em imagens, entre a realidade e a ficção-científica.

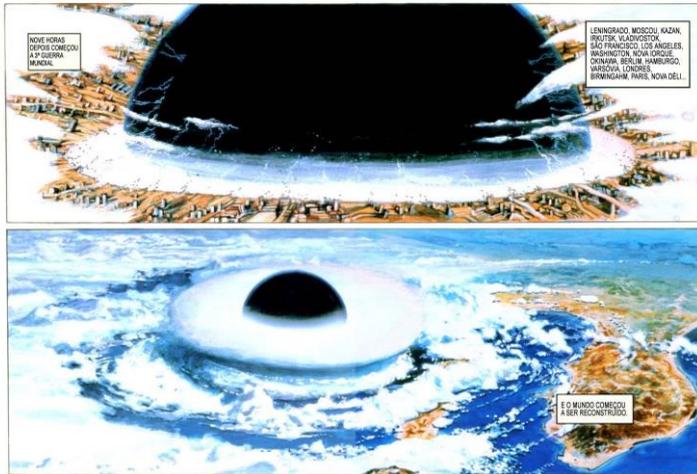
Figura 1 – Explosão da bomba atômica em Nagasaki - 1945



Fonte: Terra.com³

³Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/bomba-nuclear-de-hiroshima-a-historia-da-explosao-da-bomba-atmica,61d5729779f315e35dd34667bb4f91e6pqn8RCRD.html>. Acesso em: 10 de out. de 2019.

Figura 2 – Explosão na cidade de Neo-Tókyo



Fonte: MangaHosted.com

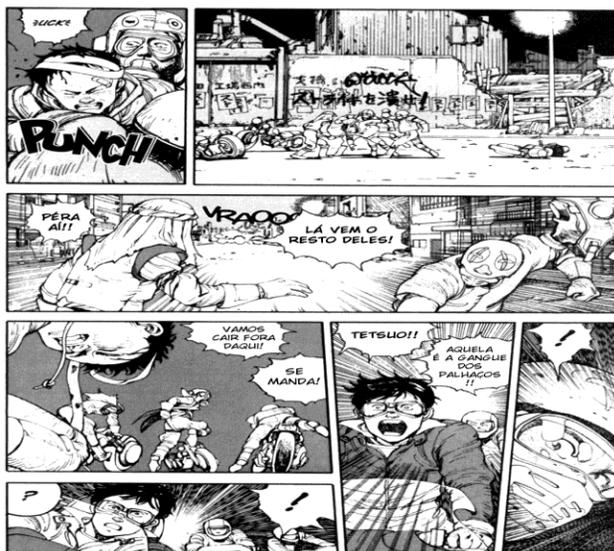
Figura 3 – Uma das gangues Boso-zoku do Japão na década de 80



Fonte: CollectiKult.com⁴

⁴Disponível em: <https://www.collectikult.com/boso-zoku-myth-japanese-subculture/>. Acesso em: 15 out. 2019.

Figura 4 – Trecho do mangá Akira retratando o conflito de motoqueiros



131

Fonte: MangaHosted.com

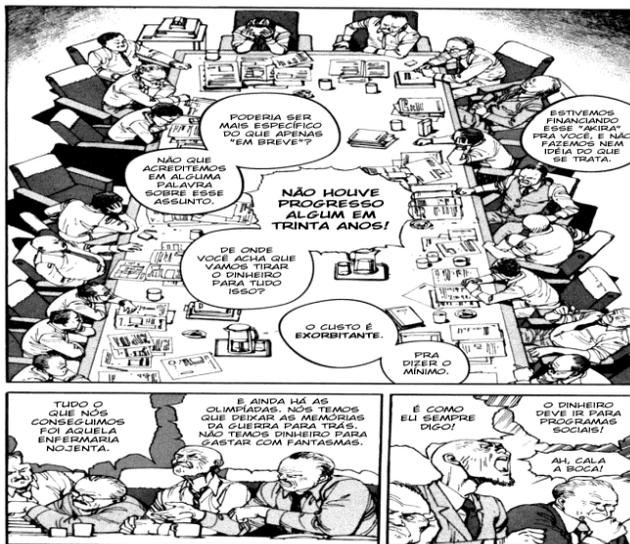
Figura 5 – Manifestantes japoneses da Zengakuren



Fonte: Castudentunion⁵

⁵Disponível em: <https://castudentunion.wordpress.com/2012/05/14/a-japanese-student-union-zengakuren/>. Acesso em: 15 out. 2019.

Figura 6 – Membros políticos discutem sobre a segurança nacional



165

Fonte: MangaHosted.com

A ciência e a tecnologia: uma percepção da tecnociência em Akira

Uma característica marcante das narrativas da ficção-científica é sobre como a ciência é abordada, a projeção que se faz é de uma ciência ultra desenvolvida, não há limitações para ela, é em geral, descolada com a realidade: viagens no tempo, colonização de planetas além da nossa galáxia, mutações humanas ligadas à capacidade de manipulação da natureza, universos paralelos e realidade alternativa. Além da imagem estereotipada que se tem do cientista, sendo uma pessoa excêntrica, sempre vestida com jaleco, rodeada de tubos de ensaio e equipamentos de ultima geração para realizar seus experimentos, que na maioria das vezes está na contramão da ética. Eles podem levar a humanidade num sentido utópico para o desenvolvimento pleno, ou levar para um destino trágico, distópico, mas em ambos os sentidos esses cientistas são controlados pelo governo de alguma forma. Esse é o típico padrão da ficção em abordar ciência, apenas percebida de forma imaginada.

Quando se dá abertura para uma ciência embasada no imaginário ela vai além das expectativas e de seus limites reais, depositando essa

imaginação para as áreas vinculadas a medicina, astronomia, química e biotecnologia, ou seja, as “ciências duras”. Vale ressaltar que, o interesse pelas atividades científicas é alto pela população, e por esse motivo ela tem seu espaço na ficção. Para Siqueira (2002), por mais que o interesse nesses assuntos seja em grau elevado, ela ainda é mal compreendida e sua distribuição social é desequilibrada. A ciência em qualquer parte do mundo não é divulgada como deveria, isso resulta em representações fundadas em estereótipos, mesclando-se com um caráter de poder seguido de desenvolvimento, ou passível de um desastre, um misto de admiração e hostilidade.

Ao se concentrar em Akira os procedimentos científicos abordados na história representam claramente o enquadramento da ciência diante do perfil reproduzido ficcionalmente. As crianças são retratadas apenas como objetos, e armas de alto potencial destrutivo, juntamente com Tetsuo que é seqüestrado pelo exército. As experiências realizadas são antiéticas, não consideram a saúde, e nem o consentimento humano como prioridade, e tudo isso sob o comando de um cientista supervisionado por um chefe de segurança do estado para garantir o poder do Japão.

Trazendo para a realidade, essa perspectiva vai contra o que foi proposto por Merton (2013) ao se referir sobre o que se praticava enquanto ciência durante os anos da Segunda Guerra Mundial, sob a chefia dos representantes de estado dos regimes totalitários, de acordo com ele a ciência deveria seguir uma diretiva de seu *éthos*: compartilhada enquanto conhecimento público (comunalismo), não ser particularista, seja por gênero, nacionalidade ou outra característica pessoal (universalismo), não pode haver nenhum interesse em particular, por nenhum grupo seletivo (desinteresse), não pode afirmar algo sem ter provas (ceticismo organizado).

De acordo com Azevêdo e Salles (2012), a ética na ciência apenas é estabelecida quando o “outro” é percebido e valorizado enquanto humano. Com isso a ciência é regulamentada e limitada a obedecer protocolos, para a ética o valor humano é relevante e precisa ser respeitado. Em Akira é possível observar que o contraponto da narrativa são as vozes dos protagonistas que quebram essa tensão, em que Kaneda e Kai lutam pelo resgate de Tetsuo e a relação de amizade que estabelecem com as crianças, juntamente com o relato de como eles viviam antes de serem cobaias.

De certa maneira, Katsuhiko Otomo focaliza seu discurso narrativo na produção de um sentido permeado pelo “aviso” em que o abuso do poder entre o estado e a tecnociência podem trazer riscos sociais. O sentido

monofônico presente na obra se estabelece na voz de Otomo sendo projetada nos protagonistas. Diante desse aspecto, o discurso sentimental e humano nas vozes de Kai, Kaneda, e das crianças, é o da amizade significando, dessa forma, os laços sociais em meio a um distúrbio e objetificação do humano pelo poder do Coronel Shikijima e seu assistente cientista, em outras palavras, o sentido ético da valorização humana aparece como contraste.

Em um dado momento da história, o garoto Akira participa do cenário e novamente torna a destruir a cidade, tirando de cena o cientista e o poder do Coronel, que agora se encontra sem aliados para continuar exercer seu poder, além de uma cidade novamente destruída e reduzida ao caos completo. Dessa vez, quem retoma o controle e abusa do poder é Tetsuo que passa a exercer domínio sobre o Akira manipulando-o. Tetsuo que agora controla seus poderes por meio de pílulas oferecidas pelo cientista antes da cidade ser destruída manipula também os cidadãos que sobreviveram ao desastre, através do medo ameaçando-os com o seu poder e o de Akira. Esse momento da concentração do poder por Tetsuo retoma a discussão abordada por Haraway (2009) sobre o processo ciborgue e o pós-humanismo, um corpo que transcende a natureza humana sendo mais capacitado. Não apenas Otomo, demais produtores de ficção trazem essa referência de poder do corpo pós-maquina em seus conteúdos.

Caminhos de uma metodologia: o sentido da experiência nos personagens principais.

Tomando como referência metodológica os autores, Moya (1977) e Eisner (1989), eles exploram todas as características que são elementares em uma história em quadrinhos. Além do processo textual que serve como base para que os acontecimentos da história fluam, os diálogos se fazem necessários para se construir uma narrativa que dá seguimento para essas obras, já que o significado de “história em quadrinho” é um seguimento narrativo de ilustrações sequenciais. Logo, o que dá movimentação para o aspecto visual são as ilustrações, nelas são compostas as expressões faciais, os movimentos corporais, os aspectos figurativos dos materiais, o cenário que se encontram, e os jogos de signos. (EISNER, 1989; MOYA,1977). Os quadrinhos, nesse aspecto, podem ser explorados metodologicamente como uma análise de conteúdo.

Como já foi discutido a questão de comunicação dialógica entre o mangaká e seus personagens, nesse momento explorar-se á os sentidos dentro de cada personagem envolvido em Akira, apontando as diferenças

entre eles, seus anseios, e seus sentimentos, que refletem a voz de Otomo enquanto produtor dessa história. Para isso será descrito cada característica da página do mangá em questão, sendo sistematizada por tabela, a imagem em referência estará visível nos anexos, o foco da comunicação dialógica em Akira serão nos capítulos: 1 (parte onde os personagens principais se apresentam e o cerne da história se consolida), 4 (a história tem uma reviravolta, onde a ordem vigente de uma sociedade é desmantelada por um momento trágico), e 6 (parte final da história de Akira, em que as revelações sobre os personagens mais misteriosos – as crianças – acontece, e o desfecho se estabelece).

Quadro 1 – Contextualização dos eventos envolvendo os personagens principais da trama

Cap.	Pág	Descrição
1	52	Nessa cena é possível notar no primeiro quadro que o personagem Takashi (26) fica encurralado com a presença de Kaneda, pois o responsabiliza pelo acidente envolvendo seu amigo Tetsuo.
	53	Sentindo-se sem saída, o personagem Takashi libera seus poderes destruindo parte das construções ao seu redor, vindo a desabar em cima de Kaneda e seus companheiros.
	88	Sentindo os poderes de seu amigo, Masaru (27) vai ao encontro de Takashi (26) a mando do coronel Shikijima para que faça parte da reunião das crianças como parte da concentração e controle de seus poderes, pois não pode viver com um humano comum.
	123	Após ter sido um experimento inicial, Tetsuo retorna para seus amigos, nessa cena focaliza na conversa entre o cientista e o coronel a respeito de Tetsuo e de como ele está lidando com seus poderes.
	154	Tetsuo por vontade própria, já consciente de seus poderes, retorna com a equipe do coronel para o laboratório onde é submetido a um estímulo de seus poderes, no último quadro o cientista pede para que seu auxiliar aumente o nível do estímulo para um grau muito elevado, mesmo com certo protesto do seu auxiliar devido às consequências que podem gerar no corpo de Tetsuo.
	158	Nessa cena é apresentada a personagem Kiyoko (25), após acordar de um sono ao qual ela relata seu sonho para o coronel, dizendo que tinha se conectado, de certa forma, com Akira.

	166	O coronel convoca uma reunião com os políticos de Neo-Tókyo, e devido à preocupação com o retorno de Akira, ele exige que haja investimentos de verbas para continuar seus experimentos.
4	21	Após o despertar de Akira (28), e uma segunda explosão ocorrer devido a morte de seu amigo Takashi (26) por um membro da resistência, Neo-Tókyo encontra-se em ruínas e em uma situação decadente. Para controlar o que sobrou da população, Tetsuo, já controlando melhor os seus poderes, passa a manipular a população ameaçando matar aqueles que se opuserem, usando a pessoa de Akira como um imperador a ser respeitado, estando ao lado dele.
6	352	Akira volta a se mostrar instável e seus poderes novamente saem fora de controle, resultando em uma terceira explosão, envolvendo também os poderes de Tetsuo, dessa vez Kaneda e Kai estão no epicentro dela. Em uma experiência quase morte, Kaneda entra em contato com a mente de Tetsuo e de Akira, visualizando a história de vida de cada um deles. Nesse momento questionamentos sobre o sentido da vida e a evolução humana passa nas visões de Kaneda.
	363	No ápice dessas visões, Kaneda entra em contato com momentos antes das crianças se tornarem cobaias, visualizando não apenas as três, mas várias outras crianças que falharam nos experimentos e não sobreviveram. A imagem de Kiyoko (25) ganha a cena e ela conversa com Kaneda sobre o sentido e a importância da amizade e da união, mesmo em momentos difíceis em que eles passaram.
	368	Antes da visão acabar, sobra apenas as memórias finais de Tetsuo, em que Kaneda o encontra quando criança, e diz que sempre quis ser seu amigo.
	421	Com a morte das crianças e de Tetsuo, sobrando supostamente apenas Akira, Kaneda e Kai encontra o restante da gangue de motoqueiros e se reúnem para defender o que sobrou do arquipélago japonês, pois os norte-americanos e soviéticos estavam se aproximando. Kaneda e Kai declaram uma “restauração” do império japonês e ameaça enfrentar qualquer estrangeiro que pisar no território.

Fonte: Elaboração do autor.

Os personagens aqui abordados são as chaves para compreender as relações de interesses de cada um. No decorrer da narrativa dos capítulos iniciais há conflitos entre eles, mas da metade para o final da história convergem para um único sentido, que é da união e dos laços

afetivos, mas tudo isso acaba sendo minimizado e fragmentado pela corrupção, pelos interesses individuais, e a ambição por poder.

Para Kaneda e Tetsuo o sentido de suas experiências estava na tentativa de se rebelar contra um sistema que dizia o tempo todo, tanto para ele, quanto para seus amigos, que deveriam se enquadrar no comportamento exemplar de um cidadão japonês, sem reclamar de nada do que estava em curso no contexto de seu país, a rebeldia desses dois personagens é que possibilitou que a história em Akira desse andamento, eles se destacam por não serem simples cidadãos padronizados, e que buscam junto com os laços afetivos entre eles e seu grupo, quebrar um paradigma social.

Mas para Tetsuo isso tem uma mudança quando ele passa a fazer parte dos experimentos, sua afinidade, sua humanidade se apaga, dando espaço para a arrogância e sede de poder, torna-se um “peão” do tabuleiro imposto pelo governo corrupto e manipulador de Neo-Tókyo. Nos capítulos finais, notando a desvantagens de ser aliado ao grupo do coronel, Tetsuo se alia a Akira, apenas para satisfazer suas potencialidades. Isso somente é quebrado quando sua experiência de morte se aproxima devido à grande explosão final, sua mente se conecta com a de Kaneda e se revela que mesmo mantendo as amizades ele era solitário e triste.

A mesma tristeza e solidão acompanhavam as crianças da qual faziam parte da manipulação do coronel, a infância lhes foi tirada, que de um momento para outro se viam apenas como objetos científicos, sem identidade enquanto indivíduos que tinham uma vida para desfrutar, que em decorrência a essa perda de afetividade infantil, tiveram um destino marcado por perdas daqueles que mais amavam. Sem terem em quem se espelhar, Masaru, Kiyoko e Takashi tomaram o coronel como uma figura “paterna”.

O coronel Shikijima é refém de seu próprio contexto, e para se manter no poder precisa exercer sua autoridade, há nele um tipo de afeto pelas crianças que é difícil colocar devido suas ações que parecem entrar em contradição, elas se bipolarizam entre manipulação e cuidado. Mas quando ele exerce esse comando sob Tetsuo, o que se observa são apenas o controle e manipulação, o coronel não dá amostras de qualquer interesse na personalidade de Tetsuo.

E por fim a Kai é uma personagem que se envolve com Kaneda gradualmente. No início da história há diferenças em seus interesses, de uma peça fundamental para seu grupo de oposição da ordem política vigente, estando a passar informações para seu grupo sobre as experiências do governo envolvendo Akira, acaba de aliando com Kaneda

pela salvação de Tetsuo, e no final do mangá já passa a estar ao seu lado na tomada de decisões, já que devido às explosões houve a dispersão de seu grupo de opositores.

O conceito de experiência individual passa a ser parte integrante de cada personagem, que se diversificam pelas suas visões de mundo, por aquilo que lhes tocaram e vivenciaram. Tais sentidos são transmitidos por esse dialogismo comunicacional desenvolvido por Otomo ao colocar significados em suas ilustrações, o que de acordo com Eisner (1989), as imagens podem ser lidas como um texto que se revelam ao leitor e lhe produz sentidos. Os quadrinhos têm o poder de mexer com a capacidade de interpretação do leitor que quanto mais ele compreende o seu campo de leitura, juntamente com a noção contextual, mais sentidos farão parte da sua decodificação.

Considerações finais

O mangá Akira mesmo sendo um material voltado para entretenimento, alimentando uma parte do consumo da indústria cultural se mostra, ainda hoje, uma importante obra referência do gênero da ficção-científica, em que o autor se baseou por meio de outras obras para se constituir e, posteriormente, veio a ser um material de influência para demais produções, criando uma teia de conexões textuais, a intertextualidade. Essa obra quando analisada profundamente, possibilita identificar fragmentos, discursos das experiências vividas pelo seu produtor que, ao colocar seu sentimento nas ilustrações nos passa mensagens e sentidos, podendo ser interpretadas sob a ótica bakhtiniana das interações discursivas através da comunicação dialógica.

Suas ilustrações e narrativas conduzem ao imaginário de um japonês preocupado com os andamentos que o seu país estava rumando naquele contexto, mostra alguém que não queria passar pelo mesmo desastre que seus antepassados tiveram ao estar num cenário de guerra, de dor e sofrimento que em instantes foram pulverizados por não uma, mas duas bombas por causa de uma demonstração de poder e, momentos depois desse desastre histórico, sobraram apenas seus sobreviventes desamparados, que lutaram para se restabelecer enquanto sociedade, e conseguiram, mesmo em meio às dificuldades e a continuação dessa hostilidade bélica com aspecto diferente da guerra anterior, não por um conflito diretamente armado, mas uma guerra de ideologias políticas e corridas científicas para intimidar seus oponentes. Todo poder tem seu preço, e Otomo mostra em Akira que a sociedade civil é quem sofre com as

conseqüências desse poder. Entre a realidade e a ficção, Akira comunica e dialoga com seus leitores mais atentos o que está implícito em suas páginas enquanto produção de significados.

Agradecimentos

Em consideração a todos os elementos que constituíram o presente trabalho, sendo as orientações do professor Dr. Luís Fernando Soares Zuin, ao processo de pesquisa das fontes e a oportunidade de poder estar sendo publicado pela editora Pedro e João, o presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Assim sendo, fica também o agradecimento por esse apoio, e pela oportunidade de publicação.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- AZEVEDO, E. E. S. de; SALLES, J. C. (org.). **Ética e ciência**. Salvador: Academia de Ciências da Bahia, 2012.
- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BARDER, O. **Katsuhiro otomo on creating “Akira” and designing the coolest bike in all of manga and anime**. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/olliebarder/2017/05/26/katsuhiro-otomo-on-creating-akira-and-designing-the-coolest-bike-in-all-of-manga-and-anime/#77b7fea66d25>. Acesso em: 19 out. 2019.
- BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (org.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- ECO, U. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- EISNER, W. **Quadrinhos e arte seqüencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- FAVERO, O. **Cultura popular e educação popular**: memória dos anos 60. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HENSHALL, K. G. **História do Japão**. Lisboa: Edições 70, 2014.

HUKAI, R. Y. Lições do Japão sobre energia nuclear. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 27, n. 78, p. 273-276, 2013.

KAWANISHI, P. N. P.; LOURENÇÃO, G. V. N. Humanos que queremos ser. Humanismo, ciborguismo, e pós-humanismo como tecnologias de si. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 58, n. 2, p. 658-678, 2019.

LAROSSA, J. Experiência e alteridade na educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, jul./dez. 2011.

LUYTEN, S. M. B. Mangá e anime: ícones da cultura pop japonesa. **Fundação Japão em São Paulo**, São Paulo, p. 1-11, mar. 2014.

MERTON, R. K. **Ensaio da sociologia da ciência**. São Paulo: Editora 34. 2013.

MOYA, A. de. **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1977.

MORAN, E.; SCHAEFFER, P.; HALL, S. **Cultura e comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1978.

ORBAUGH, S. Manga and anime. In: BOULD, M. *et al.* **The Routledge companion to science fiction**. New York: Routledge, 2009. cap. 12, p. 112-122.

OTOMO, K. **Akira**. Disponível em: <https://mangahosted.com/manga/akira-mh40264>. Acesso em: 22 nov. 2019.

PIASSI, L. P. de. C. **Contatos: a ficção-científica no ensino de ciências em um contexto sócio cultural**. 2007. Teses (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SIQUEIRA, D. C. O. Ciência e poder no universo simbólico do desenho animado, In: VOGT, C.; GOMES, M.; MUNIZ, R. (org.). **ComCiência e divulgação científica**. Campinas: UNICAMP, 2018.

DESAFIOS DO ENSINO DE CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL NUMA PERSPECTIVA DIALÓGICA E EMANCIPATÓRIA

Jéssica Palácio Arraes¹
Valdemir Miotello

No contexto da prática pedagógica crítica podemos identificar uma presença vibrante do ensino das ciências humanas, porém torna-se um desafio tratar das ciências naturais sem promover um discurso positivista ou racionalista. Neste artigo abordaremos a questão do ensino de ciências na educação infantil numa perspectiva emancipatória e dialógica e dos desafios enfrentados por educadores diante de um contexto tradicionalista de educação que ainda persiste na sociedade da informação.

Educação como caminho para a emancipação

Para Adorno (1995) uma democracia demanda pessoas emancipadas, e para que ela seja efetiva há necessidade da emancipação ser inserida no contexto educacional. Assim como Paulo Freire (2018), Adorno enfatiza a necessidade da emancipação por meio da educação para a libertação de pensamento e da opressão da ideologia dominante, ambos abordando a educação numa perspectiva dialógica, horizontal e como prática de autonomia e liberdade, além de tratá-la como um processo contínuo e permanente durante toda a vida, sendo que com a conscientização supera-se a alienação e a opressão.

Adorno ainda critica a sociedade que mantém o homem não-emancipado, pois qualquer tentativa de emancipação sofre resistência e oposição daqueles que, preferindo a manutenção do *status quo*, acusam de utópica qualquer tentativa de superação da alienação do ser humano. Para Volóchinov (2018), numa perspectiva marxista da linguagem, a palavra reflete sensivelmente as mudanças mais sutis da existência social, pois o signo ideológico reflete e refrata a realidade. Porém, para o autor, a ideologia dominante tende a atribuir um caráter eterno e superior à luta de classes, bem como a ocultar o embate das avaliações sociais em seu interior, enfatizando a verdade do ontem como se fosse a verdade do hoje.

Assim como Larrosa (2015), Adorno também critica a falta de aptidão para a experiência da educação tradicional e que “esta aptidão a

¹Contato: jessica-plc@hotmail.com

experiência constitui propriamente um pressuposto para o aumento do nível de reflexão. Sem experiência não existe propriamente o nível qualificado de reflexão” (ADORNO, 1995, p. 150) e ainda afirma que a educação para a experiência é o mesmo que educação para a emancipação. “Pensar a educação a partir da experiência a converte em algo mais parecido com uma arte do que com uma técnica ou prática.” (LARROSA, 2015, s/p) O autor ainda argumenta que a relação entre ciência e técnica remete a uma perspectiva positiva, enquanto a teoria e a prática remetem a uma perspectiva política e crítica do ato educacional, sendo possível uma “reflexão emancipadora” somente neste contexto.

Assim também para Freire (2019) educar se torna um ato político, tratando-se de um posicionamento democrático e reflexivo da teoria e da prática, aproximando cada vez mais o que é dito e o que é feito, estabelecendo uma coerência nas atitudes diárias, que, sendo democráticas, não podem negar o diálogo horizontal e confundir autoridade com autoritarismo. Ele ainda defende que um educador que respeita a leitura de mundo do educando recusa “a arrogância cientificista, assume a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica”. (FREIRE, 2018, p. 120).

Ciência, linguagem e experiência na infância

A infância constitui um período fértil de curiosidade e criatividade na vida do ser humano e estes atributos podem ser facilitadores da criação de uma cultura científica desde cedo na vida das crianças, mas para que seja efetiva deve-se adequar a linguagem ao universo infantil, partir de uma contextualização para que os conceitos façam sentido e elas possam contribuir com a construção do conhecimento através da experiência vivida.

Para Jobim e Souza (1995) há a necessidade de uma nova concepção de linguagem que recupere a originalidade do tratamento das questões humanas e sociais. Desta maneira busca-se a compreensão do papel da infância e a discussão do mal-estar da vida adulta na modernidade. A autora destaca a necessidade de um rompimento com os paradigmas positivistas nas ciências humanas. Para tanto há a necessidade de ressignificar a própria linguagem e a infância, recuperando o “valor da experiência sensível na relação do homem com a vida” (JOBIM; SOUZA, 1995, p. 160). Larrosa (2015) define a experiência como algo que nos passa, nos acontece e nos toca, e afirma que “nunca aconteceram tantas coisas, mas que a experiência é cada vez mais rara” (LARROSA, 2015, s/p). O autor defende que a quantidade cada vez maior de informação que

recebemos nos afasta da experiência sensível, sendo que numa sociedade constituída pelo signo da informação a experiência é impossível e que a abertura, receptividade e disponibilidade definem o sujeito da experiência.

Como pontua Jobim e Sousa (1995) a falta de abertura para a experiência tem relação com a ciência moderna, que fragmentou a racionalidade e a sensibilidade e separou o humano e o divino, sendo que um dos prejuízos dessa divisão foi a exclusão da imaginação e da criatividade entre as formas de se adquirir conhecimento. E diante dessa situação a autora questiona “como recuperar a experiência pura que se expressa diferentemente da racionalização científica? Ou melhor, como recuperar a imaginação como mediadora entre a experiência sensível e o intelecto possível? (JOBIM; SOUZA, 1995, p. 146).

Para a autora as ciências humanas aderiram à lógica matemática das ciências naturais pelo status científico, abolindo até mesmo a distinção entre pessoas e coisas, desumanizando os indivíduos e as relações sociais, assim como os sistemas político e econômico o fazem. A tentativa de tornar a ciência impessoal reduz as contradições da sociedade pautada na luta de classes. Além da crítica ao status atual das ciências humanas, a autora questiona o modelo de progresso no mundo moderno e a necessidade de resgate do caráter de sujeito sócio-histórico-cultural do homem e de sua potencialidade como autor das transformações sociais. Sendo a linguagem o que distingue o homem, trata-se de restituir seu valor nas ciências humanas e na realidade. (JOBIM; SOUZA, 1995).

Para Bakhtin (2016, 2017), o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante, portanto subjetivo e existente a partir da interação de duas consciências, sendo que todos os campos da atividade humana estão relacionados ao uso da linguagem. Larrosa (2015) nos define como viventes com palavra, e que as palavras determinam nossos pensamentos e o modo como nos colocamos no mundo onde vivemos, já Volóchinov (2018) aponta que a palavra está presente em todo ato de compreensão e interpretação, ou seja, de interação social, sendo a palavra o que constitui uma relação entre eu e o outro.

Na perspectiva bakhtiniana o enunciado, como produção de discurso como um campo novo da comunicação discursiva necessita de uma metodologia científica específica, que ainda não foi abordada pela linguística e pelas ciências humanas em geral. O autor reforça a singularidade dos enunciados, e questiona se a ciência seria capaz de ir além do conhecimento generalizador, partindo da premissa da individualidade de cada enunciado proferido em seu tempo e espaço específicos, ao que denomina elementos extralinguísticos e

extrassemânticos do enunciado. Ele ainda questiona se, sendo o homem o objeto da investigação científica, seria possível estudá-lo como fenômeno da natureza ou coisa. Portanto, assim como Jobim e Souza, o autor critica o tratamento dado pelas ciências humanas às relações sociais, com a tentativa de objetivação e generalização da interação entre as pessoas e conseqüentemente à dialogicidade entre seus enunciados. “Todo enunciado é dialógico, ou seja, é endereçado a outros, participa do intercâmbio de ideias: é social.” (BAKHTIN, 2016, p. 118).

Negando a racionalidade, objetividade e neutralidade proposta pelas ciências exatas, a educação numa perspectiva dialógica busca a subjetividade da interação humana, valorizando o contexto e a experiência, a relação e a troca. Porém, como deixa claro Larrosa (2015), somente o sujeito da experiência está aberto a sua própria transformação. “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma com inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história.” (FREIRE, 2019, p.133).

Para Larrosa (2015), o saber da experiência difere do conhecimento científico e tecnológico, que é impessoal e instrumental, já o saber da experiência acontece entre o conhecimento e a vida, desta maneira pessoal, subjetivo e único. Para o autor a ciência moderna nega a experiência transformadora, mas adota a experimentação pelo método como caminho previsível da ciência. Sendo a experiência irrepetível, imprevisível, singular e heterogênea, não é possível prever seu resultado. Deste modo, deve-se separar a experiência do experimento e descontaminá-la de suas conotações empíricas e experimentais e não pretender pensá-la cientificamente numa perspectiva positivista.

Trata-se de refletir sobre o desenvolvimento linear proposto pelas ciências, questionando-nos de qual desenvolvimento estamos tratando. Afinal, desenvolvimento econômico necessariamente significa desenvolvimento humano? O progresso da ciência e da tecnologia trazem mais benefícios à sociedade ou pode ser também instrumento de dominação e agravante das desigualdades sociais? Para Freire (2018), além das disciplinas e do conteúdo, o educador democrático deve discutir a realidade dos educandos, seu contexto social e todas as implicações políticas e ideológicas dominantes, fazendo uma crítica sobre a opressão e descaso em relação às suas condições de vida, estimulando a curiosidade como inquietação indagadora, promovendo a criticidade e insatisfação com a realidade como algo que não pode ser mudado, mas que cada um pode ser sujeito da mudança no mundo. Afinal, nossa “presença no mundo não é

a de quem se adapta, mas a de quem nele se insere, de quem luta para não ser objeto, mas sujeito também da história.” (FREIRE, 2018, p. 53).

Educação e diálogo

Sendo a linguagem o que nos difere, singulariza e nos constitui enquanto seres humanos, ou seres de linguagem, é por meio desta que constituímos a experiência sensível, a que toca e transforma, aquela de quem é sujeito da própria história e da mudança. O diálogo horizontal em educação desde a infância é uma maneira de resgatar a experiência da vida, a reflexão crítica que não busca consenso, mas respeito aos diferentes pensamentos e contextos dos atores da aprendizagem, promoção da igualdade, liberdade e da solidariedade entre membros de uma mesma comunidade e de todas as pessoas que, de alguma forma, interagem com os atores desta realidade, tornando os espaços de educação em ambientes de emancipação.

Cada vez mais nossas sociedades se caracterizam pela reivindicação da maior utilização do diálogo em nossas relações, substituindo outras formas de agir baseadas no poder, como o patriarcado. Quando agimos por meio do diálogo em nossas relações, contribuimos para uma maior democratização das sociedades e das vidas pessoais. (AUBERT *et al.*, 2018). Para os autores as concepções tradicionais de aprendizagem foram elaboradas por e para sociedades industriais que já não existem mais, sendo que a aprendizagem dialógica, em sua concepção comunicativa está à frente das concepções anteriores e que é mais adequada ao giro dialógico da atual sociedade da informação. Trazendo uma perspectiva interdisciplinar e científica das necessidades educacionais da atualidade. Portanto temos uma sociedade em constante mudança, ocorrendo cada vez mais rápido e, da mesma maneira, a concepção de educação deveria acompanhar tais mudanças com a adoção de diferentes práticas pedagógicas em diferentes contextos. Dessa forma a aprendizagem é um processo social produzido em um contexto que vai além do individual, sendo que as crianças aprendem em situações de participação com os adultos da comunidade, que, a partir da interação, dinamizam a construção do conhecimento.

Jobim e Souza (1995) enfatiza que para o método dialético as mudanças sociais encontram-se nas interações que constituem o mundo social e que superam a realidade psicológica individual, sendo que a parte verbal dos comportamentos e a linguagem de maneira geral não pode ser atribuída a um sujeito isolado, mas que pertence também ao seu grupo

social. Para Volóchinov (2018) a consciência individual é um fato ideológico e social, e, para que duas consciências possam interagir no processo comunicativo, elas devem fazer parte de uma coletividade socialmente organizada, sendo o signo ideológico uma construção social sendo necessário, primeiramente, que a palavra nasça e amadureça no processo de comunicação social para depois se tornar palavra interior. “Essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre interior e exterior, se realiza reiteradamente na palavra, em cada enunciado [...] no processo único e objetivo da comunicação social.” (IBID, p. 140).

Tratando-se a ciência também de uma construção social de constante renovação, as teorias da educação também devem estabelecer um diálogo constante, profundo e contínuo entre os conhecimentos já estabelecidos de maneira crítica e buscando novas práticas adequadas às constantes transformações sociais. Diante de um contexto de avanço das chamadas TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) e de sua presença cada vez maior na vida das pessoas, essas mudanças devem ser acompanhadas pelas escolas para evitar uma desconexão sociocultural com a realidade atual.

Buscando a singularidade do indivíduo como sujeito social, a educação para a emancipação busca transgredir a cientificidade das ciências naturais, resgatar a criatividade e a criticidade do ser humano, promovendo sua liberdade e autonomia. Ao contrário da padronização pregada pela ideologia do consumo e da cultura de massa, a educação dialógica valoriza a expressão, a diversidade cultural e a conscientização de que somos sujeitos de nossa própria história, e não espectadores passivos de vivências irrelevantes. Para Paulo Freire (2018) o ser humano se tornou uma presença no mundo, que pensa a si mesma, que intervém e transforma a própria realidade e a dos outros e que, assumindo sua posição de sujeito da construção do conhecimento, tenha consciência que o ensino não é transferência de conhecimento, ao que denomina “ensino bancário”, mas de ajudar a criar as possibilidades para sua produção e construção uma vez que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 2018, p. 25).

O olhar para o outro

A prática pedagógica democrática, dialógica e emancipatória exige que o educador respeite as peculiaridades de cada realidade social e do conhecimento prévio de cada educando na busca da construção conjunta do conhecimento, para que a educação ocorra de maneira efetiva e para

que as crianças possam atribuir sentido ao conteúdo apreendido e que além de tudo, possam agir com criticidade, cidadania e solidariedade, transformando a própria realidade e a de todos os outros com quem compartilha conhecimento e suas experiências de vida. A razão de ser da aprendizagem é a transformação, sendo que na aprendizagem dialógica o avanço nos níveis prévios de conhecimento e o entorno sociocultural passam por mudanças que são possíveis por meio das relações dialógicas. (AUBERT *et al.*, 2018).

Numa perspectiva bakhtiniana Jobim e Sousa (1995) reforça que cada grupo social tem sua forma de discurso que reflete e refrata a realidade, explicitando os valores de uma sociedade. A autora ainda problematiza a reprodução dos aspectos perversos de uma cultura no texto das crianças, sendo necessário escutá-las para um olhar crítico e transformador em relação ao mal-estar da cultura adulta. Sendo a língua um fato social, está sempre direcionada ao outro, da mesma maneira, Bakhtin (2017) reforça que o indivíduo tem horizonte próprio, e que a interação entre duas consciências (do cognoscente e do cognoscível) só se constituem através dos elementos da expressão para o outro e com o auxílio do outro e que a experiência discursiva se desenvolve na interação com outros enunciados.

O autor ainda afirma que não existe discurso separado do falante, de seu contexto e sua relação com o ouvinte. Volóchinov (2018) defende que o produto do ato discursivo (enunciado) não pode ser reconhecido como fenômeno individual nem mesmo ser explicado a partir de questões psíquicas, mas é de natureza social. Para o autor a unidade real da linguagem não é o enunciado isolado monológico, mas a interação entre pelo menos dois enunciados, isto é, o diálogo. Sendo o diálogo apenas uma das formas de interação discursiva, apesar da mais importante, deve ser compreendido de maneira mais ampla do que a comunicação verbal, mas que textos impressos de modo geral também são elementos de comunicação discursiva pois são constituídos por discursos anteriores do próprio autor como de outros autores – ao que o autor denomina discurso alheio -, participando de uma discussão ideológica, respondendo, refutando ou confirmando algo.

Na concepção dialógica da educação, Aubert *et al.* (2018) afirmam que os atos comunicativos incluem todas as dimensões da comunicação humana, não apenas a linguagem verbal, mas também gestos, olhares e linguagem corporal em geral, assim como o tom com o qual são emitidas as expressões verbais e que o *que* dizemos, *como* dizemos e *em quais condições* dizemos (grifos dos autores) influencia toda a experiência escolar

dos estudantes, seu autoconceito, rendimento e a confiança da família no trabalho da escola.

A criança aprende a construir enunciados a partir da introdução da língua materna em sua vida, ouvindo e reproduzindo o que é dito pelas pessoas próximas. Para Bakhtin (2016, 2017) as influências extratextuais têm um significado particularmente importante na infância, e que estas influências estão presentes nas palavras de outras pessoas, inicialmente da mãe, como “palavras alheias”, sendo reelaboradas dialogicamente em “palavras-minhas-alheias” para só então tornarem-se minhas palavras, já de índole criadora.

Em cada época, em cada círculo social, em cada micro-mundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem. (BAKHTIN, 2016, p. 54).

Portanto, a infância constitui uma importante fase de desenvolvimento da linguagem e da consciência do indivíduo que constitui sua voz a partir das outras vozes que se fazem presentes em sua experiência vivida.

Crítica e reflexão sobre o ato pedagógico

A prática pedagógica numa perspectiva libertária demanda responsabilidade do educador como agente de da mudança social, o que exige uma atitude responsável em relação a própria prática e das consequências de seu trabalho na vida de toda uma comunidade, principalmente das crianças. A decisão pela adoção de uma postura pela emancipação de pessoas demanda esforço e constante autocrítica, levando em consideração que, em diferentes contextos e realidades, será necessário adotar diferentes estratégias, e, para isso, é preciso estar profundamente comprometido com a transformação dos outros e aberto à própria transformação. Para Uhmman e Zannon (2013) saber lidar com esses desafios exige uma postura reflexiva e crítica no processo de pesquisa-ação, renovando as próprias concepções e práticas, trabalhando em constante reconstrução, o que exige do educador articulação entre reflexão, pesquisa, formação e prática.

Freire (2018) acredita que, para que a aprendizagem seja efetiva é necessário que os educandos se tornem sujeitos da construção e reconstrução do conhecimento compartilhado com o educador, também

sujeito do processo, cuja tarefa é estimular a “pensar certo”, sendo que, para tanto é necessário não estar certo das próprias certezas. Para o autor, o educador que pensa certo não pretende transferir, doar ou oferecer conhecimento, mas desafiar o educando a produzir a própria compreensão do que é comunicado, uma vez que não há inteligibilidade que não se fundamente na dialogicidade, portanto o pensar certo é dialógico.

O autor ainda enfatiza que a prática pedagógica crítica envolve a dinâmica entre o fazer e o pensar sobre o fazer, além da necessária coerência entre o que é dito e o que é feito, precisando ser constantemente testemunhado e vivido, diminuindo a distância entre discurso e prática, valorizando a liberdade do educando sem deixar de ser e ter autoridade na interação “do-discente”, mas sabendo diferenciar autoridade de autoritarismo, que contraria a prática pedagógica democrática. A autocrítica e autoavaliação constantes são necessárias para a melhoria da aprendizagem, levando em consideração que cada turma em cada contexto pode exigir mudanças e adaptações à prática pedagógica. O educador deve constantemente renovar “os olhares aos próprios contextos práticos e concepções, em sistemática reconstrução social; isso exige articular reflexão, pesquisa, formação e prática.” (UHMANN; ZANON, 2013, p. 176).

Bakhtin (2016) defende que ao falarmos consideramos o contexto a que o destinatário está inserido e sua percepção e conhecimento prévio sobre o assunto, assim como seus preconceitos, concepções e convicções, sendo que tudo isso irá determinar a compreensão responsiva ao enunciado. Freire (2019) também reafirma a importância do respeito aos educandos, levando em consideração as condições de vida e a importância dos “conhecimentos de experiência feitos” ou do “saber ingênuo”, do contexto social de cada educando e do estímulo à curiosidade epistemológica de cada indivíduo, para que tenha consciência da própria capacidade cognitiva e, como já mencionado, saiba que pode ser sujeito de mudança e transformação, e não de adaptação. O educador democrático, para Freire, é o que respeita a curiosidade e liberdade do educando, estabelecendo uma postura dialógica e a autonomia do educando por meio do aprendizado.

Ensino de ciências numa perspectiva dialógica

Na concepção de aprendizagem dialógica o conhecimento se cria e recria por meio de um diálogo orientado pelo desejo de entendimento. Neste aspecto, o mais importante não é a intervenção do professor em posição de superioridade, mas as intervenções em função da validade dos debates que

ocorrem na busca por acordos que melhorem a aprendizagem de todos, sendo que cada um contribui com seus saberes, experiências, vivências e sentimentos. Desta maneira a aprendizagem resultante transforma o que as pessoas sabiam antes de participar do diálogo, seu entorno sociocultural e a si mesmas. (AUBERT *et al.*, 2018).

Os autores referem que na adoção do método dialógico na educação nota-se uma melhora na aprendizagem nos alunos e alunas e maior participação das famílias no ambiente escolar, o que é fundamental para a interação entre a escola, a família, o professor e os alunos e alunas. Para eles, a prática pedagógica em comunidades de aprendizagem possibilita o contato com diversos atores sociais do contexto dos alunos, enriquecendo a experiência de aprendizado e melhorando a convivência inclusive na esfera familiar.

Partindo de uma concepção comunicativo-dialógica de ensino e aprendizagem, a atribuição de sentido à educação e à aprendizagem não é algo que saia de dentro de cada aluno ou aluna, não é uma atitude que exista *a priori* da interação social. Como veremos no enfoque dialógico, o sentido surge na intersubjetividade, é criado nas interações que o alunado tem com toda a comunidade, dentro e fora da escola, e há influência de aspectos como os objetivos mais ou menos igualitários dos projetos educacionais, a valorização social do que é aprendido, as expectativas acadêmicas e profissionais do professorado e das famílias em relação ao alunado etc. (AUBERT *et al.*, 2018, p. 61).

Os autores trabalham na perspectiva de comunidades de aprendizagem por meio de grupos interativos, que estimulam o desenvolvimento de outras habilidades além da cognição, como comunicação, solidariedade, respeito, interação social, entre outros aspectos que melhoram o aprendizado, a convivência e incentivam os estudantes a compartilhar o conhecimento apreendido com os companheiros, consolidando o que aprenderam com mais significado e sentido, sendo que é necessária uma atribuição de sentido à educação para que a aprendizagem ocorra de maneira significativa.

Para Uhmman e Zanon (2013) o ensino de ciências e a vida dialogam de forma transformadora, e que quando o aluno se apropria da linguagem específica da ciência, significando-a conceitualmente, esta é interiorizada, passando a fazer parte de sua estrutura de pensamento como “minhas palavras” na perspectiva dialógica bakhtiniana. Para Volóchinov (2018), cada campo possui sua própria ideologia e forma seus próprios símbolos e signos que não podem ser aplicados a outros campos. O campo

científico possui especificidades em relação à produção do conhecimento, já a divulgação científica exige outra linguagem para a compreensão do conteúdo difundido. Da mesma maneira o ensino de ciências deve apresentar uma linguagem adequada ao contexto de aprendizagem apresentado.

O ensino de ciências na educação infantil promove o estímulo de uma curiosidade epistemológica e reflexiva sobre os impactos sociais e ambientais da ciência e da tecnologia desde os primeiros anos no ambiente de aprendizagem, aproveitando a curiosidade intrínseca que a criança tem nos anos iniciais de sua vida. Contextualizar o conhecimento científico com situações do dia-a-dia pode ser uma estratégia para estimular o interesse pela ciência desde cedo.

Para tanto, um dos desafios da adoção de uma prática pedagógica dialógica e emancipatória no ensino de ciências naturais depende da mudança do olhar do educador em relação à criança como um ser incompleto, "alguém que se constitui num vir-a-ser distante no futuro [...] ela é hoje, no seu presente, um ser que participa da construção da história e da cultura de seu tempo" (JOBIM; SOUZA, 1995, p. 159).

Santos e Faria (2015) defendem que deve-se pensar numa educação emancipatória desde o nascimento, mudando a concepção da prática pedagógica que invisibilizou as crianças pequenas e os bebês como atores do próprio processo de aprendizagem. As autoras defendem que uma educação emancipatória para crianças pequenas "pode parecer algo improvável ou mesmo inexistente [...] Tal fato se deve por não se considerar crianças dessa faixa etária como pensantes e produtoras de saberes" (Ibid. p. 64). As autoras acreditam que garantir que as crianças sejam vistas como seres concretos, com desejos, vontades e sentimentos, dando a elas a liberdade de criar, inventar e sonhar, além de compreendê-las como sujeitos autônomos, pode permitir que elas criem novas epistemologias por meio da própria linguagem, possibilitando novos caminhos para a construção de um conhecimento que busque a libertação da hegemonia de uma sociedade opressora.

Diante deste contexto são identificados alguns desafios para os educadores: Como aproximar a linguagem científica ao contexto vivenciado pelos estudantes de maneira crítica e reflexiva? Como estimular estudantes adaptados ao modelo tradicional de ensino a interagir sobre temas controversos? No caso da educação infantil, como promover uma cultura científica desde o contato inicial da vida escolar por meio de uma alfabetização científica e tecnológica? Como estimular a curiosidade epistemológica nas crianças em um contexto de ensino conteudista? E

ainda, como fugir da ideia de uma ciência positivista, racionalista e neutra adotada por tanto tempo como paradigma vigente?

Para Rodrigues (2016) o ensino de ciências na educação infantil está sendo negligenciado, impedindo a construção do conhecimento. Para a autora tudo o que cerca a criança é significativo pode e deve ser considerado, sendo o professor um intermediador entre o conhecimento prévio da criança, constituído a partir de suas experiências com o conhecimento que será construído, ampliando seu conhecimento do mundo, uma vez que a leitura do mundo “precede sempre a leitura da palavra.” (FREIRE, 2018, p.79).

Para tanto, Rodrigues (2016) defende que o profissional deve investir em uma boa formação pedagógica para que possa incentivar na prática pedagógica o desenvolvimento integral da criança, para que se torne um cidadão crítico e mais atuante na vida em sociedade e estimulando sua curiosidade de investigação. Desta maneira a formação do docente da educação infantil precisa ser voltada mais do que ao cuidado e afetividade, mas também de saberes necessários para o desenvolvimento da identidade da criança como ser social.

O objetivo fundamental do ensino de ciências passou a ser o de dar condições para o aluno identificar problemas a partir de observações sobre um fato, levantar hipóteses, testá-las, refutá-las e abandoná-las quando fosse o caso, trabalhando de forma a tirar conclusões sozinho. O aluno deveria ser capaz de “redescobrir” o já conhecido pela ciência, apropriando-se de sua forma de trabalho, compreendida então como “o método científico”: uma sequência rígida de etapas pré-estabelecidas. (RODRIGUES, 2016, s/p).

Para a autora o educador deve estar em constante atualização em relação às práticas pedagógicas utilizadas, atentando para cada fase do desenvolvimento das crianças, ou seja, adequando linguagem e estratégias para estimular o pensamento dedutivo e investigativo da criança, desenvolvendo seu raciocínio primeiramente a partir da observação do que é perceptível e categorização e ordenação do que é manipulável, para então inserir conceitos abstratos, estimulando, desta maneira, um pensamento científico nos alunos. Ela ainda defende que o ensino de ciências na educação infantil permite que as crianças explorem o mundo a partir de seu cotidiano, tornando-se críticas diante dos problemas que possam enfrentar.

Apesar dos desafios apontados à promoção de uma cultura científica desde a infância o educador democrático deve agir com

esperança, pois, “sem encantamento, esperança e utopia, nenhum projeto educacional conseguiu melhorar a educação e a sociedade” (AUBERT *et al.*, 2018, p.138) e sem o sonho de uma educação realmente transformadora, uma melhora coletiva não seria possível.

É emergente uma mudança de paradigma na concepção de educação e de ciência, ressignificando a infância, a linguagem e a construção do conhecimento na sociedade atual, dominada pelo intenso fluxo de informações, mas pobre de experiência. Assim como a sociedade muda, assim como novos paradigmas são aceitos na ciência, a educação - tratando-se também de uma ciência – deve ter sua teoria e prática reformuladas constantemente para atender às necessidades da sociedade, contribuindo para o desenvolvimento de seres emancipados, com consciência socioambiental e responsáveis pela transformação da própria realidade.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- AUBERT, A. *et al.* **Aprendizagem dialógica na sociedade da informação**. São Carlos: EDUFSCar, 2018. 206 p.
- BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017. 104 p.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2019. 176 p.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- JOBIM E SOUZA, S. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas: Papyrus, 1995. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- RODRIGUES, N.O. ensino de ciências naturais na educação infantil: reflexões. **JusBrasil**, 2016. Disponível em: <https://nathyrodrigues.jusbrasil.com.br/artigos/365565907/oensino-de-ciencias-naturais-na-educacao-infantil-reflexoes>. Acesso em: 25 nov. 2019.

SANTOS, S. E.; FARIA, A.L.G. O que quer dizer educação emancipatória na creche para as crianças de 0-3 anos? Entre o adultocentrismo e a descolonização. **Revista Eventos Pedagógicos**, Jardim Imperial Sinop, v. 6, n. 3, p. 63-74, ago./out. 2013. Edição especial temática. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/1908>.

Acesso em: 25 nov. 2019.

UHMANN, R. I. M.; ZANON, L. B. Diversificação de estratégias de ensino de ciências na reconstrução dialógica da ação/reflexão docente. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 163-179, set./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epec/v15n3/1983-2117-epec-15-03-00163.pdf>.

Acesso em: 25 nov. 2019.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018. 376 p.

O USO DE TICS NO MEIO RURAL E A EXCLUSÃO SOCIAL DOS AGRICULTORES

limites e possibilidades de uma extensão rural 4.0

Carolina Darcie¹
Luís Fernando Soares Zuin

Introdução: a extensão rural no Brasil, ascensão e declínio

A extensão rural foi alvo de inúmeras análises e críticas desde seu surgimento, em meados de 1950 (SILVA, 1982; FREIRE, 2018). Concebida como assistência técnica de caráter difusionista e autoritário, visava incrementar o uso de tecnologias e insumos agrícolas no campo, aumentando a produtividade nas diversas cadeias produtivas, mas também beneficiando as indústrias de equipamentos e insumos que se instalavam no país para liderar a “Revolução Verde”. Técnicos tanto da iniciativa privada (ligados à revendas e cooperativas, representantes de empresas de insumos), quanto pertencentes ao governo, realizam ações como visitas técnicas, oferta de serviços de engenharia (mapeamento, marcação de curvas de nível), sanidade animal e vegetal, venda de produtos, dias de campo, cartas técnicas, entre outras ações que tinham como objetivo a difusão tecnológica.

Como criticou Freire (2018), a comunicação dos técnicos com os produtores na extensão rural sempre operou de forma monológica e autoritária. Entendia-se que o conhecimento tecnológico deveria ser levado ao campo através da extensão rural, sem ter em conta as características, experiências, história de vida e visão de mundo dos homens e mulheres do campo, o técnico acaba impondo sua visão de mundo. O autor, que ficou conhecido por trabalhar o conceito da extensão rural como educação não-formal, entendia que papel do agrônomo era servir de mediador da produção de conhecimento pelo próprio agricultor. Na extensão rural clássica, o produtor é visto como objeto onde as técnicas deveriam “ser depositadas” por um agrônomo que saberia como revolucionar a forma de produzir alimentos e commodities. Bastava que o produtor aceitasse os ensinamentos, e tudo se resolveria. Esse tipo de extensão foi pouco eficiente, de acordo com Freire, pois:

¹Contato: cdarcie@gmail.com

Aquele que é “enchido” por outro de conteúdos cuja inteligência não percebe; de conteúdos que contradizem a forma própria de estar em seu mundo, sem que seja desafiado, não aprende. Para isto, é necessário que, na situação educativa, educador e educando assumam o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível que buscam conhecer. A nada disto nos leva a pensar o conceito de extensão. (FREIRE, 2018, p.20).

A partir dos anos 80 e 90, a extensão rural passa por uma grande crise, com o fim da Embrater, empresa que era responsável por coordenar as ações de extensão a nível federal, e sofre fortes crítica por estudiosos e movimentos sociais ao seu modelo de atuação. As críticas ao modelo difusionista, que se mostrou incapaz de dar conta das necessidades complexas e das contradições que se mantinham no campo brasileiro, com forte êxodo rural, aumento da pobreza e dos conflitos pela terra levaram à algumas reformulações importantes quando da sua reorganização nos anos 2000 (CAPORAL, 2006). Assim, procurava-se modificar a forma de atendimento ao produtor por um enfoque sistêmico, integral, de atenção à qualidade de vida do produtor. Esse modelo, construído por diversos atores sociais, foi depois institucionalizado nas diretrizes do Plano Nacional de Ater - Pnater (Lei n. 12.188/10). Essa nova extensão rural deveria ter caráter educativo, continuado e ter ênfase no desenvolvimento rural sustentável e na agroecologia, possuir caráter dialógico e se apoiar na pedagogia construtivista (CAPORAL, 2000). A conservação de recursos naturais, estímulo à participação e organização dos produtores e a integração com a pesquisa estão presentes na Pnater, marcando a mudança de paradigma que tentaria ser consolidada a partir da sua construção e aprovação da Lei de Ater nos anos 2000.

O técnico deveria ser preparado, portanto, para utilizar metodologias participativas e mudar a sua forma de atuação, entendendo o produtor rural como um sujeito produtor de conhecimento, em conjunto com o técnico e outros atores. Apesar desse esforço, a forma como os técnicos trabalham continuou muito parecida (PEIXOTO, 2008), inclusive a própria estrutura dos órgãos responsáveis pela Ater nos estados permaneceu a mesma, com estruturas verticais bastante rígidas. Além disso, trabalha-se geralmente, ainda hoje, com agricultores mais capitalizados, capazes de aderir a pacotes tecnológicos. Pesquisas recentes demonstram que a forma de atendimento proposta pela Pnater ainda não é realizada na prática em São Paulo (ALMEIDA *et al.*, 2010; ZUIN *et al.*, 2011). A visão autoritária e monológica predomina no trabalho dos extensionistas (LANDINI, 2015),

mesmo que algumas formas mais participativas tenham sido experimentadas ao longo do tempo.

Combinadas com as políticas de diminuição do tamanho do Estado (SCHIMITZ, 2006), os serviços de ater vem progressivamente perdendo espaço. Em São Paulo, a diminuição do quadro de servidores públicos dedicados à extensão rural passou de mais de 2400 técnicos em 2008, para 1200 em 2019. Hoje, apenas 52% das Casas da Agricultura, locais onde os produtores podiam se dirigir para receber apoio técnico em 594 municípios paulistas, está ocupada por um técnico da extensão pública estadual, segundo dados apresentados na Alesp em 2019, pelo secretário da Agricultura do Estado de São Paulo.

Essa carência de profissionais já fomenta a discussão sobre como manter o atendimento com menos servidores a cada ano, e aponta-se para uma possível solução o uso de novas tecnologias, como *chatbots* e canais de vídeos desenvolvidos a partir problemas técnicos apontados pelos produtores. Essa seria o fim da extensão rural pública como esta foi concebida, ou apenas uma forma diferente de continuar atendendo o produtor rural? Queremos analisar o uso dos aplicativos de mensagens entre técnicos extensionistas e seu público-alvo sob a ótica da comunicação dialógica, de forma a colaborar para ampliar a discussão sobre a possibilidade de uma *extensão rural 4.0*.

Extensão rural digital?

A aplicação de novas tecnologias, como as mídias sociais e aplicativos de mensagens, para ter maior alcance na assistência técnica aos produtores rurais, é algo instigante e controverso do ponto de vista da pesquisa e de possíveis aplicações na gestão pública. Entretanto, o uso de mídias mais tradicionais como revistas, programas de TV e rádio sempre fez parte do trabalho dos órgãos de extensão rural. Mesmo a educação à distância nas áreas rurais não é algo novo no Brasil nem na América Latina (SORJ, 2003). Existem muitas experiências na educação à distância, desde o tempo que haviam cursos por correspondência, até hoje com o uso da Internet e vídeo conferência em salas de aula (redes escolares). Esse tipo de alternativa à educação tradicional vem sendo testada e aplicada, com mais ou menos sucesso dependendo da época e de outros fatores como política, economia, nível de alfabetização etc.

As ferramentas digitais vêm sendo incorporadas aos espaços formais e informais de ensino em um processo veloz. Já sabemos que a comunicação virtual pode acelerar a aprendizagem, pois estreita relações

entre alunos, professores e família. O aprendizado mediado por essas redes de saberes e pelas TICS é um processo sem volta (AUBERT, 2018). Nessa obra, os autores destacam que as relações de poder em nossa sociedade estão em transformação. A sociedade baseada nas relações de autoridade patriarcais estaria dando lugar à uma sociedade onde predominam as relações dialógicas (p. 27). A aprendizagem dialógica seria o novo caminho.

Muito da crítica à extensão rural tradicional se deu a partir de Paulo Freire, conforme apontamos na parte inicial deste artigo. Ele clamava que a educação no campo fosse construída com e para o produtor, em uma perspectiva construtivista. A partir dessa teoria, o saber deve ser construído de forma ativa pelo próprio aluno, ou seja, o sujeito que aprende tem papel fundamental. Isso já representaria grande avanço dentro das mudanças esperadas na extensão rural. Porém, vários autores apontam que esse processo ainda é incipiente dentro dos órgãos de extensão rural (ALMEIDA *et al.*, 2010).

Seria o uso de tecnologias digitais, como vídeos replicados por aplicativos de mensagens, apoio a grupos virtuais e redes de produtores que se organizam pela internet, técnicos complementando as orientações pelo celular, entre outras práticas possibilitadas pela sociedade em rede (LEITE, 2019), uma nova solução para o baixo alcance da extensão rural atualmente? Seria possível potencializar a chegada de informação e acesso a políticas públicas do produtor rural através do mundo digital? Temos condições nas áreas rurais, tanto de conectividade e acesso à Internet, quanto de letramento e educação digital para acessar esse tipo de conteúdo? E mais: estaria esse público interessado nesse tipo de serviço, sendo que muitas vezes a Casa da Agricultura é, sem dúvidas, um ponto de sociabilidade importante dentro do município, bem como os cursos e eventos por ela promovidos?

Partimos do ponto de partida que a exclusão e a desigualdade social nesse tempo da sociedade em rede não diz respeito somente ao acesso aos bens de comunicação (por exemplo, ter acesso à Internet através de um smartphone ou acessar um computador em uma rede popular em escolas). Ela tem relação também com a capacidade do usuário em conseguir compreender o conteúdo do que está sendo apresentado nas diversas formas de tecnologias, e também com a disponibilidade de conteúdos adequados à diversos públicos. Uma coisa é ter acesso a milhares de bases de dados de todos os assuntos, outra é dominar a linguagem escrita e a leitura, a busca booleana etc. Ao campo parece faltar tanto a conectividade pura e simples, quando a educação digital.

Segundo Castells (1999) a sociedade em rede, apesar de promover a disseminação veloz do conhecimento e da informação, não se define por isso: ela não é a sociedade da informação nem do conhecimento. O que define essa nova sociedade é a ligação de todos os seus elementos entre si, tendo por alicerce uma rede de pessoas por meios eletrônicos. Essa sociedade se conecta através do virtual, usando meios tecnológicos como intermediários. A sociedade em rede é uma nova estrutura social que depende de tecnologias digitais de informação e comunicação. Apesar da enorme importância dos meios digitais na conformação de nossas vidas na atualidade, também devemos ressaltar a exclusão de enormes parcelas da humanidade nessa revolução tecnológica.

Sorj (2003), analisando a desigualdade na sociedade de informação, analisa os dois lados da moeda: ao mesmo tempo em que a Internet populariza a informação, tornando acessível ao mundo todo artigos de uma biblioteca importante, seu desenvolvimento em importância também contribui para o aumento da desigualdade social, pois somente os setores mais abastados da população tem acesso à toda a potencialidade que a internet pode proporcionar, e como nossa cidadania está atrelada ao acesso à informação, essa parcela estaria ainda mais prejudicada, pois a exclusão social é reforçada pela exclusão digital.

A exclusão digital deve ser combatida, segundo ele, para que não agrave ainda mais a desigualdade social. Na relação entre pobreza e o *apartheid digital*, ele destaca que a exclusão se dá por vários fatores, como infraestrutura deficiente, analfabetismo funcional, baixa alfabetização digital e falta de conteúdo adequado. O analfabetismo digital está ligado, também, à faixa de renda, idade, raça e local de moradia (rural x urbano).

Quanto ao uso da internet para oferecer serviços públicos, a obtenção de documentos e informações do governo pela internet constituem importante mudança para eliminar muito da burocracia e até do clientelismo dos países em desenvolvimento. Porém, Sorj aponta que esse tipo de serviço tende a criar uma divisão ainda maior entre os cidadãos que tem acesso à internet e os que são excluídos social e digitalmente. Ele considera fundamental que se mantenha o acesso ao serviço presencial nos países em desenvolvimento, paralelo aos serviços digitais.

Em uma análise que nos chama bastante atenção, ressalta outra faceta da exclusão que é marcante: a falta de conteúdos específicos para as comunidades rurais. Essa população, bem como outras parcelas menos favorecidas, como grupos étnicos minoritários e populações de favelas: todas sofrem com a falta e conteúdo direcionado às suas necessidades e características socioeconômicas, o que amplia o fosso da exclusão digital.

Fornasieret *al.* (2017), interpretam a exclusão digital no campo como uma questão de direitos humanos. Em uma sociedade cada vez mais tecnológica, o direito à informação e acesso à cidadania passaria pelo direito à Internet e à conectividade. Aos governos caberia, portanto, o dever de zelar pela ampliação do acesso à informação por meio digital para que direitos sociais e políticos fossem garantidos àqueles que mais precisam. O Marco Civil da Internet (2014), a Lei n. 12.965, corrobora a interpretação dos autores. Porém, segundo seu artigo, apenas 15% das pessoas que residem nas áreas rurais, tem acesso a um computador conectado. Segundo pesquisa recente, divulgada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, apenas 34% das escolas públicas localizadas em áreas rurais tem pelo menos um computador com acesso à Internet, enquanto 98% das escolas públicas localizadas na área urbana possuem. Dessas que não tem computador com acesso à Internet, 43% apontaram que o motivo é a falta de infraestrutura do local e 24% o alto custo da conexão. A tabela abaixo retrata essa diferença segundo área de domicílio. Enquanto o celular está bastante disseminado, vemos que o acesso à computador no Brasil ainda é bem restrito na área rural.

Tabela 1 – Domicílios que possuem equipamentos TIC (Comitê Gestor da Internet no Brasil – Extraído em: 6/11/2019)

Categoria	Televisão	Telefone celular	Computador de mesa	Computador portátil	Tablet
Total	96	93	19	27	14
ÁREA					
Urbana	96	94	20	30	15
Rural	93	85	7	11	7

Fonte: Comitê Gestor da Internet no Brasil (extraído em: 6/11/2019).

O uso de internet nas áreas rurais

O agricultor vem utilizando cada vez mais a internet, porém esse uso ainda é um mais limitado à produtores capitalizados e mais próximos do urbano. Segundo a sétima edição da “Pesquisa Hábito do Produtor Rural”, da ABMRA² (2017), somente 61% dos produtores brasileiros entrevistados possuíam smartphone. Destes, quase a totalidade utilizava aplicativos de

² Disponível em: <http://abmra.org.br/pesquisa-abmra/>.

mensagens como *WhatsApp* (96%), e um número expressivo acessava redes sociais como *Facebook* (67%) e *YouTube* (24%). A TV, e especialmente o rádio, mesmo que via celular, ainda são os principais meios de se obter informações. O rádio tem a vantagem de permitir o trabalho ao mesmo tempo em que são ouvidos os programas, por isso sua popularidade entre produtores. O acesso à internet possui muitas limitações no campo, mas o uso dos aplicativos de mensagens está disseminado entre aqueles que possuem conexão e aparelho adequado.

Antes da disseminação dos smartphones, o acesso à internet dependia de existir um computador com acesso à rede em domicílio ou outro ambiente no meio rural (como sede de associações, telecentros ou escolas públicas). Porém, “o crescimento da telefonia celular é um forte indicador de apropriação das TICs, tanto para uso doméstico, quando para as atividades produtivas” (VIERO; SILVEIRA, 2011, p.262). Uma das causas atuais das dificuldades de acesso à inovação no campo, segundo as autoras, está cada vez mais ligada tanto aos problemas tanto de conectividade, quanto aos de alfabetização digital dessa população. Os governos devem se preocupar com essas duas facetas do *digital gap* no Brasil, se quiserem fortalecer sua ação na área de extensão rural através do uso cada vez maior de TICs.

Outra questão a ser observada, quando analisamos o uso de internet no campo, é o envelhecimento da população rural. Visto que os jovens são os maiores usuários das TICs, e no campo a presença do jovem é muito menor em proporção, isso também afeta os dados sobre uso da internet no campo.

Observamos, em nossa experiência de trabalho, que os técnicos extensionistas vem usando seus aparelhos celulares com internet para atuar junto à produtores rurais atendidos pelos programas do governo com cada vez maior frequência. Isso, porém, não significa que aqueles que mais precisam estejam sendo atendidos, e sim que aqueles com mais acesso à Internet e com maior conhecimento de como utilizar as ferramentas digitais, estão tirando proveito da possibilidade de trabalhar em redes de conhecimento, que envolvem tanto técnicos extensionistas quanto outros produtores da mesma região, às vezes até de regiões distantes. Nesse caso, os produtores são também construtores do conhecimento, não só receptores de informação. O técnico está junto com eles, participando das trocas nesses grupos que envolvem muitos assuntos de interesse do próprio produtor: desde as condições das estradas, até preços e informações sobre insumos, divulgação de eventos etc.

Guimaraes e Silva (2016), que estuda a apropriação das TICs por extensionistas e produtores rurais no Sul do país, acredita que, apesar da exclusão digital ser parte importante da discussão do uso da internet no campo, as novas tecnologias são ferramentas que estão possibilitando uma ampliação das redes de conhecimento entre produtores rurais e técnicos e fortalecendo suas interações. Segundo a autora, o uso das TICs por produtores rurais em rede possibilita “a ampliação de horizontes e de expectativas, a constituição de grupos de comercialização, estimativa de safras e desempenho nas bolsas de valores e commodities, serviços bancários, cooperativas de crédito e de produção, educação à distância e assistência técnica” (p. 61).

TICs na área rural: uma possibilidade de ampliação de serviços ao produtor?

Em nossa pesquisa, partimos do pressuposto que o *digital gap* é resultado da desigualdade social, e não somente culpa da falta de conectividade ou acesso à equipamentos como smartphones, computadores e tablets (WARSCHNUER, 2006). Nesse sentido, o trabalho do governo para aumentar a capacidade de um produtor rural obter benefícios a partir de informações digitais vai muito além de organizar o ambiente rural ter acesso à banda larga. O problema vai muito mais para o lado do *letramento* e da inclusão social, que do acesso à bens físicos. O conteúdo também, precisa ser ajustado. Em geral, ele é definido e desenvolvido por servidores públicos de classe média, urbanos. Resumindo: podemos dar computadores de presente aos produtores. Podemos subsidiar a chegada de antenas e fibra ótica na área rural. Se não investirmos em inclusão social e digital, junto à sociedade civil organizada e junto às comunidades menos favorecidas, nossos esforços terão muito pouco efeito, como tem demonstrado pesquisas sobre benefícios do uso do digital em comunidades pobres de países de terceiro mundo, em vários lugares do mundo (JACK, 2013).

Vale observar que a racionalidade do produtor rural não é a mesma de quem faz as políticas públicas (geralmente a classe média urbana). Portanto, consideramos que é condição *sine que non* para que uma política pública de inclusão digital no campo tenha sucesso, que ela seja feita COM os produtores rurais, e não PARA eles. Entendemos como fundamental trabalhar com o conceito da racionalidade do agricultor familiar entre os formuladores de políticas públicas. A falta de compreensão da forma como os produtores interpretam o mundo, usam as novas tecnologias ou as

negam, tem levado ao fracasso de muitas políticas sociais. Sua racionalidade dirigida à sobrevivência e ao autoconsumo é muitas vezes confundida com aversão à inovação. É preciso entender a perspectiva dos produtores rurais para criar políticas sociais que se adaptem à sua cosmologia e visão de mundo (LANDINI, 2011).

Landini, que estuda a forma como os agricultores tomam suas decisões a partir da psicologia social, garante que eles não são contrários à inovação, mas sim compreendem o mundo a partir de outra lógica, diferente da do extensionista. O controle e a diminuição do risco, por exemplo, são bastante apreciados. Já a maximização dos ganhos, muitas vezes não lhe atrai, pois avalia o risco das mudanças sob a ótica da subsistência familiar e não da obtenção do lucro. Isso não é ser contrário à inovação, mas sim pensar a partir de outro ponto de vista.

Estudos sobre o uso experimental de novas tecnologias com produtores foram feitos na Índia, com resultados interessantes. A pesquisa com 1200 produtores procurou saber se, diante das dificuldades do alcance e resultados da extensão rural tradicional, serviços de comunicação e informação poderiam aumentar o conhecimento dos produtores e também sua produtividade, colaborando para a adoção de práticas mais eficientes de produção. Produtores puderam acessar uma *hotline* onde obtinham informações técnicas sobre sua cultura (no caso, algodão), liam respostas de outras questões e também podiam responder e ajudar a compor as dúvidas. Além disso, recebiam semanalmente dicas via áudios enviados ao seu celular. Outros produtores recebiam esse aviso e também a visita de um técnico extensionista, apenas uma vez no ano, por 2,5 horas. Outros 400 formaram um grupo de controle, e não receberam nenhum tipo de assistência, para permitir a comparação dos resultados. Os resultados das pesquisas mostraram que foram úteis as mensagens virtuais nos resultados alcançados na produção, e não houve diferença se foram ou não visitados pelo técnico essa única vez. Houve um aumento médio de mais de 200 dólares por família na renda (COLE, 2016).

O uso da nova tecnologia foi considerado elevado pelos pesquisadores: 4/5 usaram o serviço por telefone, com a média foi de 22 ligações em dois anos. Os agricultores com maior renda usaram mais o serviço, porém o nível educacional não influenciou no uso. Entretanto, algo importante foi aprendido: a intervenção mudou algumas práticas dos produtores e permitiu maior lucratividade, porém os produtores não demonstraram ter adquirido aquele conhecimento. Ou seja, o serviço funcionou para enviar avisos e lembretes, mas não funcionou para aumentar o conhecimento dos produtores sobre sua produção. Sem o serviço, já não

conseguiam tomar as decisões produtivas por si só com a mesma eficácia. Esse resultado comprova o que outros estudiosos diziam: informação não é conhecimento (CASTELLS, 1999; LAROSSA, 2015).

É importante para os técnicos extensionistas e pesquisadores, compreenderem de perto a racionalidade do pequeno produtor familiar, sob o risco de criarmos políticas públicas ineficientes. Assim, precisamos realizar pesquisas sobre a forma como suas relações sociais e profissionais se dão, intermediadas cada vez mais pelas tecnologias de informação e comunicação. A compreensão de como os usuários lidam com as redes sociais e outras tecnologias disponíveis é fundamental para que políticas públicas efetivas sejam lançadas e o dinheiro do cidadão não seja desperdiçado em programas que podem não ter a efetividade esperada. Como nós, servidores públicos da área de agricultura e extensão rural, e toda a sociedade podemos trabalhar de forma mais racional, efetiva, e participativa, para ampliar a inclusão social e digital dos produtores rurais, de forma que eles possam ter o direito à informação garantido e maior igualdade de oportunidades em um mundo cada vez mais virtual, é a questão que fica para discussões futuras. Esperamos que sejam discutidas lado a lado com o mais interessado: o próprio produtor rural.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e serviço público: novos desafios para a extensão rural. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 137-157, 1998.
- ALMEIDA, L. B.; PAULA, L. G. O retrato da exclusão digital na sociedade brasileira. **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 55-67, 2005.
- ALMEIDA, S. *et al.* A descentralização da política nacional de Ater: uma experiência nos assentamentos de reforma agrária no noroeste mineiro – Brasil. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 22, n.3, p. 551-560, 2010.
- AMORIM, M. Vozes e silêncios no texto de pesquisa em ciências humanas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.116, p.7-19, jul. 2002.
- AUBERT, A. *et al.* **Aprendizagem dialógica na sociedade da informação**. São Carlos: EdUfscar, 2018.
- CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 3ª Parte. Rio de Janeiro: [s.n.]: 1990.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.1, n. 1, p. 16-37, jan./mar. 2000.

CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (org.). **A sociedade em rede**: do conhecimento à política. Lisboa: Imprensa nacional: Casa da Moeda, 2006.

CASTELLS, M. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.(A sociedade em rede, v. 1).

COLE, S.; FERNANDO, A. N. Mobilizing Agricultural Advice: Technology Adoption, Diffusion and Sustainability. **Harvard Business School**, Cambridge, p. 13-047, Apr. 2016.

FORNASIER, M.; SCARANTTI, D. Internet no campo: direitos humanos e políticas públicas de inclusão digital. **Revista Extraprensa**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 133-152, 2017. DOI 10.11606/extraprensa2017.116050.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação? 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GUIMARAES e SILVA, M. A apropriação de TICs por extensionistas e agricultores familiares: uma leitura a partir da teoria da comunicação linear e em rede. In: VIZER, E. A.; BARICHELLO, E.; SILVEIRA, A. C. M. (org.). **Rural conectado**: mídia e processos sociotécnicos no Brasil e Argentina. Santa Maria, RS: Facos-UFSM, 2016. p. 18-51.

JACK, B. K. **Constraints on the adoption of agricultural technologies in developing countries**. Literature Review, Agricultural Technology Adoption Initiative, J-PAL (MIT) and CEGA (UC Berkeley). 2013. Disponível em: <https://www.povertyactionlab.org/agriculture>. Acesso em: 10 nov. 2019.

LANDINI, F. P. Problemas enfrentados por extensionistas rurais brasileiros e sua relação com suas concepções de extensão rural. **Ciência Rural**, Santa Maria, v. 45, n. 2, p. 371-377, 2015.

LEITE, T. Emater-MG apresenta projetos de inovação tecnológica para representantes do ministério da agricultura. **Emater MG**, 2019. Disponível em: http://www.emater.mg.gov.br/portal.do?flagweb=novosite_pagina_interna&id=23720 . Acesso em: 25 jul. 2019.

LANDINI, F. Racionalidad economica campesina. **Mundo Agrário**, Buenos Aires, v. 12, n. 23, 2011. Disponível em: <http://www.mundoagrario.unlp.edu.ar>. Acesso em: 10 nov. 2019.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Experiência e Sentido).

PETTAN, K. B. **A política nacional de assistência técnica e extensão rural (PNATER)**: percepções e tendências. Campinas, SP: [s.n.], 2010.

MARTINO, L. **Teoria das mídias digitais**: a política da sociedade em rede: Manuel Castells. Rio de Janeiro: Vozes. 2014.

MOTA, D. M. da; SCHMITZ, H.; FREITAS, M. N. Pesquisa "com" e "para" os agricultores familiares. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, DF., v. 24, n.1/3, p. 199-216, jan./dez. 2007.

SCHMITZ, H. A problemática da participação nas propostas atuais de extensão rural. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 12., 2005, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: SBS, 2005. 18 p.

SILVA, J.G. **Modernização dolorosa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SILVEIRA, S. A. **Exclusão digital**: a miséria na era da informação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SORJ, B.; GUEDES, L. E. **Internet y pobreza**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2008.

SORJ, B. **brasil@povo.com**: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VIERO, V. C.; SILVEIRA, A. C. M. Apropriação de tecnologias da informação e comunicação no meio rural brasileiro. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 28, n.1, p. 257-277, jan./abr. 2011.

WARSCHAUER, M. **Tecnologia e inclusão social**: a exclusão digital em debate. Tradução Carlos Szlak. São Paulo: Editora Senac, 2006.

ZUIN, L. F. S.; ZUIN, P. B.; MANRIQUE, M. A. S. A comunicação dialógica como fator determinante para os processos de ensino-aprendizagem que ocorrem na capacitação rural: um estudo de caso em um órgão público de extensão localizado no interior do estado de São Paulo. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.41, n.5, p. 917-923, 2011.

A NARRATIVA DE BELÉN DE SÁRRAGA: livre-pensamento e experiências de vida

José Lotúmolo Junior¹
Luzia Sigoli Fernandes Costa

INTRODUÇÃO

A presença da escritora e conferencista espanhola Belén de Sárraga no Brasil, em 1911, especialmente no interior do Estado de São Paulo foi marcante. As notícias dos jornais da época demonstram a grande repercussão causada no meio social dos locais por ela visitados. Quando se pesquisa com maior profundidade sua passagem pelas diversas cidades do estado é possível ter uma ideia da dimensão que seu nome atingia, em uma época em que os meios de comunicação eram muito diferentes e a informação demorava muito mais tempo e dependia de uma estrutura relativamente precária, se comparada aos dias de hoje. No caso de São Carlos, cidade do interior do Estado de São Paulo, naquele 1911 não foi diferente. Porém, apesar da repercussão da presença de Belén de Sárraga, causa estranhamento o fato de não haver, na atualidade, nenhuma referência sobre as quatro conferências por ela realizadas nesta cidade. Um dos mais antigos relatos históricos sobre a história da cidade de São Carlos, escrito em 1915, apenas 4 anos após sua visita, também nada menciona sobre ela. O movimento que ela representava e cujas ideias divulgavam no seu dizer, é conhecido como Livre-Pensamento e já florescia na cidade, mas também não se encontram notícias ou pesquisas sobre ele (CAMARGO, 1915). Os vestígios desse fato somente se tornaram conhecidos a partir de documentos originais, da época, guardados no acervo do Museu da Loja Maçônica “Eterno Segredo”, em São Carlos.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os desdobramentos decorrentes da pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e buscar contribuir para tornar mais conhecida, no Brasil, a escritora e conferencista Belén de Sárraga por meio de estudos mais profundos sobre a sua narrativa e das ideias defendidas no âmbito do Livre-Pensamento.

¹Contato: jolotuljunior@gmail.com

O caminho metodológico adotado foi à seleção e estudo de um texto, datado de 1913, uma de suas conferências proferida em Santiago, capital do Chile. Por meio de análises discursivas, pretendeu-se entender os significados das experiências de vida de Belén de Sárraga. O estudo das marcas deixadas no texto, desta conferência, procurou estabelecer uma ligação entre os fatos narrados e as mensagens, sem deixar de compor com um corpo teórico conceitual relativo ao movimento ideário à qual ela pertencia, o Livre-Pensamento, entendido como reflexo e, ao mesmo tempo, marca pessoal da conferencista e escritora estudada.

Para entender o que dizia Belén de Sárraga

A conferencista Belén de Sárraga viajou por diversos países da Europa e também do Continente Americano proferindo conferências, escrevendo livros e especialmente difundindo conceitos relativos a um conjunto de ideias associadas ao Livre-Pensamento, com posicionamento marcadamente anticlerical, uma das características desse movimento.

A disposição de Belén de Sárraga em passar grande parte de seus dias em longas viagens, sua erudição, a energia de suas conferências, bem como o conteúdo das mesmas, demonstram o claro objetivo de difundir ideias que pudessem influenciar um grande número de pessoas de diferentes lugares.

A análise das narrativas nos textos de Belén de Sárraga, especialmente em sua dimensão pública, evidenciada pela sua busca por maior alcance e por uma compreensão profunda de suas ideias, se pautou não exclusivamente sobre seu conteúdo, mas, também sobre a forma como as ideias básicas do Livre-Pensamento eram dirigidas ao seu público, ao mesmo tempo em que expressavam suas experiências de vida. Este público era basicamente ouvinte, pois suas apresentações eram orais e se davam em teatros e salões. Algumas de suas conferências foram transcritas, na época em que foram proferidas, portanto, se apresentaram acessíveis por estes dois caminhos. No caso deste estudo, foi possível estudar um texto que apresenta este duplo alcance, pois, foi escolhida uma conferência transcrita e registrada em livro, quando da viagem de Belén ao Chile, em 1913.

A produção literária de Belén de Sárraga, que se conhece hoje, é relativamente escassa, mas supõem-se que tenha sido muito maior. Segundo pesquisadores como as Professoras Sylvia Hottinger-Craig (2013, 2018) e Maria Dolores Ramos (2006), ela foi uma das fundadoras do jornal "*La Conciencia Libre*", ainda em 1896 na cidade espanhola de Málaga,

depois expandiu o seu alcance quando passou a circular também nas cidades de Valência e Barcelona.

As informações relativas à sua vida demonstram que Belén sempre participou ativamente dos Congressos e encontros entre livres-pensadores, políticos e demais pessoas que comungavam de suas ideias. Para disseminar esse ideário, Belén percorreu vários países do Continente Europeu e do Continente Americano proferindo palestras e tendo contato direto com as pessoas nas ruas, instituições, jornais e diretamente nas conferências que proferia, enchendo teatros e clubes (LOTÚMOLO JUNIOR, 2018). Como exemplo, cabe citar as visitas que ela fez às cidades do interior do estado de São Paulo, as quais se incluem, entre outras, São Carlos, Barretos, Rio Claro, Americana, Santos, Lorena, Bebedouro e Ribeirão Preto, onde cabe destacar um fato que deve ter marcado seus habitantes. Naquela cidade, Belén andou pelas ruas à noite acompanhada por grande número de moradores, todos segurando tochas acesas, em uma marcha denominada “Marche aux flambeaux”, dirigindo-se em seguida para a sede da Sociedade Espanhola que seria inaugurada naquela mesma noite onde Belén foi aclamada “presidente honorária” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 10 jun. 1911, p. 4). Alguns dias depois a conferencista esteve na cidade de Americana, também em São Paulo, na época chamada de “Villa Americana” cuja visita foi minuciosamente retratada em seu livro *“E/ Clericalismo en América: A través de un continente”* (SÁRRAGA, 1914). Neste trecho do livro Belén relata a paisagem com seus cafezais, as chaminés das fábricas e as pessoas de diversas nacionalidades que compunham os habitantes daquele lugar. A escritora compara a cidade que vê às cidades da Europa e acredita que a pujança econômica do lugar se deve exatamente à mistura de povos, de costumes e da convivência harmônica entre pessoas de diversas camadas da sociedade (SÁRRAGA, 1915, p. 21-22). Certamente este contato direto com as realidades e a população locais foi enriquecedor para o conteúdo das conferências e para reforçar suas convicções a respeito do Livre-Pensamento.

É perceptível que Belén procurava difundir ideias de uma determinada corrente de pensamento e para isso despendia um grande esforço, fica claro que ela tinha a preocupação de estabelecer uma comunicação mais profunda com seus ouvintes. Parte-se do princípio, portanto, que havia uma escolha de temas, de abordagens e até mesmo das palavras utilizadas, pois para que a comunicação possa se estabelecer entre o enunciador – aquele que fala – e o enunciatário – para quem se fala – deve haver a preocupação do enunciador em conhecer os anseios do seu público alvo, como lemos em Fiorin:

Com efeito, a imagem do enunciatário a quem o discurso se dirige **constitui uma das coerções discursivas a que obedece o enunciador**: não é a mesma coisa produzir um texto para um especialista numa dada disciplina ou para um leigo; para uma criança ou para um adulto.” (FIORIN, 2018, p. 56, grifo nosso).

Procurou-se, portanto entender como as experiências de vida Belén de Sárraga influenciaram sua expressão e identificar essas possíveis marcas deixadas em suas conferências, para que seus objetivos de comunicação pudessem ser alcançados. Como essas experiências podem ter influenciado a conferencista em sua identidade com o Livre-Pensamento e sua busca por uma sociedade mais livre de preconceitos, republicana em termos políticos, onde a expressão do pensamento não fosse causa de perseguição e violência, onde a mulher pudesse participar ativamente da vida econômica conquistando sua liberdade financeira com pleno acesso ao conhecimento.

Larrosa (2018) nos diz que para obter-se, realmente, uma experiência que nos modifique é preciso se deixar expor a ela, que é preciso estar aberto ao que acontece. No entanto, o autor nos diz também que o ser humano de hoje vive mergulhado em excesso de informação, de notícias, precisando estar a par de tudo, sabendo tudo, emitindo opinião sobre tudo, mas sem tempo para viver as experiências em profundidade. Ainda segundo autor, para se viver uma experiência é preciso que a disposição prévia não seja de oposição ou de imposição de ideias, nem mesmo de proposição, pois um comportamento contrário impede a experiência real, assim diz ele: “[...] é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ex-põe [...], a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (LARROSA, 2018, p. 26).

O autor indica outro comportamento essencial, frente à experiência, a existência da **paixão**:

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidades da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. (LARROSA, 2014, p. 28).

Assim, o sujeito que passa pela experiência, deve na verdade, se deixar envolver por ela, modificar-se, expor-se à experiência, vivê-la

intensamente, sem objetivar seu controle, sem querer impor modelos e condições específicas para a vivência. Para o autor, a paixão pode ainda desdobrar-se, ou “referir-se” a outras três características inerentes à experiência, que a tornam profunda e significativa, capaz de alterar aquele que a vivencia e que se deixa influenciar e modificar, e, nas palavras do autor, tombar, derrubar-se por ela. Estas características são, ao mesmo tempo, uma parte da outra, ou desdobramentos da outra, de forma que quase não seria possível separá-las, de maneira que elas podem existir simultaneamente caso estejam presentes no momento da ocorrência. Desta forma, sem estas ou alguma destas características a experiência não seria modificadora, não faria parte do sujeito que a experimenta, seria mais um fato externo, um ocorrido que não modificou quem a viveu. A primeira destas características seria o *sofrimento* ou *padecimento*. No sofrimento não existiria passividade, nem tão pouco apenas atividade. A experiência com este componente permitiria assumir um padecimento com paciência, com aceitação, mas não com passividade e sim com atitude, entendendo-se o *sofrimento* não somente como dor, física ou moral, mas como alguma coisa intensa que o faz sentir profundamente a experiência que o atinge. Aqui o sujeito da experiência aceitaria o padecimento, o sofrimento, como um acontecimento que o atinge, onde ele não é mero expectador (LARROSA, 2014). Seguindo este pensamento o autor identifica depois o estabelecimento de uma relativa *responsabilidade* em relação ao outro, que participa da experiência. No entanto esta responsabilidade é de tal natureza que continua a haver autonomia, continua a haver liberdade entre as partes envolvidas. Há o estabelecimento de um vínculo, pois esta responsabilidade impõe certas necessidades. Passa há existir “uma liberdade dependente, determinada, vinculada, obrigada, inclusa, fundada não nela mesma, mas numa aceitação primeira de algo que está fora de mim, de algo que não sou eu e que por isso, justamente, é capaz de me apaixonar” (LARROSA, 2018, p. 29). Por fim o autor ainda aponta a possibilidade de existir, na relação com a experiência, o *amor*. Este componente da *paixão* liga o sujeito a seu objeto, ao objeto amado, de forma que entre eles passa a existir uma relação mais profunda que simplesmente entre objeto e seu observador. Ambos passam a ser possuidor e possuído ao mesmo tempo: “Por isso, o sujeito apaixonado não está em si próprio, na posse de si mesmo, no autodomínio, mas está fora de si, dominado pelo outro, cativado pelo alheio, alienado, alucinado” (LARROSA, 2018, p. 29). Segundo o autor é este sujeito apaixonado que, possuindo sua própria força e querendo por vontade própria manter-se ligado ao objeto pelo qual está apaixonado, sendo esta força geradora de seu saber e sua forma particular de agir, pode

passar pela experiência de forma completa e profunda (LARROSA, 2018). Poderíamos dizer que estas definições, quando relacionadas aos contatos pessoais, estariam muito próximas da definição de alteridade, pois implicam aceitarmos as diferenças em relação ao outro. E, ainda que esta situação implique em nos reconhecermos no outro, e ainda que nos reconheçamos a partir do outro, podemos reconhecer nossas diferenças e nossas divergências estabelecendo assim um espaço seguro de convivência. No caso da experiência, portanto, seria estabelecer um espaço de convivência comum com a experiência do outro.

É sob estes aspectos que este breve estudo pretende apresentar uma das conferências de Belén de Sárraga em forma de texto, procurando identificar as marcas das experiências de vida que ela expressou ao uni-las ao ideário que defendia e que constituía o conjunto básico do Livre-Pensamento, mas que certamente possuía algo de apenas seu, de particular, refletindo seu modo de ser e de ter experimentado, para tanto apresentamos um breve relato sobre a vida de Belén de Sárraga.

Breve relato sobre a vida de Belén de Sárraga

A escritora e conferencista Belén de Sárraga nasceu na Espanha em 1872, na cidade de Valladolid, filha de Vicente de Sárraga e de Felisa Hernández. Quando Belén tinha dois anos de idade sua família mudou-se para Mellila, pequena cidade no Marrocos, norte da África, acompanhando a transferência de seu pai, que era capitão do exército espanhol, por motivos políticos, pois ele era ferrenho defensor da República e naquele momento houve a restauração da Monarquia na Espanha (RESTAURAÇÃO BOUBON NA ESPANHA, 2018). Algum tempo depois a família mudou-se novamente, agora para Porto Rico, Ilha Caribenha, que naquela época pertencia à Espanha e onde residiam os avós paternos da pequena Belén. Aos 14 anos a futura conferencista formou-se professora (TONDA, 1913), por influência de seu avô paterno Fernando Ascensión de Sárraga que havia sido diretor do Ensino Normal de São João de Porto Rico o por intermédio do qual recebeu “una educacion ilustrada, fruto de diversas influencias que inclinarían su espíritu hacia la libre consciencia unos años más tarde” (RAMOS, 2006, p. 693).

Na literatura existem algumas divergências quanto ao momento em que sua família teria regressado à Espanha, mas de certo se sabe que, já de volta à Europa e cursando Medicina na Espanha, ocorreu um fato que se pode dizer, iniciou sua vida pública, quando aos 16 anos liderou um movimento pelas ruas de Barcelona em defesa de um de seus professores

que estava sendo pressionado a deixar a Universidade por ensinar temas sobre evolução humana que estavam em desacordo com os ensinamentos religiosos. O professor era Odón de Buen, que se tornaria célebre pesquisador, e um dos grandes divulgadores na Espanha, da Teoria da Evolução proposta por Darwin e ainda considerado o fundador da Oceanografia Espanhola. Em virtude disto, seus ensinamentos sofreram um forte combate do Clero Católico, especialmente do Cardeal Salvador Casañas y Pagés, a ponto de o Prof.^o Odon ser impedido de lecionar já em 1885. (ODÓN DE BUEN, 2019). Odón de Buen também foi um importante divulgador do Livre-Pensamento, movimento de ideias ao qual aderiu Belén de Sárraga, tornando-se uma de suas maiores divulgadoras (RAMOS, 2006). É importante registrar ainda que, alguns anos mais tarde, Belén estaria lado a lado com o Prof.^o Odón de Buen em um Congresso de Livres-Pensadores em Roma, realizado em 1902 (BOTTO MACHADO; VANGUARDA, 1906, p. 1, *apud* ESTEVES, 2015). Este fato demonstra que Belén de Sárraga estava realmente com sua vida ligada aos movimentos intelectuais e políticos de seu tempo, vivenciando e acompanhado o que ocorria nos círculos do Livre-Pensamento.

Além de Odon de Buen, Belén teve como professor Francisco de Pi y Margall, outra importante personalidade da cultura e da política espanhola. Pi y Margall, como era conhecido, havia sido o segundo presidente da Primeira República Espanhola, anos antes (FRANCISCO..., 2019).

Logo após o retorno da família à Espanha, esta recebeu um duro golpe com a separação dos pais de Belén, em virtude de um relacionamento extraconjugal de seu pai. Menos de um ano depois ocorreu a morte de sua mãe fazendo com que ela e seu irmão menor fossem morar com sua avó materna. Estas dificuldades, porém não impediram que Belén continuasse seus estudos e se iniciasse na vida pública através do ativismo político.

Em 1896, aos 22 anos, Belén de Sárraga colaborou na fundação, na cidade de Málaga, de um jornal denominado "La Consciencia Libre". É também desta época sua filiação ao Partido Republicano Federal, fundado por Pi y Margall, Tal era a vontade de Belén em participar da vida política de seu país que, mesmo não sendo permitida a filiação de mulheres ao partido, ela foi aceita em virtude de seu renome, mas sem que fosse considerada "mujer para los efectos de sus derechos dentro del Partido" (TONDA, 1913, p. 168).

Belén destaca-se no movimento de difusão das ideias de liberdade de pensamento pelo mundo. A jovem conferencista participou dos Congressos do Livre-Pensamento realizados em Paris em 1900, em Roma em 1902, cuja expressão pode ser conhecida pela Fotografia 1, deste

mesmo ano, em Genebra em 1904 e em Buenos Aires, em 1906 (TONDA, 1913, p. 171).

Fotografia 1 - Belén de Sárraga, em 1902



Fonte: Livro de poemas “Minucias”

Sua atuação nos movimentos sociais e políticos a levou a conhecer Emilio Ferrer Balaguer, com quem passaria a viver em 1890 oficializando a união alguns anos mais tarde. Desta união nasceram três filhos: Libertad, Demófilo Dantón e Victor Volney. Emilio era maçom e este fato acabou por aproximá-la da Ordem Maçônica e Belén acabou por ser iniciada no ano de 1896. Porém, poucas Lojas Maçônicas aceitavam mulheres e deve ser por isto que ela foi iniciada na Loja “Severidad” em Valencia, Loja esta, diferente da que Emilio frequentava. Seja como for, este fato tem grande importância, como se verá mais adiante, na formação e na atuação de Belén de Sárraga, como divulgadora do Livre-Pensamento, pois a Instituição Maçônica agregava pessoas com fortes tendências anticlericais e foi uma das organizações combatidas pelo Clero Católico desde a unificação da Itália e a conseqüente redução do poder temporal da Igreja (RAMOS, 2006).

A sua intensa atuação e sua oratória vibrante também causaram fortes reações e Belén sofreu diversos atentados desde envenenamentos, violência física e o uso de bombas, mas nenhum atingiu seu intento (TONDA, 2013). Outra conseqüência foram as prisões, causadas por suas declarações e discursos. Por ocasião do seu regresso, vinda de um Congresso de Livre-Pensamento, realizado em Genebra em 1904, Belén foi

presa por dois meses, em razão de um discurso no qual ela acusava o general Polavieja, presidente das Filipinas pela morte do maçom José Rizal, que havia lutado pela independência daquele País (HOTTINGER-CRAIG, 2013).

Durante os anos de 1907 e 1914 Belén de Sárraga viajou por diversos países do Continente Americano como Uruguai, Paraguai, Chile, Argentina, Venezuela, Peru, Colômbia, Panamá, Cuba, México, Estados Unidos e Brasil.

No final dos anos de 1900 Belén acabou por residir no Uruguai, entre os anos de 1907 e 1911, dirigiu um jornal denominado “El Liberal” e foi neste período que esteve no Brasil por mais tempo. Durante o ano de 1912 continuou suas viagens pela América Latina visitando Cuba e Costa Rica.

Em 1913 esteve no Chile, por vários meses, o que culminou com a publicação de um livro, no qual ela não consta como autora, mas que contém as 9 conferências proferidas em Santiago, capital daquele país, escritas na primeira pessoa, indicando sua participação. Ao final de cada conferência há uma crítica escrita por Frederico R. Tonda, editor do jornal “La Razon” e no final da obra há uma pequena biografia da conferencista, escrita pelo diretor do jornal, Carlos Rivera, constituindo-se em importante documento para conhecer-se um pouco da vida pessoal de Belén de Sárraga.

No ano seguinte, 1914, foi publicado em Lisboa, outro livro, agora com autoria explícita de Belén, cujo título é “El Clericalismo en América: A traves de un continente”. Nesta obra Belén relata, com riqueza de detalhes, suas viagens pelos países das três Américas inclusive o Brasil e até cidades próximas a São Carlos, como Ribeirão Preto e Americana, no estado de São Paulo (SÁRRAGA, 1914).

Belén retornou à Espanha em 1931 onde participou ativamente da vida política daquele país filiando-se aos quadros do Partido Republicano Radical, chegando mesmo a concorrer a pleitos eleitorais, não havendo, porém informações sobre qual cargo (HOTTINGER-CRAIG, 2013). Após a tomada do poder na Espanha pelo General Francisco Franco, Belén de Sárraga acabou por exilar-se no México, aonde chegou em 1939, proveniente do porto francês Saint Nazaire. No mesmo navio chegaram outros exilados políticos que fugiam da repressão do governo ditatorial do General Franco (LOTÚMOLO JUNIOR, 2018, p. 33). Após o registro destes fatos as informações sobre Belén de Sárraga são mais vagas e raras, mas sabe-se que ela sobreviveu escrevendo textos para rádios. Belén morreu, sozinha, na cidade do México em 1950, em dificuldades financeiras e quase esquecida (HOTTINGER-CRAIG, 2013).

Belén de Sárraga no Brasil

As notícias relativas às viagens de Belén de Sárraga podem ser obtidas em diversas fontes como seus livros, notícias dos jornais da época e por meio de artigos e livros escritos sobre ela e sobre temas relativos a assuntos correlatos como Anarquismo, Feminismo, Livre-Pensamento, havendo algumas divergências de datas. Uma fonte relativamente confiável para a obtenção destas informações são as notícias dos jornais da época, pois se trata de fontes primárias cujo cuidado com a data é essencial para a confiabilidade do mesmo além de tratar de fatos contemporâneos ao ocorrido. Porém, como toda fonte noticiosa, reflete forçosamente escolhas e visões tanto das pessoas que reportaram o ocorrido, como a visão e o posicionamento pessoais de seus diretores, necessitando ser analisada com o devido distanciamento e cuidado.

Por estas fontes, sabe-se que Belén de Sárraga esteve no Brasil 4 vezes. A primeira em 1910 (RUDY, 2017), depois em 1911 em sua mais longa estadia no país, quando inclusive esteve na cidade de São Carlos - SP, retornando em 1919 e finalmente em 1931 (ACERVO..., 2019). Sua vinda ao Brasil, segundo o Prof.^o Rudy (2017), é resultado do contato de Belén de Sárraga com o Livre-Pensador Benjamim Mota, jornalista atuante, ferrenho anticlerical e, assim como Belén, também pertencente à Maçonaria.

Com base, principalmente, nas notícias obtidas no acervo do jornal “O Estado de São Paulo” (ACERVO..., 2019).², sabe-se que Belén chegou ao Brasil em sua 2.^a viagem, dia 08 de abril de 1911, desembarcando no Porto de Santos, passando pela cidade de São Paulo e dirigindo-se para o Rio de Janeiro. Na então Capital do País foi recebida por autoridades como o Ministro da Agricultura Pedro de Toledo e diversas autoridades Maçônicas como o Grão-Mestre Lauro Nina Sodré, importante liderança política nacional (LOTÚMOLO JUNIOR, 2018, p. 37). Dias mais tarde a escritora retornou à São Paulo e iniciou uma série de viagens por pelo menos 35 cidades do interior e mais algumas dos Estados de Minas Gerais e Paraná. Nestas cidades ela proferiu dezenas de conferências sobre o Livre-Pensamento, Feminismo, Religião e outros temas correlatos (LOTÚMOLO JUNIOR, 2018, p. 54).

² Sempre que aparecer a citação “O ESTADO DE S. PAULO [s. d.]”, refere-se ao acervo do Jornal e não a um determinado exemplar.

O livre-pensamento e o dizer de Belén de Sárraga

Para atender ao escopo deste trabalho que é analisar as mensagens de Belén de Sárraga, especialmente seus textos escritos remanescentes, se faz necessário compreender as principais ideias que ela desenvolvia, e isto implica em compreender primeiramente o movimento ideário conhecido como Livre-Pensamento, sendo Belén considerada um de seus maiores expoentes no início do século XX. Para tanto damos voz à Prof. Maria Dolores Ramos, Titular da Universidade de Málaga, na Espanha, que assim se expressa em relação à Belén de Sárraga:

Belén de Sárraga Hernández (Valladolid, 1872 – México D. F., 1950) es quizá una de las dirigentes más carismáticas del grupo de propagandistas y escritoras republicanas, librepensadoras y feministas que extendieron su ideario por España e Hispanoamérica durante la primera mitad del siglo XX. (RAMOS, 2006, p. 693).

Há que se considerar, no entanto, que definir o movimento de ideias que ficou conhecido como Livre-Pensamento não é tarefa fácil, visto que a liberdade de pensar e de exprimir seus pensamentos sempre foi causa de muitos embates e muito sangue correu, em diferentes tempos e lugares, em virtude de sua defesa. Daí decorre a necessidade de se arbitrar um recorte temporal delimitando um período e as situações que mais se adéquam ao objeto estudado. Para este estudo foi necessário fazer um recorte limitando os acontecimentos ao período que se inicia logo após a Revolução Francesa em 1789, marco na história das liberdades individuais e posteriormente atingindo os anos que coincidem com o nascimento e a infância de Belén de Sárraga. Sobre este movimento é necessário conhecer o pensamento do Prof.^o Albert Bayet (1971), quando diz:

O termo “livre-pensamento” teve frequentemente, no decurso do século XIX, ásperas ressonâncias. Hoje mesmo, ele conserva qualquer coisa de agressivo. Uns lançam-no mais ou menos como um desafio. Outros acolhem-no com uma ironia hostil. No entanto, ele nada tem em si que justifique tais sentimentos. Todos os homens, quaisquer que sejam suas opiniões, concordam, com Pascal, que a nossa dignidade consiste no pensamento. (BAYET, 1971, p. 7).

O fim dos graves conflitos sociais que culminaram com a Revolução Francesa não terminou, apesar de tudo, com os embates sociais e políticos da sociedade Francesa. Muito ao contrário, a nova realidade das

incipientes e ainda jovens experiências de liberdade de expressão exacerbaram os embates entre os defensores dos pensamentos liberais defendidos na Revolução e aqueles que a ela ainda reagiam ao novo modo que moldava a sociedade, especialmente os religiosos. De um lado encontravam-se os filósofos defensores do Iluminismo, portanto de um estado laico e de outro os membros do Clero Católico, defensores da presença da Igreja em todos os setores da vida nacional, política e até pessoal (LOTÚMOLO JUNIOR, 2018, p. 57). O conjunto de ideias conhecido como Livre-Pensamento acaba por se constituir em um movimento que aglutina os opositores à reação do Clero Católico e por conta disto assume uma posição anticlerical, como bem explicitou Rudy:

De qualquer forma, ao ganhar fôlego no contexto das lutas políticas da França, em pleno século 19 – como produto do iluminismo, do racionalismo e do cientificismo -, o anticlericalismo acabou por expressar o ataque e a denúncia das contradições da vida dos clérigos para com as doutrinas eclesiais, assim como o combate à influência política da Igreja no seio da sociedade civil – leia-se clericalismo. Logo, essas ideias de aversão ao clero deram forma a movimentos de massa de caráter internacional, que aglutinaram diversos segmentos sociais (RUDY, 2017, p. 13).

Estes dois movimentos – anticlericalismo e Livre-Pensamento -, ainda que surgidos em períodos distintos, acabaram por se complementar, e nos utilizamos das palavras do mesmo Prof.^o para embasar esta afirmação:

De mais a mais, numa estreita relação com o livre-pensamento – importante força em luta contra as dominações religiosas –, o anticlericalismo, no transcurso do século 19, passaria a assumir a maturidade de um movimento político de ação que, paulatinamente, ganhou ressonância em outros países. Apesar de certas diferenças de tons e ritmos, os caminhos do livre-pensamento e do anticlericalismo se entrecruzam, compondo um mesmo escopo de oposição à intolerância da Igreja (RUDY, 2017, p. 15).

Uma descrição mais aprofundada destes embates seria, por certo, interessante, mas fugiria ao escopo deste trabalho, assim será preciso um sobrevoo por sobre os fatos históricos fazendo-se um recorte temporal e espacial restringindo-se as informações sobre a França e a Itália, especialmente no período compreendido entre o final do século 18 e o século 19.

Naturalmente a reação da Igreja não se faria demorar, assim por todo o século XIX os dois lados continuaram a se digladiar, especialmente na França, com as reações da Igreja partindo de Roma. Os embates

ganham outro componente com a Unificação da Itália, ocorrida em 1861, quando Papa viu seu poder temporal ser drasticamente reduzido com praticamente a extinção do Principado Papal, com o confisco de seus bens e a redução de seu território para apenas 0,44 Km². Além disso, as demais religiões passaram a ter os mesmos direitos que a Católica, que antes tinha uma série de privilégios (TAVARES, 2007, p. 27-28). Não restou ao Papa alternativa a não ser continuar sua campanha contra o que era considerado moderno e contrário os interesses do Clero Católico. A reação da Igreja se intensificou ainda mais em um movimento que ficou conhecido como “ultramontano”, e segundo Tavares (2007, p. 15):

Etimologicamente falando, ultramontano ou *outremontagne* foi a expressão usada, no início do século XIX, na França e na Alemanha, para indicar, na rosa-dos-ventos, o ponto escolhido de referência e fidelidade: ele está para lá das montanhas, além dos Alpes. Seu nome é Roma, é Pedro, o Papa.

De acordo com este movimento a sociedade da época estaria fadada ao fracasso por negar a autoridade religiosa de Roma. Reagindo contra esse momento delicado pelo qual passava a Igreja, o Papa Pio IX, lança a encíclica *Quanta Cura* e em seguida um complemento denominado *Syllabus Errorum* que, em tom irônico, enunciava 80 erros cometidos pela sociedade da época, onde não faltavam ataques aos que defendiam um estado laico e os que atacavam as incoerências da Igreja. Algum tempo depois as decisões de um concílio da Igreja, realizado em 1869, gerou reações contrárias entre os Livres-Pensadores, ao proclamar a “infalibilidade Papal em questões de fé e de costumes” (LOTÚMOLO, 2018, p. 62).

Assim como na Inglaterra, também na França, a Maçonaria, que era uma das organizações que lutavam por um Estado laico, encontrou solo fértil para se desenvolver e ainda em meio à efervescência das mudanças políticas e sociais, ecos da Revolução Francesa, as Lojas Maçônicas francesas reunidas em Assembleia Geral decidem que o Livre-Pensamento teria guarida naquela Instituição (RUDY, 2017, p. 41). Belén nasceu exatamente neste período e embora a família tenha se distanciado da Espanha por motivos políticos não se pode ignorar o fato de que as experiências vividas sob esta situação possam exatamente ter ajudado a compor sua visão de mundo.

Sobre a produção escrita de Belén de Sárraga e que chegou até nossos dias, o que se pode dizer é que ela é relativamente escassa se comparada à repercussão e ao renome alcançado por ela. Porém os estudos sobre sua vida, feitos por pesquisadores como as Professoras

Sylvia Hottinger-Craig e Maria Dolores Ramos e outros, nos dão conta de que ela, ainda jovem, participou ativamente da difusão das ideias do Livre-Pensamento, de movimentos republicanos e feministas. E uma das formas utilizadas para a divulgação dessas ideias era, além da realização de conferências, a produção de jornais. Exemplo disso é o jornal de divulgação do Livre-Pensamento “*La Consciencia Libre*”, que Belén ajudou a fundar ainda em 1896 (RAMOS, 2006). Sobre a produção de livros há a notícia de apenas três: o primeiro, de poesias, denominado *Minúcias*, escrito em 1902 e do qual só restaram conhecidos no Brasil, até o presente momento, alguns trechos de poemas e imagens da capa. O segundo, *Conferências*, onde estão as conferências proferidas na cidade de Santiago, capital do Chile em 1913, além das críticas escritas por Federico Tonda (2013), editor do jornal “*La Razon*”. O terceiro livro *El Clericalismo en América: A Través de un Continente* foi editado em Lisboa e lançado em 1914, com um relato minucioso de suas visitas a diversos países do Continente Americano, inclusive o Brasil. Neste livro Belén analisa as influências da Igreja Católica sobre os países que visitou ao mesmo tempo em que expõe as ideias do Livre-Pensamento e suas impressões sobre as sociedades e os povos, as indústrias, a agricultura e a organização em geral dos países visitados.

Também é possível encontrar textos com descrição minuciosa sobre o conteúdo das conferências proferidas no Brasil, especialmente nos jornais da época, mas que foram produzidos por outras pessoas a partir das conferências que presenciaram, portanto representam visões particulares e podem não ser tão fiéis ao que ela disse. Desta forma, embora se constituam em importante fonte documental precisam ser analisadas com cuidado e não serão utilizadas neste trabalho.

Para o presente trabalho foi utilizada uma de suas conferências, proferidas na cidade de Santiago, capital do Chile, em janeiro de 1913. Naturalmente em se tratando de uma conferência, portanto produzida oralmente, o ideal seria o acesso ao material produzido pela própria conferencista tendo como base sua própria voz. Obviamente pela época em que estas conferências foram proferidas, ou seja, 1913 a gravação sonora, embora já fosse possível era raríssima e possivelmente muito cara, e não há notícia de que tenha sido feita alguma gravação. Porém, alguns indícios como ter sido escrito na primeira pessoa e o fato de Belén ter estreita ligação com os dois responsáveis pela publicação e que promoveram a série de conferências que foram Federico R. Toda e Carlos Rivera, ambos do Jornal “*La Razon*”, levam a crer que estas conferências foram escritas pela própria Belén, embora seu nome não conste da publicação como autora. Assim podemos nos basear nestes textos escritos onde a

conferencista expõe suas ideias e analisa as relações e os entes sociais segundo a ótica do Livre-Pensamento, para entender melhor o que e como ela procurava se expressar. Sobre este tipo de análise tomamos emprestada a palavra de Valentin Volóchinov:

Obviamente, o diálogo, no sentido estrito da palavra, é somente uma das formas de interação discursiva, apesar de ser a mais importante. No entanto, o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como a comunicação direta em voz alta entre as pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo. Um livro, ou seja, um discurso verbal impresso também é um elemento da comunicação discursiva. [...] Além disso, esse discurso verbal é inevitavelmente orientado para discursos anteriores tanto do próprio autor quanto de outros, realizados na mesma esfera, e esse discurso verbal parte de determinada situação de um problema científico ou de um estilo literário. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219).

Certamente uma análise de toda a obra escrita por Belén de Sárraga, proporcionaria uma aproximação mais verossímil com o que a conferencista e escritora pretendia expor, no entanto esta tarefa fugiria ao propósito do presente trabalho. Fica, porém, a ideia para futuros desdobramentos em pesquisas.

Análise do texto “Trayectorias humanas” de Belén de Sárraga

Como exposto em seção anterior, Belén de Sárraga esteve no Chile ano de 1913 e proferiu conferências em Santiago, capital do País, durante os meses de janeiro e fevereiro. Ao todo foram nove apresentações sobre diversos temas, como “La mujer como entidad social”, “La Moral”, “Los pueblos y las Congregaciones Religiosas”, “El Jesuitismo y el Polvenir de América” e outros. Foi neste material, relativamente escasso em termos de volume – 173 páginas se considerada as críticas que as acompanham -, mas rico de conteúdo, especialmente se analisado sob a ótica de sua inserção no movimento ideário conhecido como Livre-Pensamento e de suas relações discursivas no âmbito do público a quem foi dirigido, que se buscou identificar aqueles elementos que possam corroborar a hipótese de uma intencionalidade até mesmo na escolha das palavras e uma correspondência entre a conferencista e seu público, mas onde fosse possível também identificar as marcas das experiências vividas por Belén de Sárraga, pois a linguagem não é somente uma forma de expressão, mas revela quem somos e o que experimentamos. No dizer de Larrosa (2018, p.

58), “a linguagem não é apenas algo que temos e sim que é quase tudo o que somos, que determina a forma e a substância não só do mundo mas também de nós mesmo, de nosso pensamento e de nossa experiência [...]”.

Para este estudo foi preciso delimitar a análise e especialmente escolher um dos textos como forma de adequação ao seu propósito. Neste sentido escolheu-se a 1.^a das conferências - e possivelmente a primeira em ordem cronológica das apresentações - que constam do livro “Conferencias” proferidas em Santiago denominada “Trayectorias Humanas”, por conter elementos como a apresentação da autora sobre seus propósitos, sua saudação aos presentes, conceitos do Livre-Pensamento e outros elementos que serão apresentados. Este texto, como exposto acima, que é a transcrição de uma de suas conferências, é relativamente longo, composto por oito páginas de um livro de tamanho médio de aproximadamente 23 cm x 16 cm.

Esta conferência, conquanto não seja a mais representativa do anticlericalismo marcante de Belén de Sárraga, foi escolhida por apresentar algumas linhas mestras do Livre-Pensamento, demonstrando também a cultura da conferencista, sua forma peculiar de se dirigir de maneira calorosa ao público e ao povo do país que a acolhia. Mesmo sem ser incisiva contra a Igreja, como em outros textos, não deixa de criticar o poder temporal, social e anticientífico do Clero.

Nesta conferência, Belén traça de maneira encadeada a evolução do ser humano, desde seus primórdios com o surgimento dos primeiros traços dos sentimentos religioso até os dias contemporâneos à conferência, passando pela perseguição, por parte do Clero Católico, aos filósofos e cientistas como Copérnico, Galileu e Giordano Bruno. Neste caso nota-se a cultura geral de Belén, capaz de falar de variados assuntos com relativa profundidade e unir esse conhecimento teórico às situações vividas por ela e por outras pessoas juntamente com as notícias e procedimentos emanados das Instituições que analisava. Neste sentido pode-se dizer que suas experiências de vida eram profundas e completas, pois unidas e analisadas sob a ótica do conhecimento embasado na experiência cotidiana e na informação atualizada, constituindo um saber completo, como diz Larrosa: “O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos” (LARROSA, 2018, p. 30).

Esta conferência possui elementos que se repetem nas demais e, segundo as fontes como o poeta português Fernando Botto Machado (ESTEVES, 2015) e as notícias de jornais da época (O ESTADO DE S. PAULO, [s. d.]), informam, as apresentações de Belén eram muito

concorridas e que ela havia alcançado reconhecimento por sua eloquência, cultura e vibrante oratória. O poeta Botto Machado, escrevendo sobre Belén em um jornal em 1906, ao comentar sobre um discurso dela em um Congresso de Livres-Pensadores na Itália, registrou que ela “produziu o mais eloquente, o mais sugestivo e o mais emocionante discurso que seja possível ouvir dos lábios d’uma senhora” (BOTTO MACHADO, VANGUARDA, 1906 p. 1, *apud* ESTEVES, 2015).

Belén usava a palavra para expressar suas ideias e tinha em suas conferências a forma de influenciar a sociedade que queria ver livre do domínio clerical tendo a Ciência por base. Mas não fazia de seu conhecimento e de sua erudição formal um instrumento de subjugação e de domínio, o que seria absolutamente incoerente com sua própria mensagem.

Mesmo demonstrando erudição, suas conferências eram proferidas procurando transmitir os conceitos e as ideias de forma clara e apaixonada, utilizando a linguagem com mestria. Expunha com clareza o que pensava, seu pensamento acerca dos problemas que abordava era claro, de maneira a não deixar dúvidas quanto a seu posicionamento sobre os temas que apresentava. Sobre o uso da linguagem como forma de exposição pessoal nos diz Larrosa (2014, p. 58):

[...] a linguagem não é apenas algo que temos e sim que é quase tudo que somos, que determina a forma e a substância não só do mundo mas também de nós mesmos, de nosso pensamento e de nossa experiência, que não pensamos a partir de nossa genialidade e sim a partir de nossas palavras, que vivemos segundo a língua que nos faz, da qual estamos feitos. E aí o problema não é só o que é aquilo que dizemos e o que podemos dizer, mas também, e sobretudo, como dizemos: o modo como diferentes maneiras de dizer nos colocam em diferentes relações com o mundo, com nós mesmos e com os outros.

Sobre a conferência em questão, a primeira característica que se nota é que, apesar do nome da conferencista não constar como autora do livro, as conferências foram escritas na primeira pessoa. Esta característica aliada à informação de que Belén se encontrou com Federico Tonda editor do jornal “La Razon” responsável pela publicação bem como com o editor do mesmo, Carlos Rivera (HOTTINGER-CRAIG, 2018), indicam que Belén participou da elaboração do livro por isso o texto foi escrito na 1.^a pessoa, emprestando fidedignidade ao texto em relação à apresentação. Como exemplo, podem-se encontradas várias passagens em todas as conferências do citado livro, expressões como:

Debo, señores, después del agradecimiento a las frases elogiosas con que la persona encargada de presentarme ante vosotros ha adornado mi modestísima labor [...] / “Sirva mi saludo también a la mujer chilena, a quien en primer término van dirigidas mis conferencias [...] (TONDA, 1913, p. 7, grifo nosso).

Ainda sobre suas conferências, os relatos dos jornais da época (O ESTADO DE S. PAULO, [s. d.]), informam que em muitas delas, sua fala era interrompida por aplausos demonstrando que ela realmente conseguia atingir uma relação de empatia com o público o que também foi registrado nas apresentações ocorridas em Santiago (TONDA, 2013). Esta informação sobre a relação com o público é de extrema importância por demonstrar, também, como esta reação pode ter influenciado a própria conferencista na escolha dos temas, das palavras, em seu ritmo, e em outras características dos discursos, como bem aponta Rechdan (2003, p. 2), quando analisa e explica o conceito de dialogismo de M. Bakhtin: “O locutor enuncia em função da existência (real ou virtual) de um interlocutor, requerendo deste último uma atitude responsiva, com antecipação do que o outro vai dizer, isto é, experimentando ou projetando o lugar de seu ouvinte”. Ao comunicar-se com um público receptivo às suas ideias, Belén estabelecia uma relação concreta com seus ouvintes e, utilizando um conceito Bakhtiniano, explicado por Volóchinov (2017), que e assim se expressa, temos a seguinte situação:

Todo enunciado, por mais significativo e acabado que seja, é apenas um momento da comunicação discursiva ininterrupta (cotidiana, literária, científica, política) No entanto, essa comunicação discursiva ininterrupta é, por sua vez, apenas um momento da *constituição* ininterrupta e multilateral de uma dada coletividade social. [...] *A comunicação discursiva nunca poderá ser compreendida nem explicada fora dessa ligação com a situação concreta.* (VOLÓCHINOV, 2017, p. 219 -220, grifo nosso, itálico no original).

Ainda segundo o autor, a partir da concretude das relações entre os interlocutores, os atos discursivos são acompanhados por atos sociais não discursivos (VOLÓCHINOV, 2017), nos quais podemos enquadrar as reiteradas interrupções causadas pelos aplausos que indicavam a plena recepção às ideias que Belén de Sárraga expressava em suas conferências.

Belén de Sárraga iniciou aquela conferência com uma longa saudação aos presentes e agradecimentos pela apresentação de sua pessoa feita por um aluno, “*Presidente de la Federación de Estudiantes*”, cujo nome não foi registrado. Saudou o povo chileno e apresentou, de forma rápida, mas eloquente, os princípios do Livre-Pensamento como o

conhecimento científico, a aspiração pela Liberdade e pela Justiça social, pelo progresso e pela difusão dos ideais como condição de União de seres humanos. Escreveu Belén (TONDA, 2013, p. 8):

Aparte de esa pátria chica, de esse concepto de la pátria que todos poseemos y que todos amamos, aparte del sentimiento de esa pátria que tiene para nosotros lós recuerdos de la infância, lós afectos de lós primeros sentimientos que en nosotros surgen [...] existe entre os hombres de ideas progressivas, entre lós corazones entregados a la libertad [...] existe outra Patria grande, inmensa, que no tiene frontera, tan grande señores , tan inmensa y tan infinita como la Idea que Ella cobija. Inmensa, porque recoge a todas lãs pátrias; infinita porque recoge todas lãs grandes ideas. En esa gran Patria, señores, en la Patria del ideal, en la Patria de lós grandes ideales de progreso comulgamos todos nosotros, convivimos todos nosotros los de diversas razas, los de diversas pueblos, los de diversos continentes; y en esa Patria señores, que Es la Patria de la Ciencia, que es la Patria de Progreso, que es la Patria de la Justicia, que es la Patria del Pensamiento Libre, en esa Patria, señores, yo no puedo ser extranjera ante vosotros, ni lo sois vosotros ante mi.

Apenas para ajudar o leitor a conhecer melhor a escritora que estamos apresentando, o trecho acima, destacado da primeira conferência, perfaz aproximadamente 20 linhas da folha do livro e correspondem a cerca de 1/20 avos da conferência em questão. As demais oito conferências possuem tamanho semelhante a esta.

Nesta conferência procuramos identificar e apresentar os três aspectos constituintes da **paixão**, conforme nos indicou Larrosa (2018), que foram enunciados em seção anterior e que são: *sofrimento* ou *padecimento*, a *responsabilidade* e o *amor*. Sobre estas três características apresentadas pelo autor e como desejamos abordá-las, não se trata de observá-las na pessoa de Belén de Sárraga, no momento em que apresentava suas conferências, mas procurar observá-las através de suas palavras, ou seja, se sua expressão denotava de alguma maneira estes aspectos e extrapolar a observação para suas possíveis origens. Explicando melhor: sobre o *sofrimento*, por exemplo, não se procurou saber se ela sofria de alguma maneira, ou seja, se ela estava triste enquanto apresentava suas ideias, embora até tenhamos o relato jornalístico de acometimento de alguma enfermidade que a deixou de cama por alguns dias, interrompendo sua viagem. O que se procurou, na verdade, é entender se seu discurso apresentava sinais de sofrimento pelo outro, por situações experimentadas, observadas, enfim vividas e expostas através de sua expressão verbal. Da mesma maneira procurou-se identificar a *responsabilidade* e o *amor*.

O *sofrimento*, que aqui pode ser entendido como empatia com o ser humano é encontrado na conferência “Trayectorias Humanas”, em mais de um momento. Após uma longa introdução, já apresentada brevemente, ela começa a descrever a evolução do ser humano sobre a Terra, desde os primórdios da consciência, produzindo o seguinte trecho (p. 10):

[...] de cerebro rudimentário, señores, perdido en las selvas de las primeras edades, enfrente de una naturaleza salvaje, que de nada podia protegerlo, [...] solamente encontraba las fieras que Le despedazaban, aquellos otros animales pequeños que eran el fruto, que eran el único alimento de los y de los otros [...].

Observa-se claramente que o olhar da conferencista é, além do que a Ciência explicava sobre a evolução do pensamento humano, também o de quem observa as fragilidades, as dificuldades de sobrevivência em um ambiente inóspito, o ser humano primitivo que ainda não havia desenvolvido seu raciocínio e, portanto sofria as pressões de uma Natureza da qual ele não podia se defender plenamente.

Mais adiante, agora já se referindo aos primórdios do Cristianismo e descrevendo a chegada do Imperador Constantino, que ela chama de “grande” ao poder absoluto em Roma, Belén disse, à página 13:

Es por eso que la iglesia habla hoy de esse grande que le dió paz y libertad; sí, le dió paz... pero esa paz fué la señal de guerra para todos los que no tenían sentimientos católicos. Es entonces cuando podemos decir que el cristianismo muere.

Ao dizer que o cristianismo morreu quando o Imperador Constantino o tornou “religião del Estado”, Belén destaca o fim daquela religião, quando, na verdade, historicamente foi um importante impulso para aquela religião. Porém, em sua visão, o cristianismo era mais puro no período em que sofria as perseguições, e se transforma quando deixa de ser perseguido e se põe ao lado do Imperador. A conferencista, de certa forma se condói da situação da religião a partir daquele momento, expondo que ela perdera a pureza. Por isso antes ela assim havia se referido ao Cristianismo nascente (p. 12) “El Dios de Jesús, de los cristianos, no castiga, perdona; no es Señor, es el Padre; no tiene la venganza en su mano, tiene la palabra de amor”.

Podemos lembrar neste caso, além de todo o anticlericalismo que caracterizava o Livre-Pensamento, da perseguição que seu professor Odón de Buén sofreu da Igreja Católica por conta de seu ensino das teorias

evolutivas. Também sua ligação com a Ordem Maçônica, que era simpatizante das ideias anticlericais foi fator determinante em sua expressão de combate ao Clero Católico.

Sobre o *sofrimento*, outro trecho expressivo é o que trata da direção que suas conferências tinham; escreveu Belén à página 7:

Sirva mi saludo también a la mujer chilena, a quien en primer término van dirigidas mis conferencias, sin que esto indique que yo quiero establecer aquí una distinción por un sexo; para mi, señores, todos los seres han nacido para procurar el progreso y la felicidad de la humanidad.

É importante registrar que várias de suas conferências, tanto as registradas no livro que serviu de base para a que está sendo apresentada, quanto diversas realizadas no Brasil, tratam do tema da mulher e a necessidade de sua emancipação cultural e financeira, o que seria contrário aos interesses do Clero Católico. Este posicionamento, adequado ao Livre-Pensamento, não está dissociado das experiências de infância vividas por Belén, quando seu pai abandonou sua família e depois, quando da morte de sua mãe, foi sua avó quem cuidou dela e de seu irmão menor. Ainda, segundo aquele relato, sua avó era analfabeta (TONDA, 2013). Pode-se assim imaginar as dificuldades iniciais vividas por eles quando se viram sem o provedor financeiro e sem a presença materna.

O fato de ser reconhecida internacionalmente como representante do Livre-Pensamento fazia com que sua presença representasse, para seus ouvintes, uma esperança na libertação do jugo representado pela Igreja Católica, e suas consequências. Assim pode-se entender como ela se apresentava ao público como responsável pela difusão de ideias novas e libertadoras, essa *responsabilidade* vai ser encontrada em um trecho que expõe, além deste atributo, a busca por estabelecer um ambiente de empatia, temos então o seguinte parágrafo (p. 8):

Y, después de esta manifestación, no me presento, pues, a vosotros, como una extranjera que pide hospitalidade n suelo extraño; yo llevo hasta vosotros como una hermana por la sangre y como una compañera por la causa, que viene visitar a aquellos compañeros suyos que con Ella concuerdan para realizar unidos una obra que interesa al elemento popular y que le interesa en esencia y en la forma, a la expresión de la conciencia pública.

Neste significativo trecho a escritora se apresenta não como uma estrangeira, desconhecida, mas como “una hermana” que vem visitar e se

postar ao lado deles, especialmente unida “al elemento popular”, unida ao povo chileno. Ela afirma assim que não está ali apenas para proferir conferências e discursos, mas para estar ao lado deles, compartilhando seus momentos e sendo responsável e corresponsável pelas mudanças que ocorrerem. Efetivamente esteve em visita à região mineira de Iquique no Chile, onde sua presença, suas conferências e seus artigos serviram para mobilizar os trabalhadores daquela região contra a exploração da qual eram vítimas, notadamente nas minas de sal (HOTTINGER-CRAIG, 2018).

Em sua atuação Belén também expressa sentimentos de profunda consideração pelas pessoas, pelas sociedades que visitava, e que procuramos identificar como *amor*. Assim temos como exemplo, à página 8, o seguinte trecho:

Aparte de esa patria chica, de esse concepto de la patria que todos poseemos y que todos **amamos**, aparte del sentimiento de esa patria que tiene para nosotros los recuerdos de la infancia, los afectos de los primeros sentimientos que en nosotros surgen, los recuerdos que no acaban nunca, los besos de la madre [...]

Este trecho é muito significativo, pois pode se relacionar aos sentimentos de Belén em sua juventude, quando o pai abandonou sua família e sua mãe morreu logo em seguida. Porém, não denota mágoa, apenas sensibilidade. Mais adiante, na página seguinte, encontramos outro trecho onde a expressão de amor por uma causa, pelas pessoas, ou mesmo por ideias é explícito (página 9):

[...] porque por encima de los mares y a despecho de los continentes, los grandes **corazones** se unen, con el entusiasmo del amor a las grandes ideas y sentimientos fundamentales, en el amor a los pueblos y en el **amor** de las libertades populares. (*Aplausos*).

Neste trecho identificamos também, além do amor, a dialogia apontada por Rechdan (2003), gerada com o público quando ela foi espontaneamente aplaudida. E este fato se repetirá 6 vezes na mesma conferência. Ainda neste trecho percebe-se, que mesmo em se tratando de um tema como evolução do ser humano, com relatos históricos e personalidades de repercussão mundial, Belén foi capaz de escolher palavras que estabeleciam uma relação direta com o público. É o caso das palavras “corazones” (corações) e “amor”, pois o coração é tido como a sede dos sentimentos, portanto sede do amor. Ainda na mesma conferência e agora sendo explícita em sua análise crítica sobre a Religião Católica,

Belén disse textualmente, em trecho já apresentado anteriormente (página 12): El Dios de Jesús, de los cristianos, no castiga, perdona; no es Señor, es el Padre; no tiene la venganza en su mano, tiene la palabra de amor.

Nesta primeira conferência Belén expõe de forma mais sutil que nas demais – como o trecho acima demonstra - seu anticlericalismo, mas ele pode ser melhor entendido em passagens como a seguinte à página 13:

Y no pasan cuatro siglos es destruida la biblioteca de Alejandria; na pasa mucho tiempo en que la religion declara reos de Estado a Pensadores y Filósofos. Todos recordarán esa época terrible, aquella noche de diez siglos, época en que el pensamiento humano desea grandes conquistas científicas y se vê detenido. Todos conocen hechos más positivos, todos conocen lo de la conquista de los árabes; es aquella época en que Granada cae en poder de los reyes católicos.

As experiências de vida de Belén de Sárraga, vividas intencionalmente ou não, podem ter marcado suas atuações posteriores e ficaram registradas em sua maneira de ver o mundo e em sua busca de modificar a Sociedade.

Assim temos a busca pelas liberdades políticas representadas por seu apoio ao republicanismo, que podem ter sido influenciadas pelo exílio de sua família para países da África.

A perseguição ao Prof.^o Odon de Buen, por difundir os conhecimentos científicos, deixaram suas marcas na, ainda jovem Belén, professora e estudante de medicina, e levaram seu olhar a reconhecer no Clero Católico um perseguidor da liberdade de expressão e inimigo da Ciência, que na época era tida como capaz de trazer felicidade à Sociedade. Assim como, o abandono de sua família, por parte de sua pai e a morte prematura de sua mãe a fez enxergar na emancipação da mulher, a possibilidade de um futuro diferente para as situações semelhantes.

Neste sentido Belén de Sárraga encontra em sua iniciação na Ordem Maçônica, em sua filiação ao Partido Republicano Espanhol e na difusão do ideário do Livre-Pensamento, com seu forte anticlericalismo, uma expressão de vida que pudesse representar para outras pessoas o combate a essas dificuldades que moldaram sua juventude.

Considerações finais

Em primeiro lugar este trabalho procurou dar ouvidos à escritora e conferencista espanhola Belén de Sárraga, que teve grande influência em um movimento ideário conhecido como Livre-Pensamento. No Brasil, esse

movimento também teve grande repercussão, especialmente no início do século XX, em consonância com o pensamento que florescia em grande parte da Europa e em vários países da América Latina. Porém, apesar da grande repercussão das visitas de Belén de Sárraga na época e da consideração em que era tida em vários países do mundo, hoje sua passagem pelo Brasil, pelas cidades do interior de São Paulo e especialmente por São Carlos é praticamente desconhecida. Suas ideias, ainda que se leve em consideração que a forte conotação anticlerical hoje possa não se justificar, ela já propunha questões que ainda hoje não foram totalmente resolvidas como a igualdade de gênero, a evolução social pelo trabalho, a valorização dos trabalhadores de todas as classes sociais e especialmente a evolução do conjunto social através da evolução e do acesso à informação de suas partes constituintes, ou seja, da evolução do ser humano individual.

A análise, mesmo despreziosa, de apenas uma de suas conferências demonstrou sua coerência em relação ao movimento ideário que ela representava, o Livre-Pensamento, e que encontrou repercussão na Sociedade da época, inclusive no Brasil.

Também é preciso registrar o fato que em seu esforço de divulgação do Livre-Pensamento, de seu forte anticlericalismo e da difusão de ideias avançadas para a época, Belén continuou tomando contato com situações semelhantes às que se pôde identificar em sua juventude como formadoras de sua personalidade e que identificamos como *sofrimento*, *responsabilidade* e *amor*. Portanto o sofrimento a responsabilidade e o amor continuaram influenciando Belén não somente em um movimento interno já estabelecido, mas ela continuou recebendo esta carga de emoções, do mundo, das pessoas e situações.

Desta forma, é preciso ter sempre em mente que as experiências identificadas em um determinado momento da vida de uma pessoa, e que continuam sendo expressas em sua forma de ser e de expressar-se, podem levá-la a continuar exposta às mesmas situações originais. No caso de Belén de Sárraga é inegável que ela continuou em contato com situações que alimentaram *seusofrimento*, *suaresponsabilidade* e *seuamor*.

O fato de se ter encontrado, no texto analisado, as características apresentadas pelos autores que embasaram a pesquisa e suas correspondências com as passagens da vida da conferencista, de forma alguma esgotam o assunto. Muito ao contrário servem de estímulo, demonstrando as inúmeras possibilidades de abordagem que se pode fazer sobre um mesmo assunto, sobre uma mesma personagem. Ao mesmo tempo esperamos também, estimulem outros pesquisadores a conhecerem

um pouco mais da vida desta mulher admirável que empreendeu uma jornada intelectual e física em uma época que isto não era comum ser realizado por mulheres. Vencendo longas distâncias, enfrentando preconceitos e desconfiças Belén de Sárraga levou sua mensagem de evolução do pensamento com base na Ciência e no conhecimento para a construção de uma Sociedade mais evoluída e mais justa.

Também é preciso ter em mente que uma análise do conjunto das manifestações das ideias de Belén de Sárraga, em suas várias formas como poemas, relatos de viagens e impressões e suas conferências, poderia, certamente se aproximar ainda mais de seus objetivos e expor com maior clareza e profundidade as ideias que ela defendia.

Como em toda a pesquisa, outras perguntas surgiram no decorrer do processo e não foram mencionadas ou mesmo respondidas no presente trabalho. A finalidade de conhecer a história de Belén de Sárraga, suas mensagens e suas ideias, mesmo que inseridas em um momento histórico definido e distante, não encerram a análise que se pretendeu fazer, pois ainda restam questões que precisam permanecer em mente: se Belén de Sárraga estivesse entre nós hoje, quem ela teria como alvo de suas críticas? Que análise faria e em que bases ela observaria as sociedades dos países que visitou? Teriam esses países vencido o desafio de oferecer aos seus habitantes as condições sociais e culturais capazes de proporcionar o que o Livre-Pensamento objetivava, ou seja, que se tornassem cidadãos mais conscientes de suas realidades individuais e coletivas e, portanto, capazes de autodeterminarem seus destinos?

REFERÊNCIAS

ACERVO Estadão. **O Estado de São Paulo**, São Paulo. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br>. Acesso em: 8 ago. 2019.

BAYET, Albert. **História do livre-pensamento**. Lisboa: Arcádia, 1971. 177 p. (BAB, 143).

CAMARGO, Theodorico L. de Almeida. Breve notícia histórica e geographica sobre a cidade e município de S. Carlos. *In*: CAMARGO, Sebastião (org.). **Almanach de São Carlos**. São Carlos: Joaquim Augusto, 1915.

ESTEVES, João. [1143.] BELÉN DE SÁRRAGA [I] 07/06/1906. *In*: **BlogSilêncios e Memórias**: 07/06/1906.

Silêncios e Memórias. Disponível em: <http://silenciosmemorias.blogspot.com.br/2015/11/1143-belen-sarraga-i.html>. Acesso em: 29 abr. 2018.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FRANCISCO Pi y Margall. *In: Wikipédia: a enciclopédia livre*. mar. 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Pi_y_Margall. Acesso em: 8 nov. 2019.

HOTTINGER-CRAIG, Sylvia. III Symposium internacional de historia de las masonerías y las sociedades patrióticas latinoamericanas y caribeñas: Masonería, Independencia, Revolución y Secularización. **Revista de Estudios Históricos de la Masonería Latinoamericana y Caribeña**, [s.l.], v. 3, n. 2, 2013. Disponível em: <https://revista.inie.ucr.ac.cr/index.php/rehmlac/article/view/22485>. Acesso em: 9 jun. 2017.

HOTTINGER-CRAIG, Sylvia. Belén de Sárraga: un nodo feminista en las redes revolucionarios de Latinoamérica. **TRIM**, Valladolid, v. 15, p. 73-88, 2018. Disponível em: http://www5.uva.es/trim/TRIM/TRIM15_files/06.pdf. Acesso em: 15 nov. 2019.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2018.

LOTÚMOLO JUNIOR, José. **Explorando a enigmática passagem de Belén de Sárraga por São Carlos e a fundação da “União dos Livres-Pensadores”, em 1911**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

ODÓN De Buen. *In: Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: https://es.wikipedia.org/wiki/Odón_de_Buen. Acesso em: 29 out. 2019.

RAMOS, Maria Dolores. Belén de Sárraga: una “obrero” del laicismo, el feminismo y el panamericanismo en el mundo ibérico. **Baética**, Málaga, v. 2, n. 28, p. 689-708, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.uma.es/index.php/baetica/article/view/306>. Acesso em: 9 jun. 2017.

RECHDAN, Maria Letícia de Almeida. **Dialogismo ou polifonia?** 2003. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/soft-livre-edu/polifonia/files/2009/11/dialogismo-N1-2003.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2019.

RESTAURAÇÃO Bourbon na Espanha. *In: Wikipédia: a enciclopédia livre*. 2018. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Restaura%C3%A7%C3%A3o_Boubon_na_Espanha&oldid=52794820. Acesso em: 8 maio 2018.

RUDY, Antonio Cleber. **O anticlericalismo sob o manto da república: tensões sociais e cultura libertária no Brasil (1901-1935)**. 2017. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em:

<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/330835>. Acesso em: 22 nov. 2018

TAVARES, Marcelo dos Reis. **Entre a cruz e o esquadro**: o debate entre a igreja católica e a maçonaria na Imprensa de Francana (1882-1901). 2017. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, 2007. Disponível em:

<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/93291>. Acesso em: 12 maio 2017.

TONDA, Federico. R. (org.). **Conferencias dadas en Santiago**:Chile. San Thiago, Chile: La Razon, 1913. 173 p. 1 v.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grilo e Ekaterina Vólkova. São Paulo: Editora 34, 2017.

FOTO de Belén de Sárraga. *In*: **PaperBlog**. Disponível em: <https://es.paperblog.com/belen-de-sarraga-vida-y-revolucion-feminista-555546/>.

Acesso em: 9 set. 2017.

A SAÚDE INDÍGENA E A INTERAÇÃO MÉDICO-PACIENTE

Natalia Rodrigues de Almeida¹

Introdução

A linguagem é o que permite as relações sociais entre os seres humanos, e por isso a comunicação está em todos os campos das atividades humanas, mas as formas da linguagem não são apenas orais e escritas, existem também, as linguagens não verbais. “A linguagem, realizada no âmbito da prática social, tem características sógnicas e semióticas que, entrelaçadas, auxiliam o sujeito na produção de sentido e conhecimento.” (BARBOSA, 2016, p.14). E é na relação com o outro que os sujeitos são constituídos socialmente. No campo da saúde, por exemplo, além da comunicação interpessoal, acontecem outras formas de se comunicar que não envolvem diretamente a palavra, a comunicação não verbal permite compreender o outro dentro da relação médico paciente, não apenas como doente.

A doença é uma experiência comum a todas as sociedades humanas. Contudo, à medida que a natureza social dos seres humanos produziu diferentes maneiras de lidar com as necessidades básicas de reprodução e conservação de sua espécie, caracterizadas no fenômeno da diversidade cultural, também em relação à doença há distintas formas de concebê-la, além de uma grande variedade de intervenções terapêuticas utilizadas de acordo com especificidades culturais. (SANTOS; COIMBRA, 1994, p. 91).

No caso da saúde indígena, além de um campo que produz comunicação, também é um espaço de interação intercultural. A interculturalidade é o processo de reconhecer a própria identidade e valorizar diferenças culturais como algo enriquecedor para as relações sociais em geral.

É importante reconhecer que no caso dos indígenas, as relações sociais mediadas pela linguagem são diferentes e por isso estudos sobre essa temática são importantes para entender como eles tratam e explicam os processos de adoecimento. Esse caso é peculiar devido ao choque cultural e os preconceitos da sociedade que podem influenciar o processo

¹ Contato: natalia.rodrigues.almeida@hotmail.com

de cuidado através de práticas etnocêntricas, que consideram sua própria cultura melhor que as outras, encarando as demais como inferiores ou menos civilizadas.

Na literatura, em relação as questões da linguagem no campo da saúde Silva (2003), discute alguns conceitos da Semiótica no contexto da Saúde Coletiva, utilizando textos de Bakhtin, para a análise de sentidos, apresentando uma síntese de fragmentos de narrativas. Essas narrativas fazem parte do projeto Bahia Azul, onde vários profissionais da área da saúde coletiva foram acompanhados. E cada narrativa dentro do campo de atuação desses profissionais foi apresentada como uma possível análise dos sentidos de saúde.

Corrêa; Ribeiro (2003) apresentam os principais conceitos de algumas obras de Bakhtin e as possibilidades de aplicação no campo da saúde. Os autores apresentam uma proposta de referencial metodológico com categorias que podem ser utilizadas em situações como: “[...] espaços, momentos ou situações que envolvam atividades e processos de educação em saúde, a relação profissional-paciente e as narrativas e experiências de saúde, adoecimento e cuidado.” (CORRÊA; RIBEIRO, 2003, p. 332).

Considerando os variados eventos produzidos pela comunicação que acontecem nos ambientes de saúde, surge a seguinte indagação: Como acontece a interação social em determinado contexto de saúde indígena? Essa indagação surgiu, pois não foram encontradas publicações envolvendo a saúde indígena, deste modo, o objetivo desse artigo é analisar e discutir como se estabelece a interação social entre profissional-paciente indígena. Para atingir o objetivo da pesquisa, foi analisado um relato de experiência de alunos do PET-Saúde Indígena da Universidade Federal de Tocantins (UFT), que realizaram atividades na aldeia do Funil, junto a população Akwê-Xerente. E para análise desse relato, foi apresentada a questão das diferenças culturais e como se dá a interação social entre médicos e pacientes indígenas, buscando bases teóricas no livro *Marxismo da Filosofia da Linguagem* de Bakhtin (2006), além de outras referências, utilizando a base de dados Scielo a partir das seguintes expressões de busca: saúde indígena, cuidado e saúde dos indígenas, dialogismo na saúde.

Relato de experiência com a saúde indígena

Silva et al (2015), apresentam um relato de experiência de alunos do PET-Saúde com a saúde indígena. Os autores contextualizam que em 2009 foi lançado o PET-Saúde (Programa de Educação pelo Trabalho para

a Saúde), esse programa agrega os cursos de graduação da área da saúde envolvidos nas atividades de ensino, de pesquisa e de extensão da Universidade Federal de Tocantins (UFT) valorizando o trabalho em equipe e integrando estudantes e professores de várias formações para trabalharem em conjunto. Dentro do PET-Saúde, em, 2013, foi criado o PET-Saúde Indígena, composto por docentes da UFT dos cursos de enfermagem, medicina, serviço social e nutrição. O grupo estuda as condições de saúde dos indígenas Akwẽ-Xerente, principalmente questões relacionadas ao uso álcool, além de realizar oficinas de educação em saúde. Eles formam uma população com mais de 3 mil pessoas e sua língua nativa é o Akwẽ ou Xerente. Sua subsistência vem da caça, pesca além de coleta frutos, raízes e plantas medicinais. A confecção e comércio de artesanatos também são atividades desenvolvidas pela população. Além disso muitos indígenas têm atuado como professores, agentes de saúde entre outros. As interferências culturais indiretas vindas da sociedade envolvente acarretam algumas dificuldades para esse povo.

Entre estas, a introdução do álcool foi e é amplamente utilizada como forma de dominação e marginalização dos indígenas, especialmente quando interesses relativos ao uso da terra estão em jogo. A introdução do álcool e de outras drogas nas aldeias indígenas se deu simultaneamente à convivência com a sociedade envolvente, que, no caso dos Akwẽ-Xerente, ultrapassa duzentos anos. (SILVA *et al.*, 2015, p. 1007).

Em 2014, o grupo do PET, realizou atividades junto ao DSEI (Distrito Sanitário Especial Indígena) de Tocantins. Nesse mesmo ano, teve início o Programa Mais Médicos para o Brasil. “O Programa Mais Médicos para o Brasil foi instituído pela Lei nº 12.871, de 22 de outubro de 2013, com várias frentes para resolver os problemas existentes na assistência médica das Unidades Básicas de Saúde (UBS).” (SILVA *et al.*, 2015, p.1008).

Neste contexto, os integrantes do PET-Saúde indígena puderam acompanhar a dinâmica de trabalho dos médicos intercambistas na aldeia do Funil.

Essa experiência segundo Larrosa (2001) pode ser definida como um movimento de ida e volta. No caso dos estudantes, é um movimento que vai de encontro ao acontecimento, nesse caso seria a aproximação/observação dos atendimentos na aldeia. O movimento de volta é o que afeta os sujeitos envolvidos, produzindo reflexões sobre saúde indígena, o que sentem em observar um atendimento diferenciado, em um ambiente social culturalmente diferente, o que realmente conhecem sobre

os indígenas além de filmes e livros, e como isso pode influenciar na decisão de realmente querer trabalhar nesse contexto.

Em relação aos indígenas e os médicos intercambistas, o acontecimento é o momento de atendimento em si, o movimento de volta, é o que os afeta em relação a interação sobre questões de adoecimento com pontos de vista opostos, como lidam com a questão dos idiomas diferentes.

É uma experiência única para todos os sujeitos envolvidos, um momento irrepetível. Os alunos podem voltar nessa aldeia em outro momento, mas suas mentes não serão mais as mesmas, os sujeitos estão sempre mudança.

O sujeito em sociedade de acordo com a situação traz consigo um novo discurso, com isso, uma nova interação, pois cada sujeito tem em si uma sua construção cultural com suas experiências e os momentos particulares. Mesmo quando o diálogo acontece entre mesmas pessoas, os momentos são diferentes – pois cada momento é único. Sendo assim, o sujeito interage com vozes sociais. Por isso o dialogismo nunca é o mesmo, é heterogêneo. Ele é singular, pois todo sujeito é único, com experiências únicas e com pensamentos únicos. (MALTA, 2014, p.2).

Na interação social dos sujeitos desse relato, o momento do uso da linguagem, recebe o nome de enunciação, processo que não envolve não apenas a presença face a face dos sujeitos como também o tempo histórico (início das atividades do PET-Saúde indígena na aldeia do funil em 2014) e o espaço social de interação (local onde acontece os atendimentos médicos da população). “A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trata-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior.” (BAKHTIN, 2006, p. 9).

A partir da vivência dos alunos no ambiente de trabalho da equipe em questão, foram observadas as condições de trabalho dos médicos, onde foi possível perceber problemas de estrutura física, falta de remédios e o número insatisfatório de profissionais para atender a população. A Unidade Básica de Saúde da aldeia (UBS) é composta por uma sala de espera, um sanitário para usuários e um consultório sem armários onde os medicamentos e outros itens ficam armazenados em lugares inadequados. Os médicos ressaltam a falta de medicamentos e a presença de alguns itens desnecessários para os indígenas, como colírio umidificador para lentes de contato. “A Equipe de Saúde da Família que atende à população Akwẽ-Xerente da aldeia Funil é composta por uma equipe permanente na unidade formada por: um enfermeiro, um técnico em enfermagem, um

agente indígena de saúde e um agente indígena de saneamento.” (SILVA *et al.*, 2015, p. 1008).

No total são 64 aldeias e existem apenas 2 médicos para realizar atendimento uma vez ao mês. Nos outros dias, a responsabilidade fica a cargo do enfermeiro chefe, e quando não consegue resolver determinada situação, encaminha os pacientes para as cidades próximas, algumas são via terrestre outras vias fluviais.

A chegada de um médico de outra cultura na comunidade representa o confronto de diferentes visões do mundo. De um lado:

A doença é interpretada pela concepção biomédica [...]. Este modelo, fundamentado em uma perspectiva mecanicista, considera os fenômenos complexos como constituídos por princípios simples, isto é, relação de causa efeito, distinção cartesiana entre mente e corpo, análise do corpo como máquina, minimizando os aspectos sociais, psicológicos e comportamentais. (CAPRARA; FRANCO, 1999, p. 650).

De outro lado, “A concepção indígena de adoecimento e cura faz parte de uma ordem cosmológica e envolve forças invisíveis da natureza, o significado da doença está muito além da nossa limitada perspectiva de corpo físico.” (SANTOS *et al.*, 2017, p.605)

Quanto ao tempo das consultas, os indígenas tinham a impressão de que eram muito breves, isso porque, o povo Xerente “entende a doença como um processo acumulativo de eventos desde a infância – por isso os pacientes indígenas têm a necessidade de narrar eventos de toda sua vida que consideram determinantes para explicar o estado atual de saúde.” (SILVA *et al.*, 2015, p.1011).

Quando um índio é acometido por uma doença e começa a apresentar sintomas, vai buscar, caso haja disponibilidade em suas terras, remédios à base de ervas conhecidas por sua família para o alívio sintomático e se possível a cura da doença. Caso não haja a esperada resposta á terapêutica instituída, por ausência de melhora ou por agravamento do quadro clínico, são procurados os especialistas da comunidade na cura de doenças (pajés ou xamãs), para realizar o rito, com a finalidade de desvendar a causa mística (fazer o diagnóstico) e contrariar ou neutralizar esta causa por meio dos processos de tratamento (rituais e magia). Na prática de anamnese com o paciente e seus familiares, o pajé procura investigar a história da vida, tentando relacionar eventuais traumas anteriores para ajudar a definir o tratamento. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2004, p.10).

Enquanto na cultura ocidental é comum o pensamento de que o papel do médico é examinar, medicar e solicitar exames, e o papel do paciente é apenas ser examinado, medicado e realizar os exames solicitados, ou seja, uma relação de poder.

Como aponta Lima (2018), em todo diálogo existe troca de informações, nesse sentido o diálogo se apresenta de acordo como o sujeito expressa tais informações.

Nesse relato é possível perceber que os indígenas usam uma linguagem mais simples (dentro do seu contexto) e sentem a necessidade de falar mais sobre seus processos de adoecimento, diferente da cultura ocidental, onde o discurso médico é conduzido por uma verticalização de falas e relação de autoridade, usando uma linguagem mais rebuscada, usando um modelo informativo de discurso enquanto o paciente geralmente só escuta.

Uma hipótese para essa sensação dos indígenas em relação ao tempo da consulta, pode ser pelo fato de que embora exista a diferença entre as culturas, o paciente cria certa confiança na figura do médico, quanto ao retorno para suas questões de adoecimento, assim como acontece com a figura do pajé.

É interessante notar que os pajés também entendem suas limitações e por isso aceitam a contribuição dos médicos.

[...] um pajé (sekwa) relata: “Nossa cultura que nós aprendemos de pajé não igual à do médico, porque nós olhando pra pessoa e pro corpo a gente vê a doença e o que faz pra curar, a gente tira. Não é assim com o médico, nós não faz. Aí, se eu não tô dando conta, eu já falo praquele dono da pessoa que tá doente, eu falo, não! Não tô dando jeito, não tá dando certo. Despacho pro médico. Só isso!” (MARQUEZAN; GIRALDIN, 2017, p.850).

A questão da comunicação foi citada como dificuldade no relato, pois médico e paciente são falantes de idiomas diferentes. Por questões culturais, indígenas mais velhos e as mulheres dominam um pouco a língua portuguesa, mas os médicos não conhecem a língua nativa o que muitas vezes dificulta a comunicação. Por isso a participação dos técnicos em enfermagem nativos auxiliava os médicos quando a comunicação estava “prejudicada”.

“A fala está indissolúvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais” (BAKHTIN, 2006, p. 7).

Seria importante, uma vez que os médicos são destinados para áreas específicas, que eles recebessem um curso de capacitação sobre a cultura e a língua materna dos povos nativos, quando enviados para áreas indígenas, visto que esses grupos apresentam particularidades tanto culturais quanto linguísticas. (SILVA *et al.*, 2015, p. 1011).

Para que a comunicação seja eficiente e o conhecimento chegue ao interlocutor (pacientes indígenas), o locutor (médicos) devem adaptar sua linguagem de acordo com o contexto em que se encontram. Como já explicitado, a comunicação é prejudicada pela diferença de idiomas. Nesse caso os médicos possuem o auxílio dos técnicos de enfermagem, que ajudam na mediação com os pacientes. Mas como será a interação entre os médicos e os técnicos em enfermagem? Apesar de dominarem o português, é importante o médico levar em consideração a questão da diferença de culturas, mesmo ambos sendo da área da saúde, o nível de vocabulário deve ser compreensível. A linguagem precisa ser adaptada para que aconteça troca de informações.

A enunciação está sempre carregada de um conteúdo ideológico. Fazer com que o outro entenda o que se pensa, traz uma responsabilidade quanto à forma expressa desse conteúdo. A forma como se fala deve ser correspondente ao contexto social da interação, usando uma linguagem em que os falantes compreendam. (MALTA, 2014, p.5).

Outro aspecto importante destacado, são as visitas as casas da comunidade para avaliação do indivíduo, e também de suas condições de moradia, o que permite uma visão geral da saúde de seus pacientes. A partir das visitas domiciliares, por exemplo, os médicos identificaram que as moradias não possuíam janelas, o que dificultava a circulação de ar, e facilitava o acúmulo de fumaça no interior dessas moradias. “Segundo a cultura Akwê-Xerente, a fumaça produzida pelo uso do fogão a lenha, presente em quase todas as casas, é um aliado no combate a mosquitos e animais, como cobras, pois os afugentam” (SILVA *et al.*, 2015, p. 1011). Essas visitas são importantes para compreender o meio social dos pacientes, nesse relato não fica explícito, mas provavelmente deve ser utilizada a linguagem verbal para fazer perguntas sobre a vida pessoal do paciente.

Por fim, presença dos médicos nas aldeias é algo positivo do ponto de vista dos indígenas, pois antes da chegada do Programa Mais Médicos, eles tinham que se deslocar para cidades próximas, e relatam as dificuldades com as filas de espera e retorno para consultas e agendamento

de exames. Para os alunos, a experiência foi rica para conhecimentos na área, vivenciando a realidade de um contexto específico da saúde indígena.

Considerações finais

No relato apresentado, a interação social entre médico e paciente acontece em um consultório na aldeia do Funil, onde os médicos vindos do Programa Mais Médicos, fazem os atendimentos aos indígenas Xerente. A discussão então se dá a partir das informações das observações feitas pelos alunos do grupo PET- Saúde Indígena e entre as observações, estão as questões físicas do ambiente, a estranheza do paciente em entender certas “etiquetas” no atendimento, como no caso das consultas serem mais breves, a questão da comunicação, pelo fato dos médicos falarem apenas a linha portuguesa, e a maioria da população apenas a língua nativa. E do atendimento precisar da mediação de profissionais nativos. A indagação inicial da pesquisa foi respondida, assim como o objetivo proposto foi alcançado e as leituras para fundamentação teórica contribuíram para discussão.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006. 193 p. Disponível em: http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Bakhtin-Marxismo_filosofia_linguagem.pdf. Acesso em: 20 nov. 2019.
- BARBOSA, E.A.S dos. **Linguagem e interação no whatsapp**. 2016. 94 p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) – Núcleo de Ciências Humanas, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2016. Disponível em: <http://www.ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/2098/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20ELIANE%20BARBOSA.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- CAPRARA, A.; FRANCO, A.L.S. A Relação paciente-médico: para uma humanização da prática médica. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 647-654, set. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1999000300023&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 nov. 2019.
- CORRÊA, G.T.; RIBEIRO, V.M.B. Dialogando com Bakhtin: algumas contribuições para a compreensão das interações verbais no campo da saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v.16, n.41,

p.331-41, abr./jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v16n41/aop2312>. Acesso em: 28 out. 2019.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n.2, p. 4-27, jul./dez.2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>. Acesso em: 20 nov. 2019.

LIMA, F. R. Poder ou assimetria na relação médico-paciente? Costurando o tema a partir de flutuações teóricas e aplicadas dentro dos estudos da comunicação e da linguagem. **Revista Virtual Lingu@ Nostr@**, Vitória da Conquista, v. 6, n. 2, p. 18-37 ago./dez. 2018. Disponível em:<http://linguanostra.net/index.php/Linguanostra/article/view/115>. Acesso em: 26 nov. 2019.

MALTA, A.R. O dialogismo na interação médico-paciente. *In*: JORNADA NACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS DO NORDESTE, 25., 2014, Natal. **Anais[...]**.Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014, p. 1-9. Disponível em: <https://gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/930.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

MARQUEZAN, R.F.; GIRALDIN, O. A interface entre saúde indígena e o programa mais médicos para o Brasil no Tocantins: uma análise a partir do povo Xerente. **Amazônica:Revista de Antropologia**, Guamá, v. 9, n. 2, p. 832-854, abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/5677/4689>. Acesso em: 03 dez. 2019.

SANTOS, A.C.G. dos *et al.* Considerações bioéticas sobre a relação médico-paciente indígena. **Revista Bioética**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 603-610, Dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422017000300603&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 nov. 2019.

SANTOS, R.V.; COIMBRA, C.E.A. **Saúde e povos indígenas**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 251 p. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/wqffx/pdf/santos-9788575412770.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

SILVA, R P. da *et al.* A experiência de alunos do PET-Saúde com a saúde indígena e o programa Mais Médicos. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 19, p. 1005-1014, 2015. Supl. 1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832015000501005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 nov. 2019.

SILVA, L. A. V. da. Saúde e produção de sentidos no cotidiano: práticas de mediação e translingüística bakhtiniana. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 7, n. 13, p. 135-146, ago. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832003000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 out. 2019.

SILVA, R.P. da *et al.* A experiência de alunos do PET-Saúde com a saúde indígena e o programa mais médicos. **Interface** - Comunicação Saúde Educação, Botucatu, p. 1005-14, 2015. Supl. 19. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v19s1/1807-5762-icse-19-s1-1005.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de atenção à saúde da criança indígena brasileira**. Brasília: Fundação Nacional de Saúde, 2004. 239 p. Disponível em: Acesso em: 20 nov. 2019.

GESTÃO DO CONHECIMENTO NA PESQUISA CIENTÍFICA **uma perspectiva dialógica e experiencial**

Rogério Ferreira Sgoti¹
Luís Fernando Soares Zuin

Na foz do rio se ouve o barulho de todas as nascentes.
Guimarães Rosa

Considerações iniciais

As contribuições que a gestão do conhecimento (GC) pode oferecer às etapas de desenvolvimento e divulgação de uma pesquisa científica são evidentes. Nesse cenário, a proposta de discussão ora apresentada neste ensaio intenta descrever os resultados da tarefa desafiadora de analisar o referido contexto por meio de uma perspectiva dos conceitos de dialogismo e experiência. Dito de outra forma, buscamos refletir sobre o que poderia decorrer da observação de alguns processos que são realizados nas fases de desenvolvimento da pesquisa científica e sua divulgação – ambas apoiadas pela gestão do conhecimento – a partir das lentes da experiência e do dialogismo.

Cabe ressaltar que as referências de base para este texto estão vinculadas ao pensamento bakhtiniano sobre dialogismo e às ideias larrosianas sobre experiência. Esse pensamento é representado por meio dos estudos e publicações das teorias do denominado Círculo de Bakhtin – um grupo de estudos formado por intelectuais russos, tendo como líder Mikhail Bakhtin e membros como Valentin Volóchinov, Pável Medvedev, entre outros. Já os conceitos e ideias sobre experiência provêm de uma coletânea de textos publicados por Jorge Larrosa – professor da universidade de Barcelona –, nos quais a experiência é conceituada por meio de um viés cujo sentido é individual, pessoal e singular, diferenciando-a de experimento ou experimentação.

Desse modo, o presente texto é resultado de um cotejamento entre duas diferentes interpretações sobre um mesmo objeto de estudo. Ou seja, um procedimento no qual se defrontou, de um lado, uma visão científica e positivista para a gestão do conhecimento aplicada ao desenvolvimento e divulgação da pesquisa científica; e de outro, uma visão dialógica e

¹ Contato: rogerio.sgoti@gmail.com

experencial sobre a mesma temática. Portanto, as ideias compartilhadas nas próximas páginas descrevem o que surgiu desse processo analítico de diferentes concepções sobre uma mesma prática.

Introdução

As transformações percebidas em praticamente todas as áreas de atuação da humanidade estão ocorrendo de modo cada vez mais rápido, seja no campo econômico, nas relações do trabalho, no setor de entretenimento, só para citar alguns exemplos. Caracterizada como sociedade do conhecimento (TOFFLER, 1980) e a cada dia mais influenciada por uma cultura digital (JENKINS, 2009), seus membros – tanto as organizações quanto os cidadãos comuns – necessitam gerenciar esse conhecimento. Todavia, na maioria dos casos esse conhecimento é fruto dos avanços científicos e tecnológicos e, portanto, gerado pelo acúmulo de informações e de saberes – mas esse saber não vem de sabedoria, e sim com sentido de “estar bem informado” (LARROSA, 2018). Para o sentido de sabedoria, o conhecimento teria que ser oriundo da experiência (que é diferente de experimento); e segundo a crítica larrosiana uma sociedade da informação ou do conhecimento tal como a que presenciamos atualmente é uma sociedade que não permite a experiência.

De qualquer forma, é fácil observarmos a existência de uma correspondência entre a gestão do conhecimento e as etapas de elaboração e divulgação de uma pesquisa científica. Essa característica revela um relacionamento imbricado entre algumas técnicas da gestão do conhecimento e o desenvolvimento de uma pesquisa, evidenciando a existência de um processo cíclico entre o pesquisar e o conhecer. Outro aspecto que permeia esse cenário, mesmo que de modo muito sutil, são as relações dialógicas estabelecidas nas atividades de pesquisa. O dialogismo, elemento central da obra do Círculo de Bakhtin, é condição essencial para a linguagem e elemento de constituição de qualquer texto ou discurso, sendo, portanto, um requisito fundamental para o sentido e o significado dos enunciados.

Apesar de terem sido originalmente postuladas entre as décadas de 20 e 70 do século passado, as reflexões resultantes do denominado pensamento bakhtiniano tornam-se muito atuais e necessárias em diversas áreas do conhecimento. E isso tanto em nosso tempo presente como para iminente futuro, uma vez que tais reflexões se voltam frequentemente para as relações sociais humanas de alteridade. Igualmente importante, o conceito de experiência proposto por Larrosa – mais contemporâneo –

parece também suscitar um sentimento de emergente necessidade, tanto em termos práticos quanto teóricos, de um comportamento mais salutar e consciente por parte dos seres humanos em relação ao seu progresso. Outrossim, talvez uma ciência e uma tecnologia mais sábias, mais sustentáveis, mais eticamente planejadas, mais bem pensadas agora, no presente, possam produzir melhores soluções para os problemas atuais e futuros da humanidade.

Assim, de um ponto de vista prático, os resultados deste ensaio estão voltados para um sentido reflexivo. Em outras palavras, a essência do presente texto objetiva proporcionar reflexões acerca da temática proposta e não propriamente criar respostas para os problemas que possam ser identificados no caminho. Nesse sentido, procurando proporcionar ao leitor uma *experiência* que lhe possa, no melhor estilo bakhtiniano, fazer *refletir* e *refratar* este pequeno acréscimo de ideias ora compartilhadas, fica aqui o convite para ampliarmos, juntos, o oceano de vozes já pertencente à memória da raça humana, nos constituindo e por ele sendo constituídos.

Breves conceituações

Em função das limitações e do escopo deste trabalho serão apresentadas breves conceituações (e apenas) sobre os elementos centrais do mesmo. As definições a seguir, elaboradas mesmo que de forma rápida e parcial, visam tecer uma base mínima para a construção das reflexões a que se propõe o presente estudo. Sendo assim, para maior compreensão dos temas aqui descritos sugerimos consulta às obras de referência.

Pesquisa científica

No entendimento de muitos autores é comum a constatação de que o conhecimento científico é fruto da racionalidade humana e desenvolvido de modo sistemático (GIL, 2010; MATTAR, 2005; PRODANOV; FREITAS, 2013; SEVERINO, 2007; SILVA; MENEZES, 2005). A ciência, do modo como a reconhecemos na atualidade é, segundo Mattar (2005), uma criação dos últimos três séculos apenas. Conforme apontam Prodanov e Freitas (2013), a ciência busca alcançar seu objetivo de aprimoramento, partindo do incessante crescimento do arcabouço de conhecimentos resultantes das relações existentes entre o ser humano e a natureza. Esse tipo de conhecimento – científico – é diferente de outras formas de conhecimento e apresenta, portanto, certas peculiaridades que lhe são inerentes. Nesse sentido, afirmam ainda que:

o conhecimento científico difere dos outros tipos de conhecimento por ter toda uma fundamentação e metodologias a serem seguidas, além de se basear em informações classificadas, submetidas à verificação, que oferecem explicações plausíveis a respeito do objeto ou evento em questão. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 22).

Nesse sentido, para cumprir o seu papel de aperfeiçoamento e incremento do seu tipo de conhecimento, a ciência conta com rigorosa formalização das metodologias e atividades que são realizadas durante o processo da pesquisa científica. Para melhor compreendê-la, a literatura dessa área traz várias definições onde seus termos são bastante similares (ANDRADE, 2010; CASELI, 2011; GIL, 2010; MARCONI; LAKATOS, 2016; MATTAR, 2005; PRODANOV; FREITAS, 2013; SEVERINO, 2007; SILVA; MENEZES, 2005). Elegemos, assim, uma definição sucinta, a qual contempla a descrição da pesquisa científica como “o conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos” (ANDRADE, 2010, p. 109). Pelas características apresentadas, o produto resultante da pesquisa precisa fazer avançar o conhecimento que a humanidade já detém (PRODANOV; FREITAS, 2013). A pesquisa científica exige, portanto, o emprego de metodologia científica (ANDRADE, 2010; GIL, 2010; MARCONI; LAKATOS, 2016; MATTAR, 2005; SEVERINO, 2007) ao executar as tarefas necessárias para encontrar (ou não) as respostas que possam solucionar o problema inicial. Desse modo, Prodanov e Freitas (2013, p. 44) relatam que “pesquisar cientificamente significa realizarmos essa busca de conhecimentos, apoiando-nos em procedimentos capazes de dar confiabilidade aos resultados”. Tais procedimentos se baseiam no denominado método científico, o qual os autores esclarecem:

Método científico é o conjunto de processos ou operações mentais que devemos empregar na investigação. É a linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa. Os métodos que fornecem as bases lógicas à investigação são: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 24).

Ainda segundo os autores, a pesquisa científica pode ser classificada de várias maneiras, dependendo de fatores como: o problema investigado, sua natureza e o nível de conhecimento do pesquisador. Dessa maneira, explicam que uma pesquisa pode ser: básica ou aplicada (em função da sua natureza); exploratória, descritiva ou explicativa (do ponto de

vista de seus objetivos); bibliográfica, documental, experimental, levantamento, de campo, estudo de caso, pesquisa-ação (na perspectiva dos procedimentos técnicos) ou, ainda, quantitativa ou qualitativa (na forma de abordar o problema).

Pelo exposto, e levando em consideração a quantidade de vezes que a palavra conhecimento foi utilizada até aqui, parece ficar evidente a relação existente entre conhecimento e pesquisa científica. São, portanto, termos totalmente imbricados pela própria natureza epistemológica de ambos, principalmente quando observado o aspecto cíclico da relação entre o pesquisar e o conhecer. Logo, conhecer os conceitos da gestão do conhecimento (GC) pode ser interessante para o processo de desenvolvimento da pesquisa científica.

Gestão do conhecimento

A atual sociedade, caracterizada como “do conhecimento” (TOFFLER, 1980), passa por uma quantidade sem fim de mudanças. Permeadas por uma economia cada vez mais voltada para produtos e serviços baseados em conhecimento (SAITO, 2017, 2007; STEWART, 1998), as organizações passaram a reconhecer a importância de realizar a gestão desse valioso recurso. Considerado pela maioria das empresas como um ativo intangível (HOFFMANN, 2019), o conhecimento vem sendo alvo de grande interesse por parte das organizações e, atualmente, é crescente a preocupação em bem gestá-lo por se tratar de elemento crucial para o processo de tomada de decisões. Definir o termo conhecimento não é uma incumbência simples. Para compreender plenamente seu significado são necessárias as definições de outros termos, como: dado, informação, cognição, inteligência, entre outros. Para melhor entendimento sobre essas questões, recomenda-se consulta em: Davenport e Prusak (2003), Takeuchi e Nonaka (2008) e Hoffmann (2012).

Quanto a gestão do conhecimento (GC), esse tema também envolve vários aspectos e outros conceitos, como: criação do conhecimento; capital intelectual; tipos de conhecimento; mapeamento do conhecimento e de competências; e tecnologias de informação e comunicação (TIC). Por conta de seu propósito, neste ensaio será abordado apenas o processo de criação do conhecimento. Contudo, para uma ideia mais geral de gestão do conhecimento antes da abordagem mais particular, foram elencadas – pela simplicidade e poder de síntese – duas definições sucintas.

Gestão do conhecimento (knowledge management, em inglês) é um termo que tem se tornado popular e cujos principais objetivos são criar, registrar e compartilhar o capital intelectual das organizações (HOFFMANN, 2012, p. 28).

GC é um conjunto de práticas que suportam a criação do conhecimento, a sua disseminação na organização e a incorporação desse conhecimento nos seus processos, produtos e serviços (LOSS, 2017, p. 5).

A estratégia para a criação do conhecimento, segundo Nonaka e Takeuchi (1997), é envidar esforços para realizar a conversão do conhecimento tácito. Para esses autores, existem dois tipos de conhecimento: o explícito (registrado, armazenado em artefatos, de fácil acesso) e o tácito (acumulado por experiências pessoais, armazenado na mente das pessoas, difícil de registrar). Em Takeuchi e Nonaka (2008) são discutidas as dimensões epistemológicas e ontológicas da gênese do conhecimento, voltadas à caracterização da “espiral” de criação do conhecimento denominada pela sigla SECI – Socialização, Externalização, Combinação e Internalização (NONAKA; TAKEUCHI, 1997) – as quais emergem da interação cíclica entre o conhecimento tácito e o explícito.

Nesse sentido, o que ocorre são processos de internalização de um novo conhecimento. Durante uma interação o conhecimento explícito é internalizado nos sujeitos transformando-o em tácito. Por outro lado, quando o tácito é ofertado ao mundo, este se transforma em explícito, que será internalizado pelo outro, transformando-o em tácito, e assim sucessivamente. Para Davenport e Prusak (1998) as empresas criam e utilizam o conhecimento conforme captam informações e as convertem em um conhecimento que é combinado com as experiências e valores que possuem.

Dialogismo

Como um dos elementos centrais da obra do Círculo de Bakhtin, o conceito de dialogismo vai muito além do que conhecemos por diálogo. Trata-se de um fundamento que está intimamente relacionado com vários outros conceitos que foram os objetos de trabalho das teorias desenvolvidas por esse grupo, como: a relação eu/outro, a polifonia, o signo, a palavra, a alteridade, o discurso, a ideologia, o enunciado, a significação e o sentido, entre outros. Pelas limitações deste trabalho – já comentadas anteriormente – não foi possível desenvolver uma abordagem de todos esses importantes elementos, o que proporcionaria uma melhor compreensão sobre toda a

temática. Nesse sentido, aqui também fica a sugestão de consulta às obras de referência.

O dialogismo (AUBERT *et al.*, 2018; VOLÓCHINOV, 2018) é uma condição essencial para a linguagem, bem como elemento de constituição de qualquer discurso. É, portanto, requisito para o significado e o sentido de um discurso. Para compreender o dialogismo é preciso deslocar o conceito de sujeito (do eu) em uma relação interacional. O sujeito perde então a função central na interação, sendo sucedido por distintas vozes sociais, as quais o tornam um sujeito histórica e ideologicamente relativo. Destarte, o papel do “outro” é tão impactante na construção de sentido durante uma interação, que nesse conceito de dialogismo nenhuma palavra é propriamente do enunciador falante, mas este carrega a influência de outras vozes, ou seja, a polifonia (BARROS, 2003).

Assim, a relação eu/outro é um princípio essencial para o dialogismo, o qual se caracteriza como a potente metáfora dialógica do referido Círculo, direcionando o entendimento de como se dá o processo da cultura imaterial (FARACO, 2009). Esse fundamento do pensamento bakhtiniano está fortemente associado com os conceitos de enunciado e de polifonia. Desse modo,

[...] tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciador, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes vozes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala. (BRAIT, 2003, p. 14).

Experiência

A partir de uma concepção originalmente elaborada num contexto educacional, o professor e pesquisador Jorge Larrosa desenvolve o conceito de experiência voltado para reflexões pedagógicas. Entretanto, suas ideias desenvolvidas sobre experiência podem ser facilmente extrapoladas para outras searas. Um dos princípios de sua narrativa sobre esse tema é a respeito do poder das palavras. Para esse autor, o nosso pensamento está condicionado pelas palavras, e justifica isso pelo fato de que pensamos com palavras e não com pensamentos. Assim, o ato de pensar, além de realizar cálculos, comparações e avaliações é, principalmente, produzir sentido ao que somos e àquilo que nos acontece (LARROSA, 2018).

Ainda com relação a sentido e acontecimento, para o autor “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o

que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2018, p. 18). Seu posicionamento é de que inúmeros eventos ocorrem quotidianamente em nossas vidas e, mesmo assim, quase nada nos acontece. Isso vai ao encontro de outra afirmação sua, a qual considera ser a experiência um episódio cada vez mais raro ao ser humano. Esta última asserção é quase paradoxal, uma vez que vivemos em uma sociedade na qual nunca se passou tantas coisas como antes e, ainda assim, muito pouco nos toca. Em suas reflexões, a questão da raridade da experiência para as pessoas se deve por excessos e faltas: informação, ponto de vista crítico do trabalho; e do tempo exíguo.

Em termos de significado as definições *larrosianas* para experiência ainda nos trazem, pela etimologia da palavra, a ideia de travessia e perigo. Para esse autor, não é simples definir experiência. E também não é fácil identificá-la, pois não se trata de alguma realidade ou coisa, assim como também não é um conceito, e nem tampouco é possível produzir experiência. A experiência é algo que ocorre conosco e que nos força à reflexão, nos faz padecer ou regozijar, permeando o espaço e o tempo, refletindo e ecoando em outras tantas situações de experiências.

Para diferenciar experiência de experimento e/ou experimentação, a argumentação larrosiana contrapõe o método da ciência moderna – universal – com o saber transformador da vida humana em sua singularidade. O excerto a seguir é um tanto longo, mas julgamos essencial sua transcrição aqui e com os mesmos termos do autor em função das contribuições que o mesmo pode propiciar as discussões e reflexões a que se propõe a próxima seção.

A ciência moderna, a que se inicia em Bacon e alcança sua formulação mais elaborada em Descartes, desconfia da experiência. E trata de convertê-la em um elemento do método, isto é, do caminho seguro da ciência. A experiência já não é o meio desse saber que forma e transforma a vida dos homens em sua singularidade, mas o método da ciência objetiva, da ciência que se dá como tarefa a apropriação e o domínio do mundo. Aparece assim a ideia de uma ciência experimental. Mas aí a experiência converteu-se em experimento, isto é, em uma etapa no caminho seguro e previsível da ciência. A experiência já não é o que nos acontece e o modo como lhe atribuímos ou não um sentido, mas o modo como o mundo nos mostra sua cara legível, a série de regularidades a partir das quais podemos conhecer a verdade do que são as coisas e dominá-las. Uma vez vencido e abandonado o saber da experiência e uma vez separado o conhecimento da existência humana, temos uma situação paradoxal. Uma enorme inflação de conhecimentos objetivos, uma enorme abundância de artefatos técnicos e uma enorme pobreza dessas formas de conhecimento

que atuavam na vida humana, nela inserindo-se e transformando-a. (LARROSA, 2018, p. 33).

Ciência, pesquisa e gestão do conhecimento: perspectivas do dialogismo e da experiência

Durante as etapas de desenvolvimento e divulgação de uma pesquisa científica podemos facilmente identificar a ocorrência de processos de conversão do conhecimento, conforme a proposta da “espiral” (SECI) conceituada anteriormente. É possível também distinguir os diferentes momentos em que podem acontecer tais conversões, assim como as atividades pelas quais se especificam. Nesse sentido, a seguir são apresentados esses resultados e posteriormente estabelecidas algumas reflexões sobre os mesmos a partir de uma perspectiva dialógica e experiencial.

- Socialização (desdobramento e internalização do conhecimento tácito em conhecimento tácito): pode ocorrer nas seguintes situações: troca de experiências por meio de apresentações formais e/ou conversas informais com outros pesquisadores ou profissionais; ao assistir a uma aula, palestra ou seminário; ao participar de congressos, simpósios e mesas-redondas; ao levantar dados e informações por meio de entrevistas; e mediante observação de alguma técnica ou procedimento realizados por outras pessoas;
- Externalização (desdobramento e internalização do conhecimento tácito em conhecimento explícito): pode acontecer em duas etapas. Primeiramente quando o pesquisador-estudante transfere aquilo que aprendeu com o estudo – resultante de suas atividades mentais e intelectuais – para o papel, transportando esse conhecimento que se encontra em nível mental para um meio físico, material. Ocorre também quando o mesmo defende publicamente seu trabalho – dissertação ou tese – perante uma banca examinadora, materializando-o por meio de sua apresentação oral e do relatório final, os quais ficam devidamente registrados na instituição onde se deram. Em etapa seguinte, os resultados da pesquisa podem acarretar: a publicação de um livro ou artigo científico; o registro de um software, de um produto; o requerimento de uma patente; ou o seu armazenamento em algum repositório ou plataforma (HOFFMANN, 2012; FURNIVAL; CASTRO, 2018), para ficar em alguns exemplos. Ou seja, um novo conhecimento

estará materializado e registrado explicitamente em algum local ou artefato, disponível para consulta a quem interessar;

- Combinação (desdobramento e internalização do conhecimento explícito em conhecimento explícito): pode ser realizada por meio das citações – diretas e/ou indiretas – inseridas no relatório de pesquisa. Assim, esse relatório – quando defendido, publicado, registrado, etc. – passará a ser um conhecimento explícito que conterà excertos derivados de outros conhecimentos explícitos (já registrados em livros, artigos, periódicos, repositórios, etc.). Pode ocorrer também quando da inserção de anexos e/ou apêndices ao relatório de pesquisa, como: documentos, estudos de casos ou organogramas de empresas; plantas, layouts, diagramas, fotografias, entre outros;
- Internalização (desdobramento e internalização do conhecimento explícito em conhecimento tácito): sua ocorrência pode ser derivada das leituras dos mais diversos tipos de documentos selecionados pelo pesquisador; do levantamento de dados registrados em órgãos, institutos, etc.; assistindo a videoaulas; ao replicar um procedimento já registrado, entre outros. E quando tudo o que foi obtido pelo pesquisador – mediante tais ações – passar por sua análise, reflexão, interpretação, e interiorização, serão gerados novos conhecimentos pelo mesmo. Leite e Costa (2007) corroboram esse aspecto ao afirmarem que a interação entre o conhecimento científico explícito (aquele que foi registrado) e o conhecimento científico tácito (o que os investigadores conhecem), propiciam a viabilidade da geração de um novo conhecimento científico.

Olhar para esses cenários de possibilidades de criação do conhecimento sob a perspectiva do dialogismo e da experiência, implica em aceitar o desafio de cotejar esses conceitos – que envolvem singularidade, alteridade, a relação eu/outro, elaboração de sentido, entre outros – com metodologias puramente racionais, cartesianas, positivistas, padronizadas para a repetibilidade e há muito arraigadas nos modos de fazer ciência. Trata-se, portanto, de uma busca por uma unicidade em searas com filosofias próprias e *modus operandi* muito distintos uma da outra. Ademais, também não foram suprimidas, segundo o pensamento bakhtiniano, as interpretações positivistas do empirismo, ou seja, uma ode às verdades sobre àquilo que não se pode entender dialeticamente, mas como algo que se mostra seguro e inexorável. Ainda nesse sentido, mas colocado de outro modo, nos é esclarecido que, “de fato, o positivismo é uma transferência

das principais categorias e práticas do pensamento substancialista do campo das 'essências', das 'ideias', do 'geral', para o campo dos fatos singulares" (VOLÓCHINOV, 2018, p. 84-85).

Uma vez descrita essa tarefa desafiadora, passaremos ao estabelecimento de algumas reflexões acerca dos elementos identificados na intersecção entre o dialogismo (pensamento bakhtiniano) e a experiência (pensamento larrosiano) aplicados sobre os modos de criação do conhecimento. Iniciaremos com a categoria da socialização. Praticamente todas as ações que podem ser desenvolvidas por essa vertente estão envolvidas com atividades estabelecidas por meio de interações sociais, com necessidades de diálogos entre as pessoas. As relações dialógicas – onde eu me constituo e sou constituído pelo outro – com práticas de diálogos propriamente ditos (face a face), também são eventos de interesse central do pensamento bakhtiniano. Todavia, esse afã não estava preocupado com seu formato de composição, mas com as interessantes relações sociais, ou seja, nas oportunidades propiciadas para que a agilidade interacional de múltiplas vozes possa ser identificada mais de perto em sua socialização. Dito de outro modo, esse foco de atenção “se ocupa não com o diálogo em si, mas com o que ocorre nele, isto é, com o complexo de forças que nele atua e condiciona a forma e as significações do que é dito ali” (FARACO, 2009, p. 61). Por troca de experiências (entre pesquisadores ou com outros profissionais), as ideias larrosianas vão afirmar que a experiência é singular, é pessoal, é única; portanto, a experiência do outro só influencia alguém e só se torna uma experiência se ela for (re) vivenciada e revertida como própria, permitindo uma ressignificação (LARROSA, 2018). Nesse sentido, o conceito larrosiano vai admitir que o que se pode trocar, nesse caso, são informações, pois mesmo o conhecimento possui um conceito diferente na visão larrosiana, hoje configurando-se fundamentalmente como ciência e tecnologia.

No processo de externalização, ao transferir para o papel aquilo que aprendeu com seu estudo, o pesquisador faz uso majoritário do texto, da palavra, os quais estarão compondo os diversos enunciados que representarão os resultados de seu trabalho. Aqui também podemos observar, outrossim, tanto uma relação dialógica quanto uma relação de experiência, pelo menos se considerarmos – nem que seja por justa intenção do pesquisador – a tentativa de expressar a experiência pessoal que lhe ocorreu por conta de sua pesquisa. Neste ponto identificamos, ainda, o ato de escolha das palavras e enunciados (VOLÓCHINOV, 2018; STELLA, 2005) feito pelo pesquisador, para que estes sejam os mais apropriados para conferir o melhor sentido possível ao seu texto, dentro

daquilo que lhe interesse passar adiante e o que pretende alcançar com suas palavras.

Cabe ressaltar que a externalização, nesse contexto, está diretamente relacionada com o compartilhamento e a divulgação científica. Em função do escopo do presente ensaio esse tema não será discutido; no entanto, vale destacar a importância de que sejam feitas reflexões acerca de questões como: “quais meios serão utilizados para veicular o conhecimento científico?”; e ainda, “quais as linguagens utilizadas para a divulgação científica e como chegam para os diferentes públicos (leigos, técnicos, comunidade científica de áreas diferentes)?”.

É importante frisar que a cada vez que a palavra “muda de lugar” ocorre uma troca entre os diferentes gêneros do discurso (VOLÓCHINOV, 2018; MACHADO, 2005), os quais podem ser muito específicos: o sermão de um padre proferido no púlpito de uma igreja; um debate entre um advogado, um promotor e um juiz num tribunal; uma aula ministrada por um professor em uma universidade, um marido falando com sua esposa, um pai falando com seu filho, etc. E os meios utilizados para a veiculação das palavras (ou signos) também mudam: o texto presente em um livro técnico; o texto de um romance; uma comunicação formal via e-mail; uma mensagem informal via aplicativo digital; uma foto; um meme; uma charge; são alguns exemplos de mediações muito distintas umas das outras. Em termos de relação eu/outro, podemos notar aqui uma potencial contribuição para o incremento ao mar de vozes da consciência humana em seu processo de manifestação dialógica. Já em relação a experiência podem ser criadas oportunidades para que outras pessoas possam ter suas próprias experiências. Nesse sentido, isso pode se dar por meio da leitura do trabalho de pesquisa publicado ou mediante a utilização de algum produto e/ou técnica que nele tenham sido desenvolvidos.

Na combinação, para fazer uma citação direta em seu trabalho o pesquisador teve que ler, pelo menos em parte, o trabalho de outros autores, de outros pesquisadores. Por esse processo ele recebe certa influência desses outros textos, dessas outras palavras, dessas outras vozes de outros autores, os quais, por sua vez, também foram influenciados por inúmeros outros textos, outras palavras, outras vozes. A citação é inerente ao ser humano (AMORIM, 2004) e contribui para a concretização de uma consciência social e coletiva, a qual é ampliada pelo efeito multiplicador da construção de ideias com base em outras ideias. Cabe ainda observarmos o aspecto cíclico desse contexto, no qual o trabalho registrado ou publicado desse pesquisador pode passar a ser referenciado em novas citações por outras pessoas que estiverem estudando e

desenvolvendo suas pesquisas. Assim, essa possibilidade revela uma característica cíclica e plural de influências mútuas, de modo polifônico, a ampliar os sentidos e a consciência coletiva.

Pelo viés da internalização podemos afirmar que a relação dialógica também é propiciada por meio de processos singulares de uso da inteligência e da racionalidade por parte do pesquisador. Esse aspecto lhe permite, desse modo, a ocorrência de particularidades em termos de análise, reflexão, interpretação e interiorização das leituras e investigações realizadas durante a trajetória de seus estudos. Há de se observar, ainda, que o fio condutor para a concretização dessa relação é estabelecido por meio do contato que o pesquisador tem com os inúmeros textos e ideias de outros autores. Esse aspecto evidencia a influência dessas outras vozes em seu processo de apreensão dos conhecimentos, revelando a importância das conexões e interações proporcionadas pelas relações dialógicas mediadas através do texto. Outro aspecto importante no mecanismo de internalização é a possibilidade de experiência para o pesquisador, por uma via baseada em um processo de significação própria, pessoal e singular, quando de suas leituras, análises e raciocínios realizados. Entretanto, pelo pensamento larrosiano a experiência do autor com uma pesquisa é dele, pessoal e relativa; e, portanto, diferente de qualquer um de seus leitores. Por isso, conceitualmente é enfatizado que,

se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. (LARROSA, 2018, p. 32).

Para tentar ilustrar melhor essa passagem é interessante recordarmos o aforismo do pensador grego Heráclito, o qual afirmou ser impossível que um homem se molhe duas vezes no mesmo rio; pois, após a primeira vez, rio e homem já não serão os mesmos de antes. Pela ótica dos sentidos, tanto no mundo material quanto no idealista, mesmo que duas pessoas olhem para um mesmo objeto, suas reações podem ser muito distintas uma da outra. O sentido e conseqüente efeito para uma delas pode ser muito diferente do sentido e efeito produzidos para a outra. Já o dialogismo do pensamento bakhtiniano, apesar de também destacar o aspecto da singularidade, transmite a ideia das múltiplas vozes que um sujeito se apropria ou que delas sofre influências diversas, fazendo-o se constituir por meio de uma relação dialógica.

Traçando um paralelo entre os conceitos do dialogismo e da experiência sobre as etapas do desenvolvimento da pesquisa científica, podemos notar aí a existência de uma relação imbricada – em termos de saberes singulares (a experiência) e as influências das múltiplas vozes (o dialogismo) do/no pesquisador – a qual pode caracterizar aspectos não tão evidentes desse processo. Um dos estímulos para que se busque novos significados e sentidos amplos no desenvolvimento de pesquisas, permitindo “sair da caixa” um pouco, é a tentativa de identificação da unicidade em processos que, a princípio, são projetados para a repetibilidade.

No bojo das presentes discussões, outra característica muito marcante que podemos perceber é o poder da palavra. A força das palavras, dos textos e dos enunciados; o domínio da alternância de gêneros do discurso pelo sujeito falante ou escritor, bem como o poder da influência de vozes múltiplas nas relações dialógicas, são atributos que podem ser constatados em todos os modos de criação e conversão do conhecimento. É preciso enfatizar que “a atividade científica em qualquer área, como dimensão do universo da criação ideológica, produz texto e, portanto, é sempre uma atividade dialógica” (FARACO, 2009, p. 43), destacando e tomando como válido o reconhecimento da pujança do texto, da palavra. Ainda nesse sentido, o encontro de palavras e outras vozes é que faz com que alguém se escute também; e pensar sobre a singularidade desses encontros e relações é importante, pois somente por essa perspectiva é que podemos compreender o que ocorre nas relações de alteridade.

A cada vez que falamos e escutamos, constituímos a linguagem como nova. A cada vez que nos servimos do estoque de signos sociais e escolhemos um deles, aplicamos uma entonação ao mesmo e o colocamos em nossa fala, em nossa expressão, em nossa escrita. Uma parte que repete e uma parte que é única; o mesmo e o diferente numa única palavra, em um único signo. E a cada nova interação, tudo se ressignifica, podendo haver modificação dos sentidos. No encontro de palavras (a palavra do outro e a minha), existe tensão; e isso muda a constituição da nossa consciência. Aquilo que “já é meu” não me muda mais; precisamos do outro para transformar a nossa consciência e, na alteridade, isso ocorre em uma via de mão dupla, pois o outro é que nos liberta da prisão de identidade, e vice-versa; eu constituo o outro e, por esse outro, sou constituído. Com isso, é possível dizer que os conceitos bakhtinianos se preocuparam com o como, ao observar e traçar os acontecimentos das relações sociais, com as pessoas, com a vida, e com as pessoas na vida. Sendo assim, neste ponto cabe uma reflexão importante: permaneceriam válidos os conceitos de

Nonaka e Takeuchi na atual indústria 4.0, toda baseada na internet das coisas e repleta de sensores, comunicação máquina a máquina, aprendizado de máquina, inteligência artificial, big data? Certamente isso é assunto para um outro trabalho; porém, a questão não deixa de ser relevante.

Chegando ao final de nossas discussões, cabe ainda abordar mais uma questão: a contraposição a uma ciência totalmente positivista e formalmente modelizadora. Pela crítica larrosiana, essa ciência moldou a experiência unicamente pelo viés do método; considerado o caminho seguro, o corrimão da ciência. Com orientação mais filosófica (compreensão do mundo em sentido amplo), a reflexão bakhtiniana considera que a razão científica contemporânea é enquadrada inflexivelmente em seus métodos pressupostos. Mesmo especializados em metodologia científica, alguns autores já admitem algumas necessidades de modificação no modo de fazer científico:

Na era do caos, do indeterminismo e da incerteza, os métodos científicos andam com seu prestígio abalado. Apesar da sua reconhecida importância, hoje, mais do que nunca, se percebe que a ciência não é fruto de um roteiro de criação totalmente previsível. Portanto, não há apenas uma maneira de raciocínio capaz de dar conta do complexo mundo das investigações científicas. O ideal seria você empregar métodos, e não um método em particular, que ampliem as possibilidades de análise e obtenção de respostas para o problema proposto na pesquisa. (SILVA; MENEZES, 2005, p. 28).

Diante desse excerto podemos afirmar que as autoras abrem um espaço para que se possa acomodar algumas reflexões sobre a importância de um olhar diferente em termos de ciência. Essa perspectiva diferente em relação à ciência é própria do pensamento bakhtiniano:

Bakhtin não se via [...] como um homem de ciência, preso à esteira estreita da positividade e da modelização formal. [...] se colocava fora de uma racionalidade propriamente científica e desenvolvia um modo de pensar mais globalizante. Não há [...] negação da ciência; apenas uma reflexão que destaca o fato de que o pensamento científico não é a única forma rigorosa de exercício da razão [...] no sentido de [...] uma reflexão mais livre das amarras dos modelos científicos, admitindo um espectro mais amplo de interpretações, de correlações, de problematizações. (FARACO, 2009, p. 36-37).

Amorim também contribui com a questão, esclarecendo que

É preciso distinguir a ciência do cientificismo. Este último é uma forma de dogmatismo na medida em que quer impor o discurso científico como sendo O *Discurso* e que isso implica uma monologização dos dizeres sociais. Quanto ao caráter monológico do discurso científico, ele se refere a sua especificidade e, reconhecê-lo nessa diferença, significa justamente deixar espaço para outras modalidades discursivas. [...] quando Bakhtin fala da ciência, afora algumas menções ao uso eventualmente autoritário que dela se pode fazer, ele o faz em correspondência com um outro gênero que não tem nada de autoritário, qual seja, a poesia. (AMORIM, 2004, p. 147-148).

Considerações finais

Pelo que foi apresentado e discutido no presente ensaio, podemos estabelecer algumas reflexões sobre o que resultou do desafio que foi investigar a gestão do conhecimento auxiliando o desenvolvimento da pesquisa científica pela perspectiva do dialogismo e da experiência. Em princípio, é possível afirmar que este trabalho não teve como objetivo realizar uma comparação entre o pensamento bakhtiniano e as ideias larrosianas. O intento do mesmo foi simplesmente avaliar o que poderia ser revelado mediante a sua proposta. Assim, um primeiro aspecto que sobressai desta avaliação é que, mesmo sem a intenção comparativa, podemos reconhecer um elemento comum entre a experiência larrosiana e o dialogismo bakhtiniano. Trata-se do fato de que a base de aplicação de ambos os conceitos é a vida humana em seu cotidiano, no seu dia-a-dia. Nesse sentido, as relações sociais mediadas pela palavra e a demonstração da sua força pelas duas teorias, evidenciam a indissociabilidade da linguagem de toda e qualquer atividade humana.

Outra característica identificada sobre a qual podemos refletir é a inferência sobre o fato de que as influências da multiplicidade de vozes sociais nas relações dialógicas não são sinônimo de experiência. Tais influências representam a ideia de que nas relações de alteridade eu constituo o outro e por ele sou constituído. Desse modo, a cada nova interação amplia-se a consciência coletiva e os sentidos podem ser ressignificados. Mas a experiência requer um acontecimento para alguém e que seja mais marcante, mais emocionalmente impactante, e pessoal, e relativo, e único.

Com relação aos quatro modos de criação e conversão do conhecimento, em torno da especificação das atividades realizadas em uma pesquisa científica, parece ter ficado claro que as relações dialógicas estão presentes em todos os momentos. Quanto a experiência, o que fica evidente são as potencialidades de sua realização; uma vez que o seu

conceito (singularidade e pessoalidade) difere muito de experimento e/ou experimentação (repetibilidade, padronização).

Em tempos contemporâneos, estamos diante de inúmeras transformações, às vezes rápidas demais, sem tempo para as devidas reflexões. Praticamente todas essas céleres mudanças estão relacionadas à ciência e a tecnologia. Nesse sentido, dialogismo e experiência, ambos de sentido mais filosófico do que científico, podem contribuir para amenizar um pouco o caos narrado anteriormente. Bom é saber que ainda “há um interesse em não diluir a filosofia na ciência; em preservar as diferenças e especificidades de cada uma dessas formas de conhecimento; e, principalmente, em estabelecer, num mundo dominado pelo pensamento científico, um espaço para outra racionalidade” (FARACO, 2009, p. 37). Foram as ciências exatas – desde o século XVII – que deram as cartas para o desenvolvimento das ciências humanas. Quem sabe agora no século XXI as ciências humanas ainda possam afirmar sua voz como uma nova ciência, uma ciência outra, diferente.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- ANDRADE, Maria M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- AUBERT, Adriana *et al.* **Aprendizagem dialógica na sociedade da informação**. São Carlos: EdUFScar, 2018.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. *In*: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. *In*: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (org.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- CASELI, Helena. **Metodologia científica**. São Carlos: Secretaria Geral de Educação a Distância da Universidade Federal de São Carlos, 2011.
- DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, Laurence. **Conhecimento empresarial**: como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. Tradução Lenke Peres. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FURNIVAL, Ariadne C.; CASTRO, Fabiano F. de. Repositório digital. [Verbete]. In: MILL, Daniel (org.). **Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas: Papyrus, 2018. p. 560-564.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HOFFMANN, Wanda A. M. **Gestão do conhecimento: aprender e compartilhar**. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

HOFFMANN, Wanda A. M. **Gestão do conhecimento nas organizações**. São Carlos: PPGCTS-UFSCar, 2019. (Notas de aulas - Disciplina Gestão do Conhecimento - Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade).

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução Cristina Antunes, João W. Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. (Coleção Educação: experiência e sentido).

LOSS, Leandro. O que é gestão do conhecimento para você? In: LIMA, Mariana (org.). **O que é gestão do conhecimento?** conversa com especialistas em GC no Brasil. São Paulo: SBGC, 2017. *E-book*.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

MATTAR, João A. **Metodologia científica na era da informática**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de conhecimento na empresa: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SAITO, André. Qual o papel da GC nas organizações hoje? [...]. In: LIMA, Mariana (org.). **O que é gestão do conhecimento?** conversa com especialistas em GC no Brasil. São Paulo: SBGC, 2017. *E-book*.

SAITO, André. **Educating knowledge managers: a competence-based approach**. 2007. Tese (Doutorado em Ciência do Conhecimento) – School of Knowledge Science, Japan Advanced Institute of Science and Technology, Kanazawa, 2007. Disponível em:

<https://dspace.jaist.ac.jp/dspace/bitstream/10119/3739/2/121paper.pdf>.
Acesso: 22 jun. 2019.

SEVERINO, Antônio J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Edna L. da; MENEZES, Estera M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

STELLA, Paulo R. Palavra. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

STEWART, Thomas A. **Capital intelectual**. Tradução Ana B. Rodrigues, Priscilla M. Celeste. Rio de Janeiro: Elsevier, 1998.

TAKEUCHI, Hirotaka; NONAKA, Ikujiro. (org.). **Gestão do conhecimento**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 2. ed. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

O IMPACTO SOCIOAMBIENTAL DE UMA INCUBADORA TECNOLÓGICA DE COOPERATIVAS POPULARES: ESTUDO DE CASO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS-SP

Silvia Helena Flamini¹

Introdução

O Núcleo Multidisciplinar Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI-EcoSol) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) foi criado no ano de 2011 pela Resolução ConsUni 698. Esta unidade de ensino, pesquisa e extensão vinculada diretamente à administração central da universidade desempenha um importante papel como Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) (NUMI-ECOSOL, 2019; ZANIN *et al.*, 2018).

Neste sentido, tem como missão prevista em seu Regimento Interno, dentre outras, atuar na produção e divulgação de conhecimento no campo da Economia Solidária (ES) (NUMI-ECOSOL, 2019), ampliando simultaneamente a formação dos discentes e profissionais envolvidos nos processos de assessoria ou incubação dos empreendimentos de base solidária (CRUZ-SOUZA *et al.*, 2011).

Vale frisar que a Economia Solidária, surgida no cenário brasileiro desde a década de 1990, vem se desenvolvendo como proposta de combate às consequências das crises econômicas além de fomentar a reflexão de trabalhadoras e trabalhadores acerca do funcionamento do capitalismo. Esta economia contribui para uma organização baseada na autogestão e no cooperativismo de diversas atividades econômicas, incentiva também o direito à liberdade individual e foi concebida como uma união da forma industrial-produtiva com a vida comunitária em sociedade (SINGER, 2002).

Desta maneira, uma ITCP atende aos grupos comunitários que trabalham e produzem em conjunto dando-lhes suporte técnico, logístico, jurídico num processo complexo de formação e transformação emancipatória, possibilitando que tais empreendimentos autogestionários sejam viáveis (SINGER, 2002). Ainda segundo o autor mencionado, ao ser

¹Contato: teia.flamini@gmail.com

caracterizadas pela multidisciplinaridade, integram indivíduos pertencentes aos mais diferentes campos do saber.

Logo, quando incubadoras tecnológicas se vinculam às universidades tornam possíveis o cumprimento do papel social de geradoras do conhecimento destas instituições de ensino, potencializando também o contato e o câmbio entre sociedade e a academia o que culmina numa aproximação com novos saberes. E é por meio desta interação humana com o mundo e sua realidade que se produz o conhecimento de acordo com Freire (1987). Dentre as 11 linhas de atuação do NuMI-EcoSol está a Linha de Ação de Empreendimentos Solidários de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis, conhecida como LACat (ZANIN *et al.*, 2018), cuja finalidade é a promoção da formação de redes entre e com empreendimentos solidários, sobretudo, no contexto da cadeia de resíduos recicláveis urbanos.

Ademais, desenvolve atividades que consideram a integração entre os três pilares institucionais como a promoção de estudos e pesquisas levantando e sistematizando informações para o subsídio às diretrizes de políticas públicas; a criação e publicação de material de divulgação científica; o apoio, fortalecimento e assessoramento da Coopervida, a Cooperativa de Trabalho de Catadores de Materiais Recicláveis de São Carlos, aumentando sua visibilidade no município entre outras (NUMI-ECOSOL, 2019).

Assim, além de promover a produção e divulgação do conhecimento tecnocientífico, a linha de ação acima citada também desenvolve atividades intervindo nos contextos político, econômico, social e ambiental ao qual está inserida.

A abordagem, o conhecimento e a percepção da realidade, como praticada pela LACat, é fundamental para possibilitar a transformação socioambiental. Tal proposição de ações vão de encontro ao que é defendido pelo campo da Ciência, Tecnologia e Sociedade (acrônimo CTS) como afirmam Carmo, Kiouranis e Magalhães Junior(2016). A discussão CTS também traz consigo a reflexão de atualizarmos a definição de ser humano e o tipo deste que queremos e aceitamos constituir (MIOTELLO, 2011).

Destaca-se que em nossa sociedade contemporânea tanto a ciência quanto a tecnologia adquiriram uma posição fundamental, sendo esperadas inúmeras contribuições como bem-estar, cura para enfermidades, diversão e trabalho (GUIMARÃES, 2009), além do mais coexistimos em um mundo interligado cuja produção científica em conjunto

com o desenvolvimento tecnológico avançam de forma cada vez mais rápida e surpreendente (GURGEL, 2018).

Isto posto, o entendimento de ambos os campos como um processo inerentemente humano determinado por elementos da técnica e da não-epistemologia, que envolve valores, costumes e crenças, se tornou uma questão essencial (PALACIOS *et al.*, 2003).

Desta maneira, os estudos CTS que ganharam notoriedade e se fortaleceram na década de 1980 caracterizados pela interdisciplinaridade (ARRUDA, *et al.*, 2017) buscam, criticamente, compreender a dimensão social da ciência e da tecnologia, as consequências sociais e ambientais que decorrem desta articulação englobando os fatores de natureza política e econômica responsáveis por modularem as mudanças tecnocientíficas, bem como suas repercussões nas esferas da ética e da cultura (PALACIOS *et al.*, 2003). É um campo que se encontra em constante processo de transformação e construção, proporciona inúmeras possibilidades no intercâmbio de ideias e fortalece as interfaces com as diferentes áreas do conhecimento. Ademais, é fundamental que se investigue as diversas situações que envolvem a CTS nas esferas organizacionais sejam elas públicas ou privadas, nas relações humanas e no meio ambiente (HOFFMANN, 2011).

Logo, o presente estudo tem como objetivo ressaltar a importância das ações locais desenvolvidas pelas linhas de atuação do NuMI-EcoSol, em especial a LACat, quando articuladas com a Cooperativa de Trabalho de Catadores de Materiais Recicláveis (Coopervida) no município de São Carlos-SP, destacando e relacionando seus impactos positivos nos contextos político, socioambiental e educacional ao que é defendido pelo campo CTS e outros pensadores como Paulo Freire.

Metodologia

Este trabalho possui caráter bibliográfico e utilizou-se de fontes literárias buscadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), nos livros e artigos acadêmico-científicos empregando-se as seguintes palavras-chaves: Economia Solidária, CTS, Produção e divulgação de conhecimento. Como critério para seleção da bibliografia teve-se a aproximação ao tema de pesquisa com uma prévia leitura de resumos e palavras-chaves das fontes consultadas.

Além do mais, tem como base os dados que foram obtidos em um estudo acadêmico previamente desenvolvido intitulado *Incubadora Universitária e Cooperativa de Catadores: Apoio em diferentes cenários*. Os achados foram sistematizados e mostrados na forma de um quadro.

Resultados e discussão

No território brasileiro, de acordo com o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, a atuação de trabalhadoras e trabalhadores é antiga, registrada desde a década de 1950 (MNCR, 2019). Porém foi entre os anos de 1980 e 1990, marcados por crises econômicas e reestruturação produtiva bem como elevadas taxas de desemprego, é que o trabalho de catação e a ES fortemente se desenvolveram (OLIVEIRA *et al.*, 2018).

Freire (1996) afirma que nós, seres humanos, somos dotados da capacidade de intervir no mundo, decidindo, escolhendo, agindo e fazendo ciência. Para mulheres e homens estar no mundo é sinônimo de estar com o mundo e com os demais.

Este “estar com e no mundo” é constituído por interações, encontros e articulações. Desta feita é que, de acordo com o MNCR (2019), catadoras e catadores lutam pelo reconhecimento, inclusão e valorização de seu trabalho conduzidos por princípios como autogestão, apoio mútuo e democracia direta buscando contribuir nas transformações de vidas e políticas públicas.

No Brasil, catadoras(es) são reconhecidas(os) pelo Ministério do Trabalho e Emprego sendo incluídas(os) na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) como categoria profissional (BRASIL, 2019) além disso, a organização deste trabalho encontra reforço legal na Lei nº 12.305/2010 denominada de Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) que, em seu 8º artigo, destaca como um de seus instrumentos o incentivo à criação e desenvolvimento de cooperativas (BRASIL, 2010).

Há também o Decreto Federal 7.217/10 que considera tais formas de associação como prestadoras do serviço público de manejo de resíduos sólidos executando a coleta, o processamento e a comercialização destes resíduos urbanos recicláveis ou reutilizáveis (BRASIL, 2010).

Para Singer (2002), portanto, a formação de cooperativas se configura como um resgate social deste segmento marcado historicamente pela rejeição e invisibilidade, na medida em que se reconquista a cidadania com retorno à zona de integração social. Como cooperadas(os), catadoras e catadores também comercializam maiores quantidades de resíduos, garantem outros ganhos de escala e conseqüentemente a obtenção de melhores resultados financeiros (PINHEL; ZANIN; MÔNACO, 2011).

A Coopervida atende o município de São Carlos desde o ano de 2002 e a partir de sua criação contou com assessorias esporádicas ou de caráter duradouro do NuMI-EcoSol (ZANIN, 2008; ZANIN *et al.*, 2011),

sendo esta aproximação caracterizada por desafios e, sobretudo, avanços nas esferas política, socioambiental e educacional conforme mostrado pelo Quadro 1. No entanto, vale frisar que houve, concomitante, a colaboração das outras linhas de atuação do referido núcleo com a equipe LACat.

Quadro 1 - Contribuições na realidade municipal e na atuação da Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de São Carlos/SP (Coopervida)

CONTRIBUIÇÕES PARA A REALIDADE LOCAL E PARA A COOPERVIDA (ZANIN et. al., 2018)		
POLÍTICAS	SOCIOAMBIENTAIS	EDUCACIONAIS
<p>Estabelecimento e acompanhamento do contrato de prestação de serviços com a Prefeitura Municipal de São Carlos-SP;</p> <p>Construção coletiva com aprovação de estatuto e regimento interno da Coopervida;</p> <p>Formalização dos serviços de coleta seletiva;</p> <p>Participação e cooperação na criação do Fórum Comunitário de Resíduos Sólidos de São Carlos-SP;</p> <p>Contribuição com apoio técnico e político para aproximação da Coopervida à Rede Anastácia de Cooperativas e ao Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis.</p>	<p>Melhoria nas condições trabalhistas de cooperadas e cooperados com relação à infraestrutura;</p> <p>Melhora progressiva dos serviços prestados pela Coopervida;</p> <p>Contribuição para a aproximação da sociedade civil às atividades da Coopervida.</p>	<p>Auxílio nas tarefas administrativas e no encaminhamento de demandas por meio de atividades de formação;</p> <p>Apresentação e discussão dos princípios da Economia Solidária como possibilidade de organização para geração de trabalho e renda, estabelecendo relação com o cotidiano da cooperativa;</p> <p>Elaboração de orientações contínuas, para cooperadas(os) dos conselhos administrativo e fiscal, no tocante a organização gerencial e física da Coopervida;</p> <p>Estratégias de divulgação das atividades locais da cooperativa.</p>

Fonte: Própria autoria.

No tocante à educação, produção de conhecimento e a divulgação de ações resultantes, podemos destacar algumas práticas desenvolvidas como a construção coletiva do estatuto e do regimento interno da Coopervida; o apoio técnico e político aproximando tal associação com outras cooperativas e catadoras(es); o auxílio nas tarefas administrativas; execução de atividades formativas com as(os) cooperadas(os); a discussão dos princípios que orientam a Economia Solidária bem como a divulgação da atuação da referida cooperativa no município de São Carlos.

Ressalta-se que, nos processos educativos/formativos, o envolvimento com as(os) catadoras(es) não deve se limitar apenas a estender os conhecimentos da academia aos seus contextos populares, e sim estabelecer vínculos mais profundos que valorizem a cultura e os saberes pré-existentes para que a comunicação entre as diferentes visões de mundo ocorra de fato. Ou seja, os sujeitos vistos como protagonistas de uma ação que é construída coletivamente (FREIRE, 1983).

E assim, como protagonistas, são capazes de realizar a descrição de sua realidade e a identificação de obstáculos enfrentados e também aptos a coordenar ações para a superação destes (FRANCESCHINI, RIBEIRO; MACHADO, 2011). Há, então, nesta prática a valorização do ser humano seguida de sua emancipação.

É válido frisar também que o ato de divulgar deve ser sinônimo ao ato de se comunicar, isto é, que haja a superação da mera extensão universitária possuindo como base o processo dialógico preconizado por Freire (1983). Internalizando, assim, problemas apresentados pela própria sociedade com o intuito de lhes ofertar as respectivas soluções.

Segundo Souza Santos (1987) este conhecimento que é produzido localmente constituindo-se ao redor de temas adotados por grupos sociais deverá ser transformado numa totalidade e num exemplo de possibilidade, permitindo também que, ao partirem de seus locais de origem, atinjam novos lugares. É esta a visão defendida pelo novo paradigma científico, convergindo com o campo CTS.

Para isso, em qualquer práxis, Freire menciona o diálogo e a problematização como suas categorias centrais (AULER; DELIZOICOV, 2015) que, por sua vez, deve ter como ponto de partida a leitura crítica da realidade socioambiental de modo que possibilite o desvelamento da mesma (FREIRE, 1996). Neste sentido, é fundamental a inclusão de abordagens capazes de suscitar a criticidade do mundo e a possibilidade de modificar o cotidiano e seu significado (LOGAREZZI, 2006).

Como discutido, portanto, a construção de conhecimento deve ser desenvolvida de maneira democrática e participativa, havendo o

empoderamento cognitivo das atrizes e atores sociais envolvidas(os) seguida da apropriação deste saber produzido e, obrigatoriamente, orientado para o meio socioambiental promovendo uma genuína transformação (SERAFIM, 2010).

Outra questão posta é a maneira como nossa realidade é concebida. Esta é marcada pelo salvacionismo e neutralidade da ciência bem como pelo determinismo tecnológico, concepções historicamente construídas e reafirmadas por um modelo tradicional/linear de progresso, que acredita em um desenvolvimento da tecnologia como resultado do desenvolvimento científico, possibilitando um desenvolvimento econômico e, por sua vez, o bem-estar social (AULER; DELIZOICOV, 2015). Para os referidos autores é necessária a superação desta visão o que está em consonância com Paulo Freire que defendia o encontro de uma educação problematizadora com a não-neutralidade científica enquanto efeito das interações sociais (ZAUITH; HAYASHI, 2013).

Assim, ao promover a discussão das dimensões sociais coexistentes na relação recíproca entre ciência e tecnologia o campo CTS possibilita uma contribuição para a formação crítica associada ao potencial de transformação da realidade socioambiental (CARMONA; PEREIRA, 2017).

É fundamental também destacar que os processos participativos desenvolvidos pelas linhas de ação do NuMI-EcoSol em parceria com a Coopervida são também experiências relevantes no tocante a construção histórica da coleta seletiva no município, da Economia Solidária e do reconhecimento de catadoras e catadores como prestadores de serviço, bem como importantes agentes ambientais.

Larrosa (2011) define a experiência como um acontecimento ou algo exterior a quem dela participa. Esta exterioridade ajuda na construção do indivíduo durante tal experiência.

É também um processo subjetivo, na medida em que afeta este mesmo indivíduo que com ela interage: o lugar da experiência é o próprio sujeito. Porém, este sujeito é alguém capaz de permitir ser afetado pela experiência, na medida que se configura como um indivíduo aberto, sensível e vulnerável que passa por este processo de uma maneira particular e própria. Aquela(e) que passa pela experiência é como um território de passagem, em que tal experiência ao perpassar deixa uma marca ou vestígio (LARROSA, 2011).

Logo, ainda de acordo com o referido autor, experiência é um processo que fomenta a alteridade, a reflexão e a refração numa relação que resultará na formação ou na transformação do sujeito envolvido,

justamente por se tratar de um acontecimento único, marcante, irrepetível e, sobretudo, decisivo.

Baseado no arcabouço teórico/prático apresentado podemos inferir que a interação entre as linhas de atuação do NuMI-EcoSol, sobretudo a LACat, com a Coopervida resultou em um impacto positivo no município de São Carlos-SP, configurando-se como benefícios socioambientais importantíssimos no tocante a coleta seletiva solidária, a execução de políticas públicas, a gestão de resíduos sólidos urbanos e a formação/transformação de atrizes e atores sociais tidas(os) protagonistas deste processo.

Considerações finais

O Núcleo Multidisciplinar Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI-EcoSol) da UFSCar torna possível que a instituição cumpra seu papel social de geradora de conhecimento, fomentando esta produção por meio do contato e do câmbio entre sociedade e comunidade científica.

Dentre as suas 11 linhas de atuação, podemos destacar a Linha de Ação de Empreendimentos Solidários de Catadoras e Catadores de Materiais Recicláveis, a LACat, que promove a formação de redes entre e com empreendimentos solidários dentro da cadeia de resíduos recicláveis urbanos. Em conjunto com as demais linhas, a LACat desenvolveu atividades e práticas que impactaram positivamente na atuação da Coopervida e no reconhecimento de cooperadas(os), além de contribuir efetivamente para o fortalecimento da Economia Solidária e da gestão dos resíduos sólidos no município de São Carlos – SP.

Os resultados obtidos e que se configuram como contribuições nas esferas políticas, socioambientais e educacionais foram possíveis por meio da abordagem, do conhecimento e da percepção das realidades social e ambiental ao qual houve a interação. Este fato vai de encontro ao defendido pelo campo da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) que preconiza a compreensão de uma realidade com o possível desenvolvimento de um senso crítico referente a sua dinâmica, e seus elementos, associada ao potencial de uma genuína transformação. Neste sentido, também se ressalta que há relação do referido campo de estudos com o NuMI-EcoSol, sobretudo, em relação a inter/multidisciplinaridade que se fazem presentes, tanto prática quanto teoricamente.

Podemos destacar no tocante as ações a serem desenvolvidas em processos participativos de educação, produção e divulgação de

conhecimento a importância de se considerar o espaço, a cultura, a história, a subjetividade e os saberes pré-existentes de todas(os) envolvidas(os). Pois, uma verdadeira práxis articula diversas formas de inclusão, dialogicidade e problematização com experiências aprazíveis na medida que fomenta uma leitura crítica da realidade socioambiental na busca pela emancipação social.

Agradecimentos

Deixo registrado meus sinceros agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos (PPGCTS), ao docente Prof. Dr. Luís Fernando Soares Zuin, à minha orientadora Prof^a Dr^a Maria Zanin. Ressalto também que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, A.G.; SANTOS, J.C.S.; ZAMBON, S.A.; SOUZA, C.M. Comunicação pública da ciência e apropriação social da ciência e tecnologia: apontamentos para uma leitura CTS. **Revista Cereus**, [s.l.], v. 9, n. 3, p.66-80, set./dez.2017.

AULER, D.; DELIZOICOV, D. Investigação de temas CTS no contexto do pensamento latino-americano. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.21, n. 45, p. 275-296, mai./ago. 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1935/193542556003.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.305, de 02 de agosto de 2010**. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm. Acesso em: 13 out. 2019.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)**. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>. Acesso em: 13 out. 2019.

BRASIL. **Decreto Lei nº 7217 de 21 de junho de 2010**. Regulamenta a Lei no 11.445, de 5 de janeiro de 2007, que estabelece diretrizes nacionais para o saneamento básico, e dá outras providências. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/Decreto/D7217.htm. Acesso em: 13 out. 2019.

CARMO, T.; KIOURANIS, N. M. M.; MAGALHÃES JÚNIOR, C. A. O. Aspectos relacionais entre CTS e EA: implicações para uma formação emancipatória e transformadora. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Rio de Janeiro, v.16 n.42, p. 54-69. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/4214/2491>. Acesso em: 13 out. 2019.

CARMONA, I. V.; PEREIRA, M. V. Ciência, tecnologia e sociedade e educação ambiental: uma revisão bibliográfica em anais de eventos científicos da área de ensino de ciências. **Revista Ciências & Ideias**, Nilópolis, v.8 n.3, p. 94-114. Disponível em: <https://revistascientificas.ifrj.edu.br/revista/index.php/reci/article/view/752/539>. Acesso em: 13 out. 2019.

CRUZ-SOUZA, F. *et al.* Las incubadoras universitarias de economía solidaria en Brasil – Un estudio de casos. **REVESCO. Revista de Estudios Cooperativos**, Madrid, v. 106, p. 274-94, 2011. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/REVE/article/view/37373/36173>. Acesso em: 13 out. 2019.

FRANCESCHINI, G.; RIBEIRO, C.L.; MACHADO, M.L.T. Economia solidária e cooperativas de catadores: contribuições do campo CTS. *In*: HOFFMANN, W. A. M. (org.). **Ciência, tecnologia e sociedade: desafios da construção do conhecimento**. São Carlos: EdUFSCar, 2011. p. 253-268.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 97 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 106 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 54 p.

GUIMARÃES, E. Algumas práticas em divulgação científica: a importância de uma linguagem interativa. **RUA**, Campinas, v. 2, n. 15, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638851/6457>. Acesso em: 13 out. 2019

GURGEL, J.P.L. **Abordagem ciência, tecnologia e sociedade (CTS) na aprendizagem de conceitos químicos por meio de oficinas temáticas**. 2018. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

HOFFMANN, W. A. M. **Ciência, tecnologia e sociedade: desafios da construção do conhecimento**. São Carlos: EdUFSCar, 2011. 313 p.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n. 2, p.4-27, jul./dez. 2011. Disponível em:

<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/1898>. Acesso em: 21 nov. 2019.

LOGAREZZI, A. Educação ambiental em resíduo: uma proposta de terminologia. *In*: CINQUETTI, H. C. S.; LOGARREZI, A. (org.). **Consumo e resíduo**: fundamentos para o trabalho educativo. São Carlos: EdUFSCar, 2006. cap. 4, p.85-117.

MIOTELLO, V. **Ciência, tecnologia e sociedade**: desafios da construção do conhecimento. São Carlos: EdUFSCar, 2011. 313 p.

PALACIOS, E. M. G. *et al.* O que é Ciência, tecnologia e sociedade? *In*: LINSINGEN, I. V.; PEREIRA, L. T. V.; BAZZO, W. A. **Introdução aos estudos CTS (ciência, tecnologia e sociedade)**. Madri: OIE, 2003. cap. 4, p. 123-124.

PINHEL, J. R.; ZANIN, M.; MÔNACO, G. Catador de resíduos recicláveis: um perfil profissional em construção. *In*: ZANIN, M.; GUTIERREZ, R. F. (org.). **Cooperativas decatadores**: reflexões sobre práticas. São Carlos: Claraluz, 2011. p. 52-101.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS - MNCR. **Nossa missão**. [2019]. Disponível em: <http://www.mncr.org.br>. Acesso em: 30 out. 2019.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS – MNCR. Disponível em: <http://www.mncr.org.br>. Acesso em: 30 out. 2019.

NÚCLEO MULTIDISCIPLINAR INTEGRADO DE ESTUDOS, FORMAÇÃO E INTERVENÇÃO EM ECONOMIA SOLIDÁRIA - NUMI-ECOSOL. **NuMI-EcoSol**. NuMI-EcoSol, São Carlos, SP, 2019. <http://www.numiecosol.ufscar.br/numi-ecosol>. Acesso em: 12 out. 2019.

NÚCLEO MULTIDISCIPLINAR INTEGRADO DE ESTUDOS, FORMAÇÃO E INTERVENÇÃO EM ECONOMIA SOLIDÁRIA - NUMI-ECOSOL. **Documento das linhas de atuação**. NuMI-EcoSol, São Carlos, SP, 2019. 32 p. Disponível em: <http://www.numiecosol.ufscar.br/textos-e-videos/textos-sobre-o-numi-ecosol>. Acesso em: 12 out. 2019.

OLIVEIRA, L. D. P. D.S. *et al.* Desafios e potencialidades de uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis no contexto da economia solidária: o caso da Coopervida, São Carlos, São Paulo, Brasil. *In*: LEAL, A. C.; ZANIN, M.; DIAS, L. S. (org.). **Resíduos sólidos urbanos**: aproximação ao tema em cidades de Cuba e Brasil. Tupã: ANAP, 2018. cap. 5, p. 89-108.

SERAFIM, M. P. Convergência entre a política de inclusão social e política de ciência e tecnologia: enfoque tecnológico para inclusão social. *In*: DAGNINO, R. (org.). **Estudossociais da ciência e tecnologia e política**

de ciência e tecnologia: abordagens alternativas para uma nova América Latina. Campina Grande: EDUEPB, 2010. cap. 7, p. 189-211.

SOUZA SANTOS, B. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1987. cap.3, p.46-49.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

ZANIN, M. *et al.* Incubadora universitária e cooperativa de catadores: apoio em diferentes cenários. **Revista Ciência em Extensão**, São Paulo, v.14, n.4, p.9-28, 2018. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/viewFile/1754/2157. Acesso em: 12 out. 2019.

ZAUITH, G.; HAYASHI, M. C. P. A influência de Paulo Freire no ensino de ciências e na educação CTS: uma análise bibliométrica. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 49, p.267-293, mar. 2013.

VIVENCIAR EXPERIÊNCIAS: registros de saberes e fazeres em território rural

Teodoro Borelli Bratfisch²

Para a introdução neste estudo faz-se importante a apresentação do panorama geral sociocultural e econômico do Distrito de Bueno de Andrada, situado em território rural no município de Araraquara no Estado de São Paulo, que se estrutura pela iniciativa privada para o desenvolvimento socioeconômico criativo e sustentável pela Agricultura Familiar com potencial para se promover Turismo Rural.

Bueno de Andrada é o único distrito rural deste município e localizado a noroeste do distrito-sede, com vila urbanizada que é cortada por uma estrada vicinal municipal asfaltada e paralela à rodovia SP 310 rumo ao município de Matão.

O Distrito araraquarense possui cerca de 90 famílias, moradoras na vila rural urbanizada e mais 320 nos dois assentamentos no entorno, Horto de Bueno e Monte Alegre, constituídos nos anos 80 pela reforma agrária estadual, somando-se 2.000 moradores rurais e agricultores familiares. Tornou-se famoso em âmbito nacional pelo quitute culinário comercializado na localidade - "Coxinhas" - desde o ano de 2001, quando recebeu visita do escritor araraquarense Ignácio de Loyola Brandão, imortal da Academia Brasileira de Letras (2019), que fez uma crônica referente à localidade com repercussão em vários periódicos da imprensa brasileira e nos dias de hoje tem muitos visitantes e turistas, como também por consequência econômica, devido ao desvio de rota do pedágio da rodovia estadual, com cobrança de taxa maior que a cobrada no pedágio municipal para veículos automotores, por onde transitam diariamente um fluxo de cerca de cinco mil veículos.

Bueno de Andrada está se transformando num centro de gastronomia localizado em frente ao canteiro central defronte à ferrovia em funcionamento como importante ramal de movimentação intermitente e crescente de carga e na antiga e preservada Estação Ferroviária, inaugurada em 1898, hoje desativada, que serviu para o escoamento do café produzido nas fazendas locais e regionais e para a distribuição de eucalipto para abastecimento das fornalhas das 'Marias-Fumaças' à época,

² Contato:theopublicitario@gmail.com

que atualmente nos fins de semana, serve como espaço para a exposição e venda de artesanato local e de produtos artesanais.

Integra esse cenário bucólico, a Capela Sagrado Coração de Jesus, datada do período de sua construção entre 1912 e 1926, localizada ao fundo e do lado direito frontal da Estação Ferroviária.

São construções históricas avistadas e contempladas do canteiro central onde são montadas mesas e cadeiras à sombra das árvores, que sugere uma viagem de volta para o passado, com os visitantes e turistas aspirando um ambiente de paz e tranquilidade que encanta a todos durante o descanso, o lazer e a gastronomia.

Implementar o projeto Trem Turístico, interligando-se a Estação Ferroviária de Araraquara à Estação Ferroviária de Bueno de Andrada, está em pauta junto à Comissão Especial de Estudos - CEE Parque dos Trilhos da Câmara Municipal de Araraquara e a Secretaria de Estado do Turismo.

Além disso, o Distrito de Bueno de Andrada conta com dois festivais cultural-gastronômicos, instituídos por lei municipal e duas leis estaduais, no calendário municipal de eventos e no calendário turístico estadual. No que tange ao Festival do Pastel & Caldo de Cana, desde 2009 no mês de setembro e do Festival Delícias do Milho, desde 2010 no mês de junho, que juntos atraem potencialmente em apenas dois finais de semana por ano, cerca de 90 mil visitantes e turistas, que apresentam pratos culinários típicos e premiados em âmbito estadual, respectivamente, *Pastelito de Bueno* e *Trem de Milho*, representantes da culinária caipira paulista pela Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo, sendo que o Festival Delícias do Milho também está contemplado com o Selo Enchefs Brasil - São Paulo, na categoria Rota Gastronômica - Destinos Turísticos.

O principal objeto desse estudo é a implantação e implementação do Centro Cultural Museu da Roça de Bueno de Andrada, em se tratando do primeiro museu regional do Homem do Campo e no meio rural paulista (e no Brasil), como equipamento público cultural e turístico em área rural, distando cerca de dois quilômetros em linha reta da estrada vicinal na entrada da vila urbanizada do Distrito, na antiga sede da Fazenda Monte Alegre no Horto de Bueno, onde havia produção de eucalipto como matéria-prima para abastecer a Estrada de Ferro Paulista, utilizado nas fornalhas das Marias-Fumaças e como dormentes para os trilhos ferroviários.

Na área estadual do Horto de Bueno, existem duas casas centenárias, sob tutela da Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo (ITESP), em processo para concessão de uso de interesse requerido pela Associação de Bueno de Andrada para Cultura e Turismo Rural (ABATur).

No entorno dessa área a ser destinada para o equipamento público, vivem três dezenas de famílias de pequenos agricultores familiares, que deixaram de ser boias-frias, mão de obra desempregada, em função da mecanização da colheita de cana-de-açúcar, que desde 1985, formam o assentamento rural estadual Horto de Bueno.

O Centro Cultural Museu da Roça como ponto atrator regional de Turismo, visa a geração de renda na localidade rural como indutora do Turismo Rural, destacando-se os atrativos naturais do campo, com formatos de produtos e serviços turísticos, categorizados como novos negócios no campo e em parcerias com a cadeia produtiva do setor turístico, além de se realizar melhorias necessárias com infraestrutura de acesso, sinalização e iluminação no entorno, entre outros, para a qualidade de vida dessa população local, que envolve qualificação e capacitações profissionais diversificadas correlacionadas, como receptivo, monitoria, etc.

Na área requerida com duas construções centenárias, a proposta é que, na Casa 1 principal o Museu deverá abrigar uma galeria de imagens e registros históricos dos saberes e fazeres rurais, com exposição fixa de objetos rudimentares utilizados no dia a dia e na cultura agrícola no meio rural, como Centro Cultural e Ponto de Informações Turísticas, e na Casa 2 geminada A uma loja com produtos manufaturados artesanalmente e artesanato regional e, na Casa 2 geminada B um espaço gastronômico gourmet caipira com pratos típicos premiados, entre outros. A aderência do Centro Cultural ao Museu deverá atender fins de Educação patrimonial-cultural-ambiental.

Recomenda-se ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por meio de parecer técnico favorável do Ministério Público Federal, o tombamento de bens materiais tangíveis, além das duas casas centenárias na antiga Fazenda do Horto de Bueno, a Capela Sagrado Coração de Jesus e a Estação Ferroviária com uma casa contígua de fundos e imóveis na plataforma de embarque e desembarque, e o registro de bens imateriais intangíveis, sendo objeto principal, a Festa do Padroeiro Sagrado Coração de Jesus, com registro de ocorrência desde 1912, dentre outros, comidas à base de milho verde, doces e compotas, cachaça artesanal, melado de cana e rapadura, danças regionais, além da Coxinha (quitute), a serem atribuídos ao Distrito de Bueno de Andrada como Patrimônio Brasileiro em âmbito municipal.

Esse estudo tem por base autores diversos, com o propósito de dar um sentido de unicidade a que se apresenta e defere.

‘Conhecer o *Outro*’ inova as perspectivas acerca dos sujeitos construtores dos saberes e fazeres e seus modos de vida em territórios

rurais, e possibilita uma reflexão dos métodos de se fazer Ciência de modo interdisciplinar com outras áreas do conhecimento.

A linguagem científica faz-se necessária para explicar objetos de pesquisas, para estudo interdisciplinar no campo de trabalhos acadêmicos, no que diz respeito ao objeto deste estudo, para reflexão das relações ciência-tecnologia-sociedade no mundo contemporâneo, aproximando-se os estudos acadêmicos e o ativismo social, para a representação com reflexão ética das atuais tendências educativas sobre essa temática.

O estudo da Taxonomia agrupando-se os saberes e fazeres aos modos de vida em território rural, captaria novos conhecimentos para se criar conteúdos comunicacionais à formação permanente de crianças, jovens e adultos, em parcerias com instituições voltadas para a formação sociocultural desse público eclético em diversas áreas do conhecimento e para extensão pedagógica técnico-rural a ser implementada no Centro Cultural Museu da Roça de Bueno de Andrada, de forma a proporcionar a interatividade com o *Outro* e a representatividade do *Outro*.

A classificação sistemática como ferramenta do pesquisador, propicia um novo mecanismo de busca que valem-se dela, como a Taxonomia, e em outras aplicações, como em Ontologia, dentro de um sistema de navegação (online), utilizando-se de princípios classificatórios.

Em Ciência da Informação, a Taxonomia canônica de unidades sistemáticas, relaciona-se à classificação binária ou dicotômica que revela relações de família, gênero e espécie, que não permitem a agregação de novos assuntos depois da taxonomia construída.

Pesquisas científicas nesse cenário, permitem às instituições museológicas, conhecer e identificar seus públicos, de acordo com sua missão, como também, criar e aperfeiçoar seus programas, permitindo que a instituição entenda melhor os seus interlocutores/visitantes e os seus 'não-visitantes'.

Sabe-se que são três os tipos de motivações ao se visitar um museu:

1 - razões sociais e recreativas, ou seja, com a finalidade de diversão ou convívio em local agradável; 2 - razões educacionais; 3 - razões 'reverenciais' (*reverential reasons*), movidas pelo interesse por objetos únicos e monumentos sacralizados. Pesquisas com visitantes podem ocultar certas razões de visitação, as pessoas podem responder que o motivo de sua visita é apenas diversão, mas a expectativa pode ser outra, como elemento implícito às motivações, considerando-se que satisfeitas as curiosidades quaisquer que sejam que os visitantes não consigam expressar, também estarão adquirindo conhecimento. O aspecto

fundamental da experiência museal se relaciona às expectativas na composição do contexto pessoal, vinculado ao planejamento da visita ao museu. (FALK; DIERKING, 1992, p. 14):

Em várias partes do mundo, são aceitos os conceitos de público frequentador, público ocasional e 'não-visitante', da autora e pesquisadora Marilyn Hood (1983), no que se refere ao Brasil, haveria de se pesquisar categorias de públicos de museus, exemplificando, como a categoria de 'não-visitante', quem não visitou museu por determinado tempo ou nunca adentrou em algum, haveria de se criar padrões brasileiros de frequentadores, visitantes ocasionais e não-visitantes de museus brasileiros, em se tratando de uma lacuna para o melhor entendimento para se propor soluções e adequações, com embasamento em estudos científicos

Os aportes com contribuições de indivíduos em grupos familiares em territórios rurais, favorecem o processo científico para registros antropológicos, de modo dialógico, implicando as partes interessadas, o pesquisador e seu *Outro*: "Necessitamos de uma linguagem para a experiência, para elaborar (com outros) o sentido ou a falta de sentido de nossa experiência, a sua, a minha, a de cada um, a de qualquer um." (LARROSA, 2019, p. 68).

O objetivo principal deste estudo é 'Conhecer o *Outro*', dentro de uma perspectiva enunciativa e polifônica, como metodologia dialógica, tal como proposta por Mikhail Bakhtin, como uma alternativa para análise das abordagens positivistas e objetivistas quanto ao relativismo e subjetivismo dos enfoques contemporâneos (AMORIM, 2004), atualmente se faz necessário, recompor os retratos que a sociedade ocidental se deu dos seus marginais mas enigmáticos e longínquos, mas também aqueles que ela se deu de si mesma, ao designar assim os comportamentos mais distantes dos seus.

Promover o acesso à informação e à documentação de maneira sistematizada e mediada acerca das cognições para as temáticas a serem propostas aos anseios dos públicos e aos 'não-visitantes' de museus, formar acervo, criar conteúdos com o registro de escrita, imagem e som, utilizar-se de registros em cadernos pelo interlocutor, são finalidades deste estudo.

Em seus escritos sobre experiência (LARROSA, 2019) afirma que a experiência é menosprezada pela ciência, e por isso essas duas linguagens não se confluem.

Na Ciência Moderna a experiência é convertida em experimento, é objetivada, homogênea, sob controle é calculada, fabricada. A Experiência é

capturada pela Ciência que a constrói, elabora e expõe com pretensões de universalidade, segundo seu ponto de vista objetivo.

O pensador Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934), também buscava compreender o problema do outro.

Sendo o conhecimento basicamente mercadoria e, estritamente pragmático, num sentido estritamente instrumental, o problema da construção da identidade que designa o *Outro* de cada um está presente em Ciências Humanas, e se observa principalmente em sua escrita, com as indicações de alteridade nos textos para a representação de sua própria identidade (AMORIM, 2004).

Com origem no latim, a palavra Alteridade, é formada pela junção de “alter” (o outro) com o sufixo “tatis” (dade), e o termo alteridade é abordado na Psicologia, Filosofia e pela Antropologia, se refere ao que é *Outro*, sobre alguém diferente e seu conceito em sua vertente social, sendo um dos princípios fundamentais na relação interativa de um Homem com o *Outro*. O ‘Eu’ individual existe pelo contato com o ‘Outro’, ou com seu coletivo. Alteridade depreende dois sentidos interdependentes criados pela relação de sociabilidade e a diferença entre o indivíduo em conjunto e o indivíduo em sua essência, onde a lógica para a individualidade é que exista seu coletivo. Interagindo, os indivíduos reafirmam o que faz parte de si e o que faz parte do mundo externo.

Um dos autores da Psicologia, Michel Foucault (1969), em seu ensaio sobre a noção de autor, desfaz-se desta noção e propõe a discursividade fundada por Bakhtin (1895-1975), permitiria a discussão em torno das Ciências Humanas, incluindo-se a questão da alteridade para a organização da produção de conhecimentos para a busca da verdade científica.

A identificação e a empatia com o *Outro* permitiria conhecer o *Outro*, de modo a compreender, interpretar e explicar, traduzir e mostrar a descontinuidade e o intervalo da práxis da Alteridade.

Propõe-se a interação junto aos narradores e detentores das práticas e saberes rurais, reunindo-se produtores rurais e agricultores familiares, conhecendo seu meio ambiente natural de trabalho no campo, em território rural, onde o pesquisador esteja disposto para escutar e observar, dialogar em exercício da experimentação que não se confunde com experimento, utilizando-se de recursos audiovisuais e escrita como instrumentos para materializar as interações dinâmicas e para a representação do ‘*Outro*’.

Para tanto, deveriam ser realizadas pesquisas qualitativas que colaborem para o melhor entendimento e tomada de decisões acerca da

implantação e implementação do equipamento cultural e turístico em questão. Utilizando-se de pesquisa de públicos em equipamentos associados ao Turismo Rural em fazendas históricas, para orientar a formulação da mediação de públicos ao equipamento cultural e turístico que se pretende implantar com base nos perfis desses públicos. Deve ser realizada uma pesquisa de identidade com grupos de interesse local no meio rural e acerca das expectativas sobre a instalação do equipamento cultural e turístico no entorno da comunidade. Registros videográficos e depoimentos sobre saberes e fazeres rurais e modos de vida em território rural. E, complementando-se o estudo com aplicação de pesquisa aberta e entrevistas com visitantes e turistas na localidade.

Consideram-se Museus, de acordo com o Estatuto de Museus, disposto na Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, Art. 1º:

instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (BRASIL, 2009).

A definição elaborada pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) determina com mais detalhes, explicando as características dos museus.

A apresentação de conhecimento apreendido durante esse estudo deverá se materializar num plano diretor e núcleo museológico para a mediação do saber da experiência entre o conhecimento e a vida, quanto à implantação e implementação do Centro Cultural Museu da Roça de Bueno de Andrada.

Vivenciar a experiência:

O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos. É importante, porém, ter presente que, do ponto de vista da experiência, nem 'conhecimento' nem 'vida' significam o que significam habitualmente. (LARROSA, 2019, p. 30).

E, em referência à mediação da Informação:

toda ação de interferência - realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e

de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais. (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 92).

A mediação de públicos em equipamentos culturais e turísticos, viria facilitar o acesso à informação e à documentação de maneira sistematizada e mediada acerca das cognições para as temáticas museais propostas aos anseios dos públicos e aos 'não-visitantes' de museus, comparando-se com a frequência em outros espaços de lazer, aprendizagem e socialização.

A diversificação dos públicos de museus representa um grande desafio contemporâneo no século XXI, considerando-se que grande parte da população está afastada dos equipamentos museais e de modo geral das instituições culturais. Sem a representação de aspectos de culturas de grupos e de comunidades na programação e representações temáticas dos museus, seria motivo para que não se frequentem museus, considerando-se demais barreiras para a maioria da população, como a falta de interesse e de hábito cultural, condições financeiras, acolhimento no museu, dentre outras justificativas, a falta de disponibilidade de tempo.

O aspecto fundamental da experiência museal é a valorização da motivação associada ao contexto pessoal e aos seus principais elementos culturais, vinculados ao planejamento da visita e às suas expectativas e motivações (FALK; DIERKING, 1992).

Estudos de públicos de museus revelam que a recomendação de amigos, parentes ou professores, traduzido pela expressão 'boca a boca' influencia uma pessoa a visitar um museu.

No campo das Ciências da Informação, Computação e Documentação, parece ser plausível, utilizar-se de ferramentas para a organização e o registro dos bens patrimoniais, socioculturais e ambientais, como o Sistema Memória Virtual Rural, que permitiria um Padrão de Descrição de Informação (PDI), a fim de se descrever bens patrimoniais rurais materiais e imateriais existentes e relacionados ao Homem do Campo, utilizando-se como metodologia a ser aplicada *in loco* no universo da pesquisa com bases na experiência e na observação, para se estudar e documentar os saberes e fazeres e modos de viver do Homem do Campo e noções de conservação ambiental em território rural (ALMEIDA, 2014).

As relações do Homem-mundo mostram-se relações de construções e aprendizagem, onde o espaço agrário pode ser visto como mais um ambiente passível da comunicação educadora como tantos outros espaços não-tradicionais. Paulo Freire publicou, em 1969, pelo Instituto de

Capacitación e Investigación en Reforma Agrária, em Santiago de Chile, sua obra *Extensão ou Comunicação?* Questiona qual seria a melhor metodologia a ser aplicada pelo indivíduo responsável por uma ação transformadora por meio do ensino: estender seu conhecimento ou basear-se na comunicação para modificar os cenários que precisam de mudanças?

Várias ideias do filósofo e pensador russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1825) podem ser encontradas na obra do historiador italiano Carlo Ginzburg (1939), sobre a existência de *uma outra cultura* – popular - e valores e códigos que lhes são próprios, como algo que foi negligenciado, deixado à margem, pelo paradigma científico da sociedade moderna. Para Ginzburg a Cultura Popular como *intuição indiciária* é um meio privilegiado de difusão de um núcleo mítico que, na verdade, lhe transcende integralmente, pois é o patrimônio da *humanidade* (KUSCHNIR, 1991, p. 37). O sujeito que Bakhtin nos apresenta é essencialmente coletivo, preocupado em definir Cultura e não uma Sociedade, sendo que na Cultura Popular se apreende uma *sabedoria* especial como ética de múltiplas possibilidades. Com referência ao patrimônio Cultural Rural:

O Patrimônio Cultural Rural é o conjunto de materiais e imateriais decorrentes das práticas, dos costumes e das iniciativas produtivas que se estabelecem, historicamente e territorialmente, na área rural. O projeto de pesquisa proposto tem como objetivo principal disponibilizar instrumentos e metodologias de gestão, de conservação e de difusão para os responsáveis por esse patrimônio cultural rural, tanto os proprietários quanto às respectivas instâncias públicas pertinentes da área da Cultura, da Educação e do Turismo. (TOGNON, 2008, 2012, p. 79).

Este estudo científico inicial pretende mostrar caminhos para a implantação do Centro Cultural Museu da Roça de Bueno de Andrada, no município de Araraquara, no Estado de São Paulo, para representação temática do Homem do Campo, com resgate da memória rural, a ser produzido com caráter dialógico/aberto como início de um debate, visando despertar junto aos personagens, agentes e atores desse processo, o interesse pelo assunto/tema, de modo que nos permita obter respostas, partindo-se do pressuposto que ninguém realiza nada só, que ideias se complementam, e tudo se transforma.

Considera-se a importância de vivenciar experiências para registros de saberes e fazeres em território rural, como objetivo específico para agregar conhecimentos aos estudos de públicos de museus.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, O.F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009.
- ALMEIDA, M. R. **Padrão de descrição de informação**: avaliação da capacidade representacional de bens materiais. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- CARVALHO, A. Diversidade cultural: da periferia para o coração dos museus. **Boletim ICOM Portugal**, série III, n. 5, Jan. 2016.
- BRASIL. **Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em: 11 fev. 2020.
- CAMPOS, M.; GOMES, H. Taxonomia e classificação: o princípio de categorização. **Datagramazero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, ago. 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/26695>. Acesso em: 13 mar. 2020.
- COSTA, L. S. F. **Critérios e metodologias para a realização de inventário do patrimônio cultural paulista**. 2014. (Relatório de Pesquisa FAPESP).
- FALK, J.; DIERKING, L. **The museum experience**. Washington, DC: Whalesback Books, 1992.
- FALK, J.; DIERKING, L. **Learning from museums**: visitor experiences and the making of meaning. Maryland: Altamira Press, 2000.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Petrópolis: Paz e Terra, 1977.
- FOUCAULT, M. O que é um autor? *In*: FOUCAULT, M. **Ditos e escritos III**: estética: literatura e pintura, música e cinema. Tradução Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- KUSCHNIR, K. Bakhtin, Ginzburg e a cultura popular. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 76-88, 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v3i3p76-88>. Acesso em: 11 fev. 2020.
- LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Tradução Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. (Coleção Experiência e Sentido).

MOLON, S. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

TOGNON, M. **Patrimônio cultural rural paulista: espaço privilegiado para a pesquisa, ensino e turismo**. 2008-2012. Disponível em: <http://www.bv.fapesp.br/pt/auxilios/6214/patrimonio-cultural-rural-paulista-espaco-privilegiado-para-a-pesquisa-ensino-e-turismo/>. Acesso em: 26 nov. 2019.

VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. São Paulo: Hicitec, 1979.

Bibliografia complementar consultada

ALMEIDA, A. M. O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 31-53, 2005. Supl.

ALMEIDA, A. M. Os visitantes do Museu Paulista: um estudo comparativo com os visitantes da Pinacoteca do Estado e do Museu de Zoologia. Programa de pós-doutorado do Instituto de Geociências da Unicamp. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.12, n. 1, p. 269-306, 2004.

CARVALHO, R.M.R. **As transformações da relação museu e público: a influência das tecnologias da informação e comunicação no desenvolvimento de um público virtual**. 2005. 215 p. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CARVALHO, R.M.R. **Exposição em museus e a relação com o público: o processo de comunicação e transferência da informação**.1998.Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro – Escola de Comunicação, 1998.

CARVALHO, R.M.R. **Marketing e relações públicas em Museus Norte-Americanos**.1995.Trabalho de Conclusão de Curso(Especialização) - Programa de Preservação e Difusão de Bens Culturais, Rio de Janeiro: 1995.

CASAZZA I. F. O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28 n. 3, p. 605-606, 2012.

CONCEITO de sociocultural. **Que Conceito**, São Paulo. Disponível em: <http://queconceito.com.br/sociocultural>. Acesso em: 25 nov. 2019.

COSTA, L. F. C.; TOGNON, M.; SCARPELINE, R. O patrimônio arquivístico de antigas fazendas paulistas. **Patrimônio e Memória**, Assis, v. 5, n. 2, p. 98-113 out. 2009.

COSTA, L. S. F.; MANCUSO, M. I. R. Fazendas históricas: cotidiano, gestão, preservação e sustentabilidade. **Revista Ciência em Extensão**, São Paulo, v.8, n.3, p.312-316, 2012.

COSTA, L. S. F.; SCARPELINE, R.; NAKAGAWA, E. Y. Uma proposta teórico-metodológica de inventário patrimonial no contexto das fazendas históricas paulista. In: SEMINÁRIO DE PATRIMÔNIO AGROINDUSTRIAL: lugares de memória, 2., São Carlos. **Anais[...]** São Carlos: USP, 2010.

COSTA JUNIOR, M. P. Tendências da pesquisa brasileira em ciência da informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 9, n. 2, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/27427>. Acesso em: 25 nov. 2019.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. 21. ed. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Caderno de Pesquisas**, São Paulo, n.116, p. 21-39, July 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14397.pdf> Acesso em: 20 maio 2018.

FRÓIS, J. P.; SILVA C. A experiência de visitas a museus por estudantes universitários portugueses de artes, humanidades e ciências sociais: percepções, motivações e atitudes. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Coimbra, v. 50, n. 2, p. 5-26, 2016.

HOOD, M. G. Staying away: why people choose not to visit museums. **Museum News**, USA, v. 61, n. 4, p. 50-57, 1983.

HORTA, M.L.P.; GRUMBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museus em números**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

MARTINS, L. C. *et al.* **Que público é esse?** Formação de públicos de museus e centros culturais. São Paulo: Percebe, 2013.

MEY, E. S. A.; SILVEIRA, N. C. **Catálogo no plural**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

MIGUEL, A. Historiografia e terapia na cidade da linguagem de Wittgenstein. **Bolema**, Rio Claro, SP, v. 30, n. 55, p. 368-389, ago. 2016. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/2912/291245779004/>. Acesso em: 20 maio 2018.

MONTEIRO, C. A. B.; SANTO, S.M.E. Para além dos muros da universidade: relato de experiência na disciplina de mediação e recepção da informação. **Biblionline**, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 145-155, 2018.

MOURA, M. A.; COSTA, L.M.S. Estudo comparativo do padrão de descrição de informação e MARC 21 em Livro. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2016, Londrina. **Anais [...]**. Londrina, 2016. Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2016/secin2016/paper/viewFile/292/194>. Acesso em: 10 dez. 2019.

REMELGADO, A. P. S. L. **Estratégias de comunicação em museus instrumentos de gestão em instituições museológicas**. Tese (Doutorado em Museologia) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2014.

SALDANHA, G. S. Tradições epistemológicas nos estudos de organização dos saberes: uma leitura histórico-epistêmica a partir da filosofia da linguagem. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p. 300-315, 2010.

SANTO, S. M. E. **O colecionador público documentalista: museu histórico e de ordem geral Plínio Travassos dos Santos de Ribeirão Preto**. 2009. 206 p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Marília, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/100795>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SUANO, M. **O que é Museus**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

O PROFESSOR COMO UM ARTESÃO

Luís Fernando Soares Zuin³

Poliana Bruno Zuin

Gosto de pensar que o professor como um artesão, ainda mais nestes dias que envolvem as mais variadas formas de relações por via digital, deixando de lado a vida que passa, ao lado, no mundo concreto, no tempo. Provavelmente, alguém já deve ter cunhado a expressão “artesão digital”, eu ainda não consigo visualizar o que seria isso, mas...

Para mim, o artesão é aquele intervém no mundo concreto com as mãos, olhar, uma ação, modificando a sua plasticidade, que teima em retroceder no contemporâneo. Por outro lado o professor artesão imprime nas coisas que trabalha um ato único e temporal, experienciando, transformando, a realidade em sua volta.

O professor artesão sabe que o seu ato é responsável, na sua posição ativa perante o aprendizado e ensino para junto e com o outro, o aluno (BAKHTIN, 2010). Entende que a partir da sua experiência poderá ofertar ao aluno um ambiente ativo de aprendizado. Ele sabe que o encontro de sentidos durante um encontro no mundo concreto ocorre num ambiente *de encontro* e não *ao encontro* de sentidos e significados. Pois sabe que cada um dos alunos possui uma vivência e experiência únicas, fazendo com que cada um tenha sua história.

Larrosa vai além (2019, p.23), relata que o comprometimento do professor no ato de ensinar deve estar presente antes do encontro físico entre ele e aluno. O trabalho de se preparar para esse momento é determinado por uma postura responsável, que determina e assume um ponto de vista. O ato de pensar e desenvolver várias formas e caminhos pedagógicas, bem como essa forma de interação irá percorrer os encontros nas rotinas dos professores, de forma profunda no aluno, a busca de uma conscientização do mundo concreto que o rodeia. Para o autor que diz:

De fato, a ideia de experiência no ofício tem a ver, fundamentalmente, com atenção ao mundo (e com a reponsabilidade para com o mundo), com o fazer as coisas bem feitas, e não apenas e principalmente, com a formação e transformação do sujeito.

³Contato: lfzuin@usp.br

O ato de pensar as práticas do ato de ensinar no contexto do professor artesão estaria relacionado a um tempo longo, lento, não se preocupando com datas de entregas de avaliações, a pressa. O professor artesão precisa de tempo para não apenas para pesquisar algo, ver e sentir a realidade que o cerca, cotejar com textos e experiências produzindo algo único, atemporal e não se repete e com isso relacionar e explicitar o conteúdo de uma experiência, ou de várias, suas e do aluno. Observa Larossa (2019, p.23):

Se a investigação tem haver com ler e reler, pensar e repensar, falar e escutar, escrever e reescrever, conversar, entender-se-á que não pode se ajustar à lógica dos prazos e deadlines. O dar tempo (um tempo à parte da produtividade e da lucratividade) é também, talvez, a operação fundamental que a escola faz, a primeira condição da educação e o gesto básico do professor.

Para Larossa (2019, p.22), o professor artesão busca na sua experiência a forma e caminhos para desenvolver e oferta junto com os alunos as suas interações pedagógicas. Um conhecimento adquirido ao longo dos anos que lecionou, um conhecimento diferente daquele encontrado nos livros, nos artigos, do olhar cartesiano, que tendê a separar as coisas. Um conhecimento que em muitos casos pode ser visto no seu corpo, na condução de suas interações com os alunos, seus colegas. O conhecimento da experiência pode ser observado durante as suas práticas ao longo do seu dia, suas escolhas, nas mais variadas formas de interações, não somente na escola, mas sua ação pedagógica transborda para outros locais, para outras pessoas, para outros momentos. O autor observa que:

A experiência como o que compõe uma forma de vida; e o conhecimento da experiência como conhecimento corporalizado, incorporado, encarnado. O terceiro motivo foi o conhecimento da experiência como conhecimento prático, derivado de uma relação altamente comprometida com o mundo. O conhecimento da experiência como: uma confiança não cognitiva, não discursiva, incorporada na própria atuação. Um conhecimento que alguns educadores possuem, aqueles que reconhecemos como mestres em seu ofício.

A oferta para o professor de ambientes de ensino pré-moldados, desenvolvidos de forma distante de suas rotinas de trabalho, faz com que ocorra um distanciamento e uma clara negligência da sua experiência. Ele é transformado em um replicador de conhecimentos imerso em uma

educação bancária, como observou em seus estudos Freire (1988). Como relata Larossa (2019, p.22) a experiência encontra-se intimamente relacionada com o saber-fazer a qual foi historicamente foi constituída no educador:

A experiência como maestria no ofício; como uma maestria que não se tem apenas como uma capacidade ou um saber-fazer de caráter técnico, como uma ferramenta, mas sim que está incorporando naquilo que é, na maneira própria de cada um de fazer as coisas. O quarto motivo já estava relacionado com o que acontece quando a experiência é colocada a distância (ou quando nos colocamos à distância da experiência) e se tona um motivo de investigação; tinha a ver com a relação entre experiência e pensamento.

Para Larossa (2019) a prática de um professor é constituída a partir da sua experiência e não sobre ela. O que torna totalmente diferente esse posicionamento dessa construção é que a partir da experiência o professor amplia a sua visão de mundo, não fica restrito e preso a um resgate e releitura de um passado, sobre algo que não experienciou, que foi imposto. Quando inicia algo a partir da sua experiência abre a oportunidade nas mais inúmeras relações da vida de ter outra experiência. Oportunidade, pois a experiência é algo que nos acontece, que a vida nos oferta e que nos marca. O professor tenta passar para as palavras, a escrita, o que representou, marcou a sua experiência. Neste momento, as palavras abrem um caminho a força, a fórceps, tanto para ele com o o outro, expondo um olhar do mundo de forma poderosa e transformadora. O qual o outro que não possui a experiência fica aberto, ou pode em ato de negação se fechar, em revolta, mas nunca o outro fica na passividade no momento do diálogo. Pois não possui ou não consegue identificar nele outra experiência para contrapor a fala do professor. Larossa na mesma obra relata que:

Não se escreve sobre a experiência, mas sim a partir dela. O mundo não é somente algo sobre o que falamos, mas logo a partir de que falamos. É a partir daí, a partir do nosso ser no mundo, que temos algo a aprender, algo para dizer, algo para contar, algo para escrever. Além disso, as palavras não apenas representam o mundo, mas também o abrem, não são apenas uma ferramenta, mas também um caminho ou uma força. Ou ainda de outro modo, a linguagem como o tato mais fino (p.23).

Larossa (2019, p.23) evidencia a importância do emprego do termo ofício em contraposição as palavras-chaves contemporâneas da educação, como: qualidade, profissionalização, entre outras. Para o autor, é importante

despertar no aluno, talvez um futuro professor, o seu lado mais orgânico para uma docência, algo construído através e por meio da sua experiência, a partir dela, um ofício:

A partir daí, formulamos aqueles que poderiam ser os tópicos do cursos: a educação como profissão e a pesquisa como profissão ou, se preferir, o ofício de educar e o ofício de pesquisar. Também: a experiência no ofício, a maestria no ofício, a relação com o mundo e consigo mesmo no ofício, a linguagem do ofício, a aprendizagem do ofício; usar o ponto de vista do ofício como uma maneira de se distanciar de algumas doxas contemporâneas que têm a ver com a profissionalização, a produtividade, a padronização e a mercantilização tanto da educação quanto da pesquisa.

Tive um avô, Antônio, que me ensinou a trabalhar com suas ferramentas, uma das suas primeiras lições que me deu, na beira da sua bancada de madeira na sua oficina, foi “sem a ferramenta certa fica muito difícil concertar alguma coisa”. Escolhia as ferramentas e demais materiais e deixava em cima de sua bancada. Quando fazia algo de errado ele surria e voltava a me ensinar. E o errado poderia ser muito bem uma bela martelada no meu dedo. Você tem que saber e buscar a ferramenta certa, o olhar, a abordagem. Hoje cuidando do jardim da minha casa com a minha esposa Poliana e filha Ana Flor ainda falo as mesmas coisas para elas “sem a ferramenta certa...”. Neste momento não consigo deixar de pensar no meu avô e suas experiências. Dou um pequeno sorriso e neste momento consigo ver e sentir o quando o meu avô marcou a minha alma, com seu carinho e atenção. E me ajudou a ver o mundo por meio das suas experiências, do seu olhar, da sua atenção e carinho.

Mas mesmo no contemporâneo com tamanha transferência do trabalho e relações para o mundo virtual, eu ainda admiro profundamente quando minha filha passa horas na sua escrivaninha desenhando, com um papel e lápis. Uma artesã. Vejo o orgânico da vida iniciando e acontecendo na minha frente, surgindo. Com cheiros e texturas. Proporcionando em mim a significação diária da experiência de ser pai. Pois a experiência para Larrosa (2015) é paixão, e possui três elementos constitutivos: amor, sofrimento e responsabilidade. Algo que se encontra em todos nós, professores, pais, alunos, filhos, no outro.

Ainda acredito que a ferramenta certa para nós professores muitas vezes não passa de um lápis, papel e nossa voz, onde tem um início o planejamento e depois a nossa intervenção no mundo concreto, a partir da nossas experiências. A significação de um caminho que busca mudar uma

realidade que queremos, transformar de forma responsiva junto com o aluno essa realidade. E que ela seja mais justa e solidária para todos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

LARROSA, J. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

PRÁTICAS DIALÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL interações e aproximações entre professor e famílias

Poliana Bruno Zuin⁴
Luís Fernando Soares Zuin
Amarílio Ferreira Júnior

A dialogicidade de nossa prática como professores iniciou-se antes mesmo de nos constituirmos como casal. Ao longo desses quinze anos de comunhão fomos nos constituindo professores e educadores em diferentes contextos educativos numa relação de parceria: ensino superior, de pós-graduação, em cursos e palestras, em educação à distância, processos de ensino e aprendizado no meio rural e também na educação infantil, como pais da nossa pequena Ana Flor e como professora.

Nesse sentido, esse artigo resulta-se da palestra dada na disciplina “CTS-065 - A Linguagem como Atividade Constitutiva nos Processos de Ensino e Aprendizado nas Organizações”, do Prof. Dr. Luís Fernando Soares Zuin, em que se buscou trazer contribuições de Vygotsky, Bakhtin e Paulo Freire para os processos de ensino e aprendizado que se constituem na Educação Infantil, a partir da dialogicidade e parceria de professor e famílias.

As preocupações e objetivos educativos se diferem nos diferentes níveis educacionais, a Educação Infantil possui uma peculiaridade ainda maior, uma vez que as crianças pequenas estão desvendando o mundo, aprendendo e se desenvolvendo. Nesse desenvolvimento cognitivo, motor e até mesmo fisiológico, aprendem a falar, a caminhar e, por vezes, adoecem, uma vez que seu sistema imunológico ainda não está formado. Isto posto, a maioria das crianças e das famílias passa ainda por uma mudança muitas vezes necessária, a entrada da criança em ambientes escolares, pois as famílias necessitam trabalhar. Esse costuma ser um momento de grande fragilidade para os familiares, principalmente para as mães, que a geraram, amamentaram e recebem agora longe de seus filhos. Diante deste contexto, a Educação Infantil, precisa se preparar cada vez mais para acolher essas famílias, trazendo-as para o espaço escolar e propiciando o

⁴ Esse artigo é resultado de uma pesquisa de Pós-Doutorado relativa à minha prática como docente na Unidade de Atendimento à Criança- UAC-UFSCar sob a supervisão do Prof. Dr. Amarílio Ferreira Júnior do Departamento de Educação – DED- UFSCar. Contato: polianazuin@gmail.com

convívio desses pais na rotina da sala de aula, mesmo que seja via tecnologias.

Nesses seis anos como docente em uma Unidade de Educação Infantil, por meio da dialogicidade, fomos testando mecanismos e os aprimorando e hoje, podemos afirmar que a relação de dialogicidade e parceria entre a prática da professora com as famílias fundamenta as relações de ensino e aprendizado dos pequenos da faixa etária dos 2 a 4 anos.

Utilizando os conceitos de mediação de Vygotsky (2009) como ponte que se instaura nas relações entre homens e homens e homens com os objetos, as mediações entre professores e famílias devem se constituir em uma parceria em prol da criança, de seu aprendizado e desenvolvimento. Ainda com relação a parte conceitual, Paulo Freire nos traz a leitura de mundo como fundante das relações de ensino e aprendizado, lembrando-nos de que é preciso uma escuta sensível das necessidades daqueles que estão no nosso convívio, nesse caso das crianças e das famílias. Bakhtin (2010) nos traz os conceitos de dialogia e o que nos permite também ter essa escuta sensível dos anseios da criança e das famílias.

Para que se possa instaurar a relação de parceria é feita uma reunião junto às famílias a fim de se conhecerem e para que a professora possa mostrar a importância dessa parceria, bem como os objetivos do processo de ensino e aprendizado em prol das crianças. Alguns projetos ainda contam com a parceria das famílias, sendo um projeto denominado: “Que Fruta tem na Cesta da Chapeuzinho Vermelho?” e o outro chamado “Profissões”. Contamos ainda com os seguintes projetos que buscam o apoio das famílias: “Libras”, “Sentimentos” e outro referente ao “Livro Viajante”. Passamos a descrição de cada um deles.

O projeto denominado “Que fruta tem na cesta da Chapeuzinho Vermelho?” visa trabalhar a alimentação saudável, bem como o gênero receita, a partir do preparo de um prato da criança juntamente com o seu responsável a fim de compartilhar com os amigos na salinha. Já o projeto profissões tem como objetivo que os pais falem de suas profissões e proponham atividades com as crianças, por exemplo: bibliotecários podem conscientizar sobre os cuidados com os livros, propor uma vivência com as crianças até a biblioteca para mostrar formas de catalogar os livros e propor até uma atividade de organização das obras na sala de aula/biblioteca da UAC. Os arquitetos poderiam mostrar algumas imagens e produtos, bem como algumas construções por meio de aula-passeio e propor a construção de maquetes com as crianças. O educador físico poderia propor algumas

atividades para as crianças, etc. O químico poderia trazer algumas coisas interessantes para as crianças, como gelo seco, vulcão com lava feito de vinagre, etc. O biólogo poderia levar as crianças até um laboratório para visualizar larvas no microscópio, etc. As aulas-passeio permitem que a criança tenha a experiência nos locais de trabalhando aumentando o leque de significações que podem fazer a partir daquilo que lhes é apresentado. O “Projeto Livro Viajante” busca estimular a leitura entre a criança e seus familiares. Um portfólio é enviado juntamente com o livro para que os pais possam registrar as emoções das crianças, o que conversaram, momento em que foi registrada a leitura, se a criança quis que fosse realizada a leitura mais de uma vez, etc. Nesta folha a criança pode desenhar a parte do livro que mais gostou. Com relação ao “Projeto LIBRAS” busca-se por meio de um projeto de extensão com uma orientanda de Mestrado ensinar a Libras por meio da leitura do livro “Crianças como você”- UNICEF. A parceria com as famílias está envolta aos meios tecnológicos onde são enviadas as palavras que foram trabalhadas, bem como vídeos curtos referentes aos sinais. Outro projeto que necessita da dialogicidade é “Projeto Sentimentos” em que se busca trabalhar diferentes tipos de sentimentos com as crianças em sala de aula, bem como o envio às famílias um portfólio contendo a emoção trabalhada com alguma atividade em que permita a ela retomar com a criança esse sentimento e resgatá-lo sempre que necessário. Na sala há também um painel contendo o nome da criança, sua foto e um lugar para que ela possa colocar um rostinho (emoji) feito de feltro de como a criança está se sentindo e incentivando-a a falar o por que de estar se sentindo de determinada maneira.

Outra ferramenta utilizada para a dialogia e parceria entre as famílias refere-se a um “Caderno de Diálogos com as Famílias sobre o Processo de Ensino e Aprendizado da Criança”. Este caderno permite o registro semanal sobre as aprendizagens e comportamentos da criança, além de instituir uma parceria e diálogo com as famílias, pois a professora registra durante a semana como foi a semana da criança e no final de semana os pais registram aquilo que observaram e aquilo que as crianças verbalizavam. Essa forma de documentação permiti que se tenha um feedback das atividades, ao mesmo tempo que possibilitava a ela refletir sobre a sua própria prática. O uso desses cadernos possibilitou que os pais pudessem desabafar sobre os problemas que tinham a respeito de doenças, separações, ou até mesmo o fato de criticar determinada prática, como receitas que contivessem açúcar, enfim, algo que não era falado no *tete a tete*, mas que por meio desse veículo poderia ser falado sem constrangimentos.

Para finalizar, o principal meio de dialogia se dá no ambiente virtual por meio do uso da tecnologia denominado WhatsApp, é por meio desse aplicativo que fotografias diárias são enviadas, recados são dados, lembretes, etc. Essa ferramenta constitui um feedback e o diálogo temporal. Há também alguns aspectos negativos, como indagações relativas a: por que meu filho não apareceu na foto? Por que meu filho não está participando das atividades? Vou chegar atrasada...esperem por mim... enfim, é uma forma de diálogo instantâneo, mas que nem sempre é possível responder esses anseios das famílias.

Este pequeno artigo busca salientar essas práticas de maneira a auxiliar professores que queiram desenvolver ferramentas de parceria que visem auxiliar um bom trabalho de ensino e aprendizado em parceria com as famílias e prol das crianças da tenra idade. Essa relação de parceria existente no processo de ensino e aprendizado deveria existir em qualquer escola e com qualquer professor que se preocupe com a formação da criança, acreditamos que essa seja a amorosidade que Paulo Freire falava, uma amorosidade que passa pelo ensino, que possibilite que a criança amplie a sua leitura de mundo. Uma prática de ensino que conscientize sobre o mundo ao seu redor.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.